

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**COMUNICAR É APRENDER: AS EXPERIÊNCIAS DE
APRENDIZAGEM COLABORATIVA VIA INTERNET ENTRE
ESCOLAS DE ARACAJU**

MARIA CONCEIÇÃO DA SILVA LINHARES

São Cristóvão - Sergipe
OUTUBRO, 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA CONCEIÇÃO DA SILVA LINHARES

**COMUNICAR É APRENDER: AS EXPERIÊNCIAS DE
APRENDIZAGEM COLABORATIVA VIA INTERNET ENTRE
ESCOLAS DE ARACAJU**

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como um dos pré-requisitos para obtenção do Título de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus.

**São Cristóvão - Sergipe
OUTUBRO, 2008**

MARIA CONCEIÇÃO DA SILVA LINHARES

**COMUNICAR É APRENDER: AS EXPERIÊNCIAS DE
APRENDIZAGEM COLABORATIVA VIA INTERNET
ENTRE ESCOLAS DE ARACAJU**

Prof^ª. Dr^ª. Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Monte Lima
Professora da Universidade Tiradentes

Prof^º. Dr^º. Henrique Nou Schneider
Professor da Universidade Federal de Sergipe

Prof^ª. Dr^ª. Solange Lacks
Professora da Universidade Federal de Sergipe

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer a ação colaborativa do outro, como um ato de amor, de doação, de acolhimento, de acompanhamento e de compartilhamento de saberes, de experiências. Não tenho palavras para expressar a minha gratidão a tantos gestos e vozes sublimes das várias pessoas especiais que contribuíram com a realização deste trabalho. Parentes, amigos, professores, colegas. São muitas as pessoas que direta e indiretamente participaram desta caminhada, a todos, o meu agradecimento.

Agradeço de forma especial ao meu esposo, parceiro de todas as horas, Ronaldo, por acreditar antes de mim, que eu seria capaz, pelo incentivo e apoio para realização deste sonho.

Às minhas filhas, Caroline, Juliana e Hannah, meus eternos amores, pelo apoio, pela torcida e compreensão à ausência nos vários momentos de reunião e lazer da família.

À meu pai, José Pedro, à minha mãe, Vilma, às minhas irmãs, Mide, Leide e Mônica, meus Anjos da Guarda.

Agradeço de forma especial, à amiga e orientadora, Sônia Meire pela orientação competente, guiada pela cumplicidade, confiança, comprometimento e respeito.

À professora e amiga Fátima Lima, pelo compromisso com a pesquisa e com esta em especial, pelo olhar crítico, revelador das fragilidades e guia das possibilidades.

Ao professor Henrique Schneider, pelas observações e sugestões, provenientes de uma leitura cuidadosa e análise competente na qualificação.

Às companheiras de trabalho no Projeto “Comunicar é aprender”, Suzi Garção e Solange Villas Boas, pela garra, profissionalismo e vontade de inovar em prol de uma educação melhor.

À Edmê, diretora e coordenadora da Nossa Escola, pelo sim a educação, a experiência, ao saber.

À Edna, professora de Redação e Viviane, professora de Ciências da Nossa Escola, pela postura colaborativa.

Aos alunos, pelo entusiasmo e compromisso com o aprender e pelas lições ensinadas.

Às escolas, laboratório de vida, de ensinar e aprender.

À Deus, luz da minha vida.

RESUMO

Trabalhar com as Tecnologias da Informação e da Comunicação como mediadoras na construção do conhecimento, no espaço escolar não é tarefa fácil, é um desafio coletivo para todos os protagonistas das ações pedagógicas. A compreensão e análise do envolvimento e da produção de alunos e professores na construção colaborativa da aprendizagem nas Salas de Informática - espaços de aprendizagem com suporte computacional, no Projeto “Comunicar é aprender”, é objeto de estudo nesta dissertação, cujo campo de pesquisa esteve situado em duas escolas de Aracaju, o Colégio Nossa Escola, da rede particular e a Escola Estadual Governador Albano Franco, da rede pública de ensino. A análise foi realizada sob as bases teórico metodológicas do Projeto, apoiada na Teoria Sociocultural, de Levy S. Vygotsky e na Lingüística, a partir das contribuições de Bakhtin, bem como um campo de reflexões teórico e prático para compreender a aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC de autores como: Crook (1998), Callegaro (2001), Espinosa (2003), Lévy (1993, 1996,) Marco Silva (2005, 2006); Moraes (2004, 2007), dentre outros. As questões analisadas nesse estudo nos possibilitaram inferir que apesar das dificuldades identificadas no desenvolvimento da experiência, o trabalho colaborativo torna-se fator determinante para a aprendizagem colaborativa e para o desenvolvimento cognitivo de crianças.

Palavras-chave: comunicação – aprendizagem colaborativa – interatividade - internet

ABSTRACT

Working with ICT as mediators on knowledge construction inside the school is not an easy task and it is a collective challenge to the actors of pedagogical actions. The object of study in this dissertation is the comprehension and the analysis of the commitment and production from students and teachers through collaborative learning with the help of computer laboratories included on the Project “Comunicar é aprender”. The schools participating on this research are Colégio Nossa Escola, a private institution and Escola Estadual Governador Albano Franco, an institution from the public system. The analysis was performed under the theoretical and methodological basis of the Project mentioned, supported on the SocioCultural Theory of Levy S. Vygotsky and on the Linguistics, we used the perspective of Bakhtin. To understand the collaborative learning through the use of ICT we researched authors such as: Crook (1998), Callegaro (2001), Espinosa (2003), Lévy (1993, 1996,) Marco Silva (2005, 2006); Moraes (2004, 2007), and others. The issues analysed on this study convey that collaborative work is a determinant factor to collaborative learning and to the cognitive development of children.

Key-words: communication – collaborative learning – interactivity - internet

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Nossa Escola.....	22
FIGURA 02 – Colégio Estadual Governador Albano Franco.....	23
FIGURA 03 – Interface do e-mail BOL	26
FIGURA 04 – Interface da Lista de Discussão “Comunicar é aprender” – Descrição do ambiente.....	27
FIGURA 05 – Vista parcial dos arredores da Nossa Escola e da Escola Estadual Governador Albano Franco.....	71
FIGURA 06 – Interface da Lista de Discussão – Mensagens do Grupo.....	93
FIGURA 07 - Interface da Lista de Discussão – Mensagem sobre Violência - Pedro e Vitor – N. E.....	93
FIGURA 08 - Interface da Lista de Discussão – Mensagem sobre Violência – Ariana e Érica – E.E.G.A.F.....	94
FIGURA 09 - Interface da Lista de Discussão – Tela que descreve a função dos membros.....	95
FIGURA 10 – Foto dos alunos do Colégio Albano Franco, na Sala de Informática e na quadra de esportes.....	101
FIGURA 11 – Foto dos alunos da Nossa Escola, na sala de aula.....	102

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - Aspectos diferenciadores do conceito de aprendizagem colaborativa e cooperativa	48
QUADRO 02 – Análise comparativa de métodos de ensino.....	49

LISTA DE SIGLAS

CAAP - Communication Allies around the Planet

C.E.G.A.F. - Colégio Estadual Governador Abano Franco

DITE – Divisão de Tecnologia Educacional de Sergipe

N.E. – Nossa Escola

PROINFO – Programa Nacional de Informática na Educação

TIC – Tecnologias da Informação e da Comunicação

SEED – Secretaria de Estado de Educação de Sergipe

AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem

CSCL - *Computer-Supported Collaborative Learning*

CSCW - *Computer-Supported Collaborative Work*

ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
CAPÍTULO I	15
1. PROJETO COLABORATIVO “COMUNICAR É APRENDER”	15
1.1. Contextos e objetivos	15
1.2. Motivação e Justificativa	17
1.3. Metodologia	19
1.4. Campo de realização do Projeto	22
1.4.1. As escolas	22
1.4.2. Os sujeitos	24
1.4.3. Os ambientes virtuais	25
1.4.4. As estratégias	27
CAPÍTULO II	33
2. CONCEPÇÃO TEÓRICA SOBRE APRENDIZAGEM COLABORATIVA	33
2.1. Traçando linhas sobre a aprendizagem	34
2.2. Identificando novas coordenadas sobre as possibilidades da colaboração como princípio para a aprendizagem	44
2.3. Aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC: a internet, as redes e os ambientes virtuais de aprendizagem	53
2.4. Interação e interatividade: processos essenciais para a aprendizagem colaborativa	65
CAPÍTULO III	70
3. RETOMANDO O CAMINHO CONSTRUÍDO: PROCESSOS E RESULTADOS	70
3.1. O planejamento do Projeto “Comunicar é aprender”: traçando as primeiras linhas, descrevendo os primeiros espaços	70
3.2. O desenvolvimento do Projeto	74
3.2.1. Preparação do ambiente virtual	77
3.2.2. Os ruídos na tessitura do fazer	79
3.2.3. Da autoapresentação à articulação dos temas	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
BIBLIOGRAFIA	112
ANEXOS	118

APRESENTAÇÃO

Revisitando histórias e trajetórias

A proposta de levar adiante a investigação sobre aprendizagem colaborativa mediada pela internet surgiu em função de experiências de formação, fundadas nas abordagens teórico metodológicas acerca das Tecnologias da Informação e da Comunicação, em especial, da Informática no processo educativo, desenvolvidas no Curso de Pós-graduação, na categoria de especialização Lato Sensu, sobre Informática Educativa, promovido pelo MEC/PROINFO¹ – Programa Nacional de Informática na Educação, em parceria com o Governo Estadual e Universidade Federal de Sergipe SEED/DITE/UFS e no exercício constante da empiria, atuando como professora articuladora da sala de informática, em escolas da rede pública e particular de ensino. Estas experiências de formação contribuíram para a construção do nosso olhar sobre as práticas de colaboração, como possibilidade metodológica para a construção do conhecimento e das tecnologias como mediadoras nesse processo.

Em meio a essas experiências de formação, abrimos espaço para tecer a respeito da *práxis* desenvolvida no Colégio Nossa Escola, da rede particular de ensino, com a experiência de aprendizagem colaborativa mediada pela internet desenvolvida nesse *lócus*, através do Projeto CAAP – *Communication Allies around the Planet*, do Núcleo de Comunicação e Educação, da Escola de Comunicações e Arte da Universidade de São Paulo – NCE/ECA/USP. Esta experiência foi o alicerce para descobertas positivas quanto aos caminhos possíveis para a aprendizagem colaborativa em ambientes virtuais.

Nessa escola encontramos na fala da diretora, dos coordenadores e nos princípios metodológicos que a regem, ambiente adequado para o empreendimento em ações criativas utilizando o computador e a internet como tecnologias mediadoras da aprendizagem.

Articulamos o desenvolvimento de projetos com professores das diversas áreas do conhecimento, objetivando trabalhar uma temática que ajudasse os alunos a desenvolverem habilidades e competências para o uso das Tecnologias da Informação e

¹ Criado com base na Portaria nº 522, de 9 de abril de 1997.

da Comunicação e também para a formação e compreensão de conceitos e atitudes necessários à vida contemporânea.

Trabalhamos a internet como ambiente de aprendizagem para além da pesquisa, da informação, mas também como meio de comunicação através de *webquest*² e de projetos colaborativos no ambiente de uma única escola. No entanto, quando tentamos ampliar a aprendizagem colaborativa com outras escolas da rede, a inexistência de muitos fatores, como a estrutura do ambiente, das tecnologias e a visão de seus gestores não favoreceram a realização.

A conexão dos fios de nossa história em outras histórias iniciou-se quando envolvemos uma outra escola. A partir de então, houve uma abertura para o desenvolvimento de um trabalho colaborativo na rede internet através do Projeto CAAP. A proposta do projeto era de trabalhar com dupla de escolas. Cada dupla escolhia sua parceira, de preferência em espaços geográficos diferentes, de acordo com as suas necessidades e disponibilidades no programa.

Para a Nossa Escola a priori, escolas inglesas, era o almejado por ser a língua estrangeira adotada em todos os segmentos de ensino, mas as escolas que tinham o inglês como língua materna, já tinham firmado as parcerias com outras instituições. Dentre as disponíveis, optamos por Córdoba, transferindo o objetivo já descrito para o espanhol e ainda incluir os alunos do Ensino Médio como mediadores no processo de leitura e escrita das mensagens, motivo para acender o estudo da língua, o espanhol era componente curricular do curso. Além disso, outras áreas do conhecimento foram dinamizadoras do processo atuando em contextos histórico, filosófico e cultural, como Filosofia, Ciências, Inglês e Espanhol.

Porém, nossos empreendimentos não foram correspondidos porque o grupo de professores em Córdoba não trabalhava em uma escola, mas sim, em uma biblioteca pública, onde faziam um trabalho com alunos documentaristas que se reuniam duas vezes por semana. Para eles, tempo insuficiente para aliar o planejamento do trabalho na biblioteca com o do CAAP.

Tal implicação nos levou a buscar novos parceiros. No itinerário da nova viagem, nos deparamos com uma carta da professora Sandra Lemper, da Alemanha que dizia

² O conceito de **webquest** foi criado em 1995, por Bernie Dodge, professor da universidade estadual da Califórnia, EUA, como proposta metodológica para usar a internet como proposta metodológica de forma criativa. Para saber mais, acesse os sites www.webquest.futuro.usp.br e webquest.sp.senac.br.

fazer gosto num intercâmbio com uma escola brasileira. Foi o que estávamos necessitando para reavivar nossas expectativas e esperanças em desenvolver um trabalho colaborativo, interativo e multicultural. Dessa forma, entrelaçamos suas expectativas às nossas e tecemos nossos planos sob a orientação do CAAP, especificamente.

Estabelece-se, portanto, uma relação positiva de uma experiência compartilhada e interconectada de valores, de sonhos, de objetivos, de necessidades, de compromissos em meio a linguagens, culturas e realidades diferentes.

Esta perspectiva de trabalho possibilita efetivar um contexto de mudanças no processo de aprendizagem em direção a problematizações e construções coletivas e ao contexto plural da sociedade que ora participamos; midiática, imagética e comunicativa. Entre os anos de 2000 e 2002 o trabalho deu frutos e nos instigou a realizar outras parcerias com escolas no Estado de Sergipe.

Essa experiência nos ajudou a reconhecer a necessidade de estudar as mudanças que vem ocorrendo nas escolas com o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação³ - TIC, tendo em vista que a sua introdução no espaço escolar têm sido ampliado com novos enfoques, procurando compreender as contribuições destes artefatos, no processo de aprendizagem de alunos, como também, no aperfeiçoamento da prática pedagógica de professores.

É neste esforço de compreensão sobre o papel das TIC no processo de aprendizagem de professores e alunos, que este trabalho se insere. O objeto investigado é, portanto, fazer uma análise crítica do Projeto colaborativo “Comunicar é aprender”, que alicerçado na metodologia de **Aprendizagem Colaborativa**, procurou envolver professores e alunos de 5ª séries do Colégio Estadual Governador Albano Franco e da escola particular “Nossa Escola”, durante o segundo semestre de 2004 para o uso do espaço virtual da internet na construção de práticas colaborativas de aprendizagem. Uma outra experiência que agora se torna objeto de estudo.

No processo educativo, as TIC são os eixos centrais deste estudo, uma vez que para Lima (2002), a educação em rede proporciona a viabilidade de criação e recriação de novos conhecimentos e de aprendizagem, na medida em que a ação e o pensamento

³As Tecnologias da Informação e da Comunicação nesse trabalho será representada por TIC e significam segundo George-Louis Baron e Éric Bruillard, apud (LIMA, 2002, p. 1), *Informatique et ses usages dans l'éducation*. 1ed. Paris: Press Universitaires de France, 1996. TIC referem-se as tecnologias modernas que se compõem de áudio visual, da Informática e de seus instrumentos, principalmente, aqueles que, como a Telemática, geram interações a distância.

assumem novas formas e novos conteúdos, possibilitando inclusive, um exercício constante de reflexão, experimentação e construção de novos métodos e instrumentos de pesquisa. A linguagem para esta autora, ao ser construída no embate coletivo, nas redes digitais, assumem a expressão da sociedade dos meios de comunicação, em que imaginação e imagem ganham tempos virtuais, contribuindo para o desenvolvimento de um novo processo de aprendizagem. Isto significa que o constante movimento das capacidades cognitivas e sociais supõem implicações subjetivas, daí a aproximação com a psicologia da aprendizagem.

As TIC enquanto instrumentos de práticas educacionais funcionam como elementos de mediação, nos processos de Aprendizagem Colaborativa, requerendo novas abordagens, outros campos de conhecimentos, suscitando não só a convergência entre eles, mas sim, um exercício de transdisciplinaridade para a compreensão do objeto em foco.

Sabemos que estamos diante de um campo de estudos e de um objeto ainda muito novos, com reflexões teóricas e metodológicas ainda não sedimentadas e em processos contínuos de investigação. No entanto, a construção teórica até então produzida sobre a aprendizagem colaborativa contribui de forma fundamental como uma bússola no esforço de navegar nestes mares tão agitados e tão pouco conhecidos. Nosso norte teórico está amparado na Teoria Sociocultural construída a partir do pensamento de Vygotsky (1994) e (1993), e na Lingüística, a partir das contribuições de Bakhtin (2004), cuja ênfase recai na palavra, na polifonia e na dialogia, sustentando a colaboração como Método de Aprendizagem.

A partir deste norte, visitamos outros autores que transitam, tanto na análise teórica quanto na prática, para compreender o campo do desenvolvimento da aprendizagem mediado pelas TIC. São teóricos como: Callegaro (2001) em Projetos colaborativos, Crook (1998) Colaboração e Tecnologia; Espinosa (2003) Colaboração; Marco Silva (2005, 2006) Tecnologia e Interatividade; Lévy (1993, 1996) Redes digitais, dentre outros que estudam a relação Tecnologia e Educação, como dimensões presentes na dinâmica da construção, da interação e da colaboração e, portanto, importantes.

A dissertação fruto da análise do objeto está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado – **Projeto colaborativo “Comunicar é aprender”**, construímos uma narrativa em que nos identificamos com as nossas experiências, espaços, realidades, sujeitos, objetos, tecnologia, ratificando que é a partir desses

elementos, num processo compartilhado que somos constituídos. Também apresentamos uma primeira descrição da experiência vivida e neste sentido, colocamos nos como sujeito também da pesquisa, procurando definir nesta caminhada, o problema a ser investigado, os objetivos e as motivações que nos levaram a estudá-lo.

O segundo capítulo intitulado – **Concepção teórica sobre a aprendizagem colaborativa** está dedicado a analisar os fundamentos da aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC, à luz da teoria Sociocultural a partir das contribuições de Vygotsky e da Linguagem, em Bakhtin, analisando as possibilidades da colaboração como princípio para a aprendizagem colaborativa, adentrando na análise destas possibilidades na internet e nos ambientes virtuais de aprendizagem que a rede acomoda.

O terceiro capítulo intitulado - **Retomando o caminho construído: processos e resultados** está dedicado a análise dos procedimentos teóricos metodológicos sobre o planejamento do Projeto “Comunicar é aprender”.

Por fim, apresentamos nossas considerações finais, nos quais esperamos ter alcançado nossos objetivos e a partir destes, subsidiar a elaboração e prática de novas experiências de aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC.

CAPÍTULO I

1. PROJETO COLABORATIVO “COMUNICAR É APRENDER”

Trabalhar com novas formas de ensinar e de aprender, mediadas pelas TIC, nunca foi uma tarefa fácil em nossa experiência, ao contrário, representa um desafio coletivo permanente, no qual todos, educadores, técnicos e gestores depositaram nesta ação o melhor de si. Alguns, sem muito envolvimento ou maturidade para a perspectiva inovadora, insistiam na superficialidade, quanto ao trato da informação e do seu papel na mediação pedagógica; outros, se revelaram protagonistas de um tempo vindouro às inovações tecnológicas e desencadearam com sabedoria e cuidado a mediação pedagógica.

É um exercício de construções teórico-metodológico, para todos os protagonistas das ações coletivas, alunos, professores, diretores, especialmente para mim, que vivenciei percursos noutra dimensão de trabalho colaborativo. No entanto, ao analisar os resultados obtidos com o envolvimento e a produção dos alunos, na Sala de Informática, tive a certeza de que outros problemas, além daqueles de ordem pedagógica, poderiam ampliar as dificuldades de acesso, utilização e apropriação das tecnologias. Este novo olhar, me permitiu identificar o papel das condições materiais do ambiente, das tecnologias digitais e os processos de gestão das mesmas, no espaço escolar, tão importantes quanto às condições pedagógicas.

1.1. Contextos e Objetivos

As questões que levanto neste estudo, são problemas vivenciados em processos colaborativos de aprendizagem mediados pelas TIC. Além das questões pedagógicas, que eram para mim fundamento de uma prática reflexiva e crítica sobre o uso das tecnologias, como pensar estas questões distanciadas daquelas que move o cotidiano escolar e sustenta sua própria existência como espaço de aprendizagem? Como desenvolver habilidades nos alunos para o uso do computador, se o processo é

interrompido por problemas técnicos dos mesmos? Como gerenciar uma Sala de Informática sem suporte técnico? Como manter o ritmo das produções, se a cada dia somos surpreendidos por falhas técnicas? Diante de tantas questões, de ordem técnica e estrutural, como manter professores entusiasmados para o uso do computador, se seus alunos se queixam de interrupção no processo de construção?

Esta caminhada aqui descrita é meu ponto de partida para compreender a complexidade da prática pedagógica mediada pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação, como campo de possibilidades colaborativas no espaço escolar.

Com base nas experiências do passado, vividas nos espaços escolares, atuando como professora, dialogando com diversos saberes, realidades, culturas, valores e sujeitos, é que partimos da hipótese de que é possível desenvolver experiências de aprendizagem colaborativa mediadas pelo uso das TIC no espaço escolar voltadas para a construção do conhecimento.

Tomando como base a importância e complexidade dessas questões e do tempo requerido no mestrado para o referido estudo, nos indicam que é possível formularmos a seguinte pergunta: Até que ponto a experiência realizada, por meio da aprendizagem colaborativa, tomado como objeto nesta dissertação, poderá subsidiar a elaboração de novas experiências colaborativas por meio das TIC?

Para respondermos a esta indagação, organizamos a pesquisa com o objetivo principal de: *Analisar as contribuições que o projeto “Comunicar é aprender”, mediado pela internet, trouxe para a prática colaborativa, na construção do conhecimento.* Para alcançar tal objetivo se procurou especificamente:

- *Identificar no projeto desenvolvido, as facilidades e dificuldades apontadas pelos professores e alunos no desenvolvimento das atividades;*
- *Analisar os fundamentos teóricos da aprendizagem colaborativa;*
- *Identificar na experiência, objeto desse estudo, elementos construtores da aprendizagem colaborativa;*
- *Analisar os processos de construção de conhecimentos e as metodologias utilizadas na prática docente.*

1.2. Motivação e Justificativa

A dinâmica da comunicação na contemporaneidade exalta a necessidade de meios de comunicação digitais por apresentar características similares às necessárias no cotidiano. Portanto, informações simultâneas dos acontecimentos do mundo, de diversas culturas, expressividade de cada um e de todos nos manifestos populares, políticos, culturais e acadêmicos, revelam o poder de participação de todos na rede internet.

O trabalho com **Projeto Colaborativo** via Internet, entre escolas, surgiu da vontade de vivenciar uma experiência educativa em ambiente virtual, de maneira diferenciada, uma vez que já havíamos participado como colaboradora do Projeto CAAP, *Communication Allies around the Planet*, sob a Assessoria pedagógica, da doutora em Comunicação e Artes Tânia Callegaro que nos ajudou a realizar a articulação devida entre a ação e reflexão. O Projeto *CAAP Communication Allies around the Planet* possuía um caráter multicultural e era colaborativo. Além disso, foi desenvolvido por meio do uso dos recursos da comunicação, caracterizando-se como um projeto na área da Educomunicação. O seu principal objetivo era motivar professores e alunos a analisar e discutir a presença dos meios de comunicação na sociedade.

As instituições envolvidas foram o Núcleo de Comunicação e Educação, incubadora do projeto, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – NCE/ECA/USP e as escolas parceiras, Nossa Escola e a Escola *Ludwig Windthorst Schule Glandorf*, situada na cidade de *Glandorf*, na Alemanha. Esta experiência foi desenvolvida em 2001, com 35 alunos da 8ª série e em 2002, com 37 da 7ª série. Em ambas, participaram professores e coordenadores.

Depois de certo domínio da metodologia adotada cresceu em mim o desejo de contribuir também com a necessidade da escola de experimentar novos ambientes e metodologias, para envolver professores e alunos na utilização das TIC, em especial, o computador e as redes de comunicação como suportes mediadores e potencializadores de saberes. A percepção dessa necessidade se fortaleceu quando assumimos a função de professora articuladora⁴ da Sala de Informática, função que exerci ao mesmo tempo na

⁴ Nomeação criada pelo PROINFO ao professor regente da Sala de Informática que tem a função de articular idéias e propostas, juntamente com os demais professores da escola, em que atua, para a utilização dos computadores e da internet na educação.

escola pública, no Colégio Estadual Presidente Garrastazu Médici, entre 2000 a 2008 e na escola particular, no Colégio Nossa Escola, no período de 2001 a 2006.

Foi primando por esses significados, por novas concepções de mundo, de vida e de sentimentos que surgiu o interesse dos professores de Geografia, Suzi Bittencourt Garção, da Nossa Escola e da professora de Português, Solange Vilas Boas, do Colégio Estadual Governador Albano Franco de possibilitar a participação dos alunos das 5^{as} séries nessa aldeia, trabalhando e aprendendo colaborativamente. Inclusive a professora de Português sentia o desejo em inserir no conteúdo trabalhado, na sala de aula, com seus alunos da 5^a série, algo sobre os meios de comunicação, num exercício inovador, de experimentar a comunicação por meios virtuais.

Articulamos então, uma parceria com o Colégio Nossa Escola, da Rede Particular de Ensino, situado no Bairro Coroa do Meio, em Aracaju/SE, com o Colégio Estadual Governador Albano Franco, da Rede Pública de Ensino, situado no Bairro Santa Maria, também chamado Terra Dura, para o desenvolvimento de um Projeto Colaborativo.

Tínhamos, portanto, interesses que convergiam a um trabalho em conjunto, por um lado, a necessidade de articular propostas com o uso do computador e da rede internet na Nossa Escola e, por outro, a necessidade de desenvolver no Colégio Estadual Albano Franco um Projeto pedagógico com o uso das TIC. Este conjunto de necessidades selou a primeira ação colaborativa entre as professoras/articuladoras da Sala de Informática das duas escolas, somando intenções em busca da parceria.

A importância dos alunos compreenderem a dinâmica e o valor do Projeto Colaborativo, por meio das TIC, é uma necessidade da comunicação na contemporaneidade. Para a compreensão desse movimento, alguns objetivos foram estabelecidos, como:

- criar espaços virtuais de aprendizagem, através da internet, para o confronto de opiniões entre os parceiros;
- desenvolver a autonomia de expressar sentimentos, valores e realidades distintas do bairro, da escola e da vida entre os parceiros;
- perceber a contribuição do outro na construção do conhecimento.
- estimular a comunicação virtual e imagética;
- perceber a contribuição dos meios de comunicação virtuais na sociedade contemporânea.

Especular sobre o uso das TIC no ambiente escolar, consiste num esforço constante de estabelecer relações pertinentes entre as TIC, os processos de comunicação e de aprendizagem, de professores e alunos no espaço escolar. Os espaços e ambientes virtuais, sobretudo pelo formato híbrido de comunicação, síncrona e assíncrona,⁵ devem ser ressignificados com o uso de diferentes propostas pedagógicas, compartilhado por diferentes sujeitos, de diferentes contextos sociais e que nos motivou a refletir sobre nossa prática pedagógica.

A dinâmica e as possibilidades pedagógicas da Internet foi o fio condutor para levantarmos alguns questionamentos tais como:

Como usar ambientes e ferramentas virtuais para desenvolver habilidades e competências em processos educacionais?

Como compreender a dinâmica dos processos de comunicação nas redes digitais e criar espaços de produção coletiva do conhecimento?

E como todos os sujeitos envolvidos possam produzir ou expressar saberes diversos, pontos de vista e sentimentos?

O Projeto tornou-se para nós um trabalho experimental e inovador, pelo fato de estarmos vivenciando pela primeira vez de forma sistemática a Metodologia de Aprendizagem Colaborativa, em ambiente virtual, sem uma assessoria pedagógica experiente, como a que aconteceu em 2001 e 2002. Mais difícil, porém, mais desafiante e valoroso.

A aprendizagem e as reflexões que esta experiência nos possibilitou, ainda, careciam de uma mediação para fortalecer as raízes que começara a brotar. Experimentar um trabalho desta natureza, no sentido de exigir uma nova articulação metodológica para o desenvolvimento de uma proposta colaborativa em ambientes virtuais, suscitava um começo cuidadoso, por isso, o Projeto foi restrito a uma turma de 5ª série, do Colégio Estadual Governador Albano Franco e duas da escola da rede particular denominada “Nossa Escola”.

1.3. Metodologia

⁵ Comunicação síncrona e assíncrona - Na primeira, os interlocutores estão presentes simultaneamente e a mensagem enviada é recebida imediatamente. Na segunda, os interlocutores não precisam estar presentes simultaneamente e a mensagem enviada pode ser percebida em um momento posterior.

Os procedimentos metodológicos foram criados, tendo como eixo fundamental a reconstrução histórica do projeto e, neste exercício, um esforço para construir uma análise teórica sobre o uso das TIC na Educação, especialmente, da internet, confrontando com a realidade das escolas, onde as experiências foram realizadas, utilizando fontes bibliográficas e documentais, além de procurar construir, a partir deste exercício, uma abordagem qualitativa que enfatize a inter-relação entre teoria e prática, sujeito, objeto e contexto social.

Este caminho metodológico procura descrever e compreender a experiência colaborativa, intitulada “Comunicar é aprender”, desenvolvida entre os colégios Nossa Escola, da rede particular de ensino e o Colégio Governador Albano Franco, da rede pública de ensino, com alunos da 5ª série, no ano 2004.

O aporte metodológico deste Projeto buscou ancorar-se num primeiro momento, no modelo do CAAP, apropriado com as devidas reformulações e modificações advindas de nossas reflexões, acerca da realidade dos alunos e professores, como guia provisório para o planejamento.

Para Tânia Callegaro (2001), coordenadora do CAAP, um projeto colaborativo, via internet, pode ser entendido como um movimento de significação que ocorre entre diferentes pessoas que se reúnem em função de um projeto comum, de uma ligação (em) comum. A colaboração tem a ver com a interatividade, com as trocas que ocorrem entre todos, num ambiente democrático que propicia o exercício do diálogo e a construção do conhecimento.

Para a autora, este tipo de projeto valoriza o que o aluno realiza e consegue refletir sobre sua ação/interação, num movimento construído entre o mundo do eu e o do outro; nas propostas que permitem a construção coletiva e uma maior interatividade e intercâmbio de idéias; no movimento individual e do grupo.

Neste sentido, traçamos um caminho, um conjunto de ações e etapas que, indo além de uma base cartesiana, respondesse as perspectivas dinâmicas e não lineares, além das ações e dos tempos rígidos, como “processo ininterrupto de transição e de movimento, onde não haja fim, nem conclusão definitiva, há somente processos que se fecham por ora e que exprimem e refletem para outro, em uma completa interação”⁶ (Peixoto, 1993 in Callegaro, 2001, p. 1).

⁶ Proceso ininterrupto de transición y de movimiento, donde no haga fim, nem conclusión definitiva, há solamente procesos que se cerran por ora y que exprimem y refletem para outro, em uma completa interacción.

Este projeto começa, portanto, com o desejo claro do que se quer realizar com a tecnologia de comunicação em rede e na realidade de cada um, como sugere Callegaro, com um esboço de intenções e um estudo breve da infra-estrutura com que se vai trabalhar para em seguida, fechar um compromisso com os parceiros, alunos, professores, coordenadores, diretores de outra escola. Nos projetos colaborativos os prazos são provisórios e flexíveis, dependem do produto a ser elaborado, da interação que emerge desse processo, movimento que vai direcionando prazos, conteúdos e metodologias.

Cientes da organização para o desenvolvimento de Projeto Colaborativo em rede, como um desdobramento para a aprendizagem, delineamos o nosso planejamento, seguindo as orientações descritas pela autora, para em etapas articular um conjunto de orientações e atividades que explorem a aprendizagem colaborativa em ambientes virtuais entre alunos, professores e outros envolvidos no Projeto.

O projeto “Comunicar é aprender” utiliza as possibilidades assíncronas de comunicação da internet, como o e-mail e a lista de discussão para a aprendizagem colaborativa, desencadeada pelo compartilhamento de informações sobre os alunos, suas realidades e sobre as problemáticas “o que é violência?”, “o que é cooperar?” e “a cooperação ajuda a diminuir a violência?”. Problemáticas e ambientes presentes no planejamento inicial como possibilidade de uma articulação que emerge no processo.

São, portanto, as seguintes etapas, que como passos conduziram nossa caminhada neste novo território:

- **Sensibilização dos alunos** para o processo de aprendizagem colaborativa via TIC;
- **Preparação do primeiro ambiente virtual** tendo o e-mail como principal instrumento de comunicação;
- **Auto-apresentação** dos alunos,
- **Desenvolvimento da pesquisa e da produção coletiva;**
- **Culminância e avaliação.**

Na etapa final do Projeto, alunos e professores discutiram o que aprenderam sobre o outro, sobre si mesmo, sobre as tecnologias e sobre o assunto estudado. Previmos esta reflexão de forma coletiva e individual, a primeira, nos encontros

presenciais, um em cada escola, para que os interlocutores do projeto colaborativo pudesse se pronunciar e também para fortalecer os laços de amizade adquiridos no processo, além de propiciar a ambos os grupos, conhecer o espaço real de vida de seus interlocutores, o bairro e a escola. A segunda, por meio de uma produção escrita, na qual alunos e professores registraram suas impressões e reflexões sobre o processo vivido. Os alunos, através de uma escrita livre e os professores, em forma de relatório.

1.4. Campo de realização do Projeto

1.4.1. As Escolas

Um dos cenários físicos e condicionadores da proposta foi a Unidade II, da escola de Ensino Fundamental e Médio, Nossa Escola, da rede particular de ensino, situada na zona urbana – no bairro Coroa do Meio, em Aracaju-SE, fundada em fevereiro de 1997.



FIGURA 01 - Nossa Escola

Sua estrutura física é composta por doze salas de aula, uma secretaria, uma diretoria pedagógica, uma diretoria administrativa, um laboratório de informática, um laboratório de ciências físicas e biológicas, uma cozinha, uma cantina, um refeitório, uma biblioteca, uma sala de projeção, um anfiteatro, dois playgrounds, uma sala de música, um almoxarifado, um depósito, uma quadra poliesportiva, três salas de coordenação, dois vestiários, uma área privada para serviços, uma sala de professores, quatorze sanitários, uma piscina e um terraço.

A Sala de Informática tinha uma estrutura tecnológica composta por um servidor em rede, dezessete computadores conectados a internet via rádio, um scanner, uma impressora jato de tinta e uma laser e dois aparelhos de ar condicionados.

Formava o corpo docente, trinta e oito professores e o discente era formado por 400 alunos, sendo que 360, do ensino fundamental e 30, do ensino médio.

A segunda escola envolvida nesse Projeto foi o Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Médio Governador Albano Franco⁷, situada na periferia da grande Aracaju, no Conjunto Padre Pedro, Bairro Santa Maria, fundada em 13 de março de 2002, através do Decreto nº 20518 e inaugurada em 17 de abril de 2002.



FIGURA 02 - Colégio Estadual Governador Albano Franco

Sua estrutura física acomoda dez salas de aula, uma Sala de Informática, um laboratório de Ciências, uma secretaria, uma diretoria, uma sala de Coordenação, uma sala de Educação Física, um depósito para os materiais de esporte, uma quadra coberta e vinte e dois sanitários.

A estrutura tecnológica da Sala de Informática era composta por um servidor em rede, dez computadores, sendo que oito conectados a internet, três impressoras, um scanner e um ar condicionado.

Segundo dados do Setor de Estatística da SEED, no ano de 2004, o seu quadro docente era formado por quarenta e três professores e por 1.338 alunos, distribuídos em três segmentos de ensino: Fundamental, com 777 alunos, Médio, com 189 e Educação de Jovens e Adultos, com 372.

⁷ A partir de agora, utilizaremos a sigla C.E.G.A.F. para nos referirmos ao Colégio Estadual Governador Albano Franco e N.E. para nos referirmos ao Colégio Nossa Escola.

4.1.2. Os sujeitos

Os sujeitos desta experiência foram alunos da 5ª série do Ensino Fundamental do C.E.G.A.F., a Professora de Português e a Professora Articuladora da Sala de Informática. Fizeram também parte alunos da 5ª série da N.E., os Professores de Geografia, de Redação e a Professora Articuladora da Sala de Informática.

Na escolha dos alunos e turmas, foram considerados os seguintes elementos:

a) Estar estudando o conteúdo “meios de comunicação”, trabalhado na Escola Estadual Albano Franco, como parte integrante do currículo da disciplina Língua Portuguesa, da 5ª série do Ensino Fundamental.

b) A existência de uma só turma de 5ª série, no turno vespertino, no C.E.G.A.F. com 46 alunos, que permitiu o envolvimento das duas turmas de 5ª série da N.E; uma com 24 alunos e a outra com 25, o que possibilitou uma equivalência numérica para o processo inicial da comunicação e das parcerias entre eles formando pares para a comunicação inicial.

Na N.E., as duas turmas envolvidas no Projeto foram mediadas pela professora de Geografia e por mim, professora/articuladora da Sala de Informática e no C.E.G.A.F, ficou sob a responsabilidade da professora de Língua Portuguesa e pela professora/articuladora da Sala de Informática.

Além dos sujeitos citados, outros participaram do processo, aqui chamados de coadjuvantes por não estarem presentes em todas as etapas do processo. A N.E. recebeu o apoio da Coordenadora do Ensino Fundamental, que compartilhou das intenções da proposta, sugeriu e produziu material de trabalho⁸, da Professora de Ciências que mediu uma atividade da proposta e do técnico de informática que solucionou os problemas técnicos da rede. O C.E.G.A.F. recebeu o apoio do Professor de Ciências, parceiro no encontro presencial e da DITE - Divisão de Tecnologia Educacional de Sergipe, no sentido de partilhar as ações do projeto com a equipe, especialmente, com a responsável pelo acompanhamento das ações educativas com o uso do computador e da rede internet nessa escola, Acássia Maria de Jesus, informando sobre as intenções, as ações implementadas e os problemas surgidos.

Também como sujeitos construtores e partícipes desta ação, os professores acrescentam outro elemento importante para esta reflexão relacionado ao nível de

⁸ Um dos materiais produzidos foi o texto intitulado “Que significa ser uma pessoa verdadeiramente moral?”.

maturidade deste profissional para compreender os ambientes e as linguagens digitais. Isto é importante para que o professor possa perceber as possibilidades de uso desses meios, no processo de ensino aprendizagem, principalmente, para evitar o uso linear e instrucional dos mesmos. Maturidade necessária para lidar com elementos norteadores de aprendizagem colaborativa, em ambientes presenciais e virtuais, diz respeito à compreensão e a construção da autonomia presente no ato de planejar, de problematizar, de refletir, de questionar, de encaminhar, de sugerir, de negociar e de avaliar.

Na realização dessa experiência, avanços foram percebidos, a começar pela percepção da importância da mediação pedagógica do professor e pela atualização que esses meios podem proporcionar à aprendizagem, no sentido de revigorar a vontade de aprender dos alunos, de participar do processo, não somente realizando as atividades, mas refletindo sobre elas, numa relação compartilhada de interesses, de valores, de sonhos e de objetivos.

4.1.3. Os ambientes virtuais

Os ambientes virtuais⁹ que potencializaram a organização e a participação dos sujeitos num processo significativo de aprendizagem foram “e-mail” e “lista de discussão”.

O **E-mail**, também chamado de correio eletrônico, é um ambiente de comunicação assíncrono, o qual permite o envio e recebimento de mensagens, sob formatos diversos, como texto (este é o mais usual), imagens, som, animação etc., a uma ou várias pessoas, ao mesmo tempo.

⁹ A escolha do termo ambiente e não ferramenta advém da percepção de não focar e focalizar somente os aspectos técnicos, mas observar nestes, possibilidades pedagógicas, comunicacionais, sociais, e afetivas para a aprendizagem colaborativa.

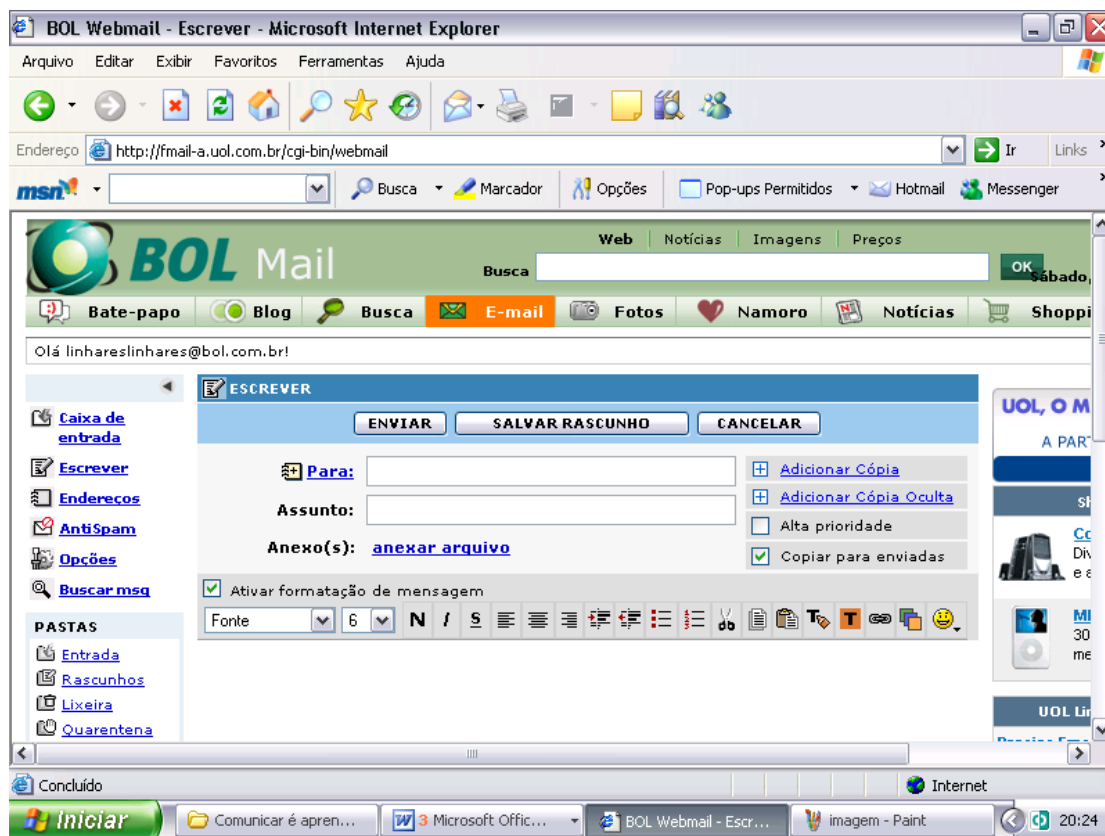


FIGURA 03 - Interface do e-mail BOL

A **Lista de Discussão** é um ambiente de comunicação assíncrona que permite que um grupo de pessoas de interesses comuns, discutam uma determinada temática. Para participar da lista é preciso ter um endereço de e-mail, que é para onde as mensagens enviadas e recebidas se direcionam.

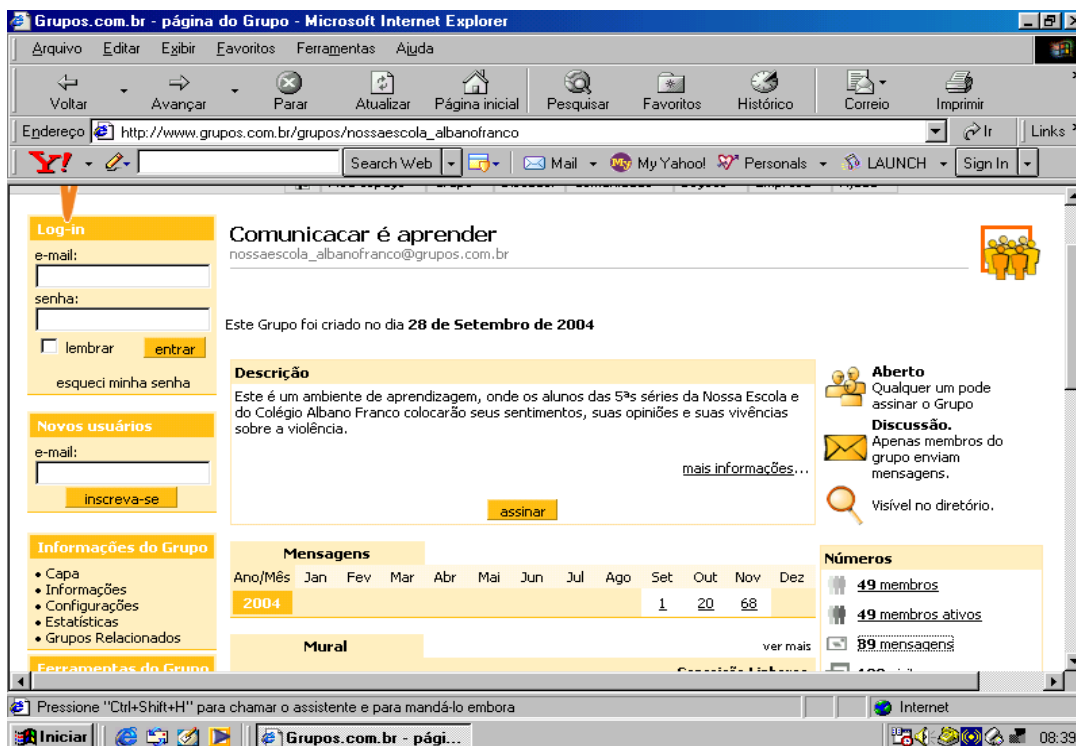


FIGURA 04 - Interface da Lista de Discussão “Comunicar é aprender” – Descrição do ambiente http://br.groups.yahoo.com/group/nossaescola_albanofranco

As possibilidades comunicacionais e de aprendizagem desses ambientes se inserem no contexto de aplicações CSCL - Computer Supported Cooperative Learning, processo que envolve a comunicação entre os participantes e os desdobramentos inerentes a este procedimento, como negociação, compartilhamento de idéias, de saberes, co-participação e co-realização. Para Cervera e Moya (2003), o CSCL apóia a aprendizagem colaborativa porque é um processo que envolve mais que a simples facilitação da comunicação, mas a comunicação entre os aprendizes, por meio de uma infraestrutura de comunicação dos recursos tecnológicos dos computadores, chamada de *groupware*, ou Sistema de Trabalho Cooperativo apoiado por Computador, CSCW - Computer Supported Cooperative Work.

4.1.4. As estratégias

Para atribuir sentido à nossa vontade e necessidade de utilizar a rede internet como potencializadora de aprendizagem colaborativa, registramos os nossos objetivos e hipóteses sobre o fazer pedagógico com as TIC num pré-projeto, no qual articulamos elementos teóricos e práticos, como justificativa, objetivos e metodologia para fundamentar a proposta.

As atividades previstas para o desenvolvimento da experiência foram articuladas, visando a combinação de atividades presenciais, desenvolvidas nos espaços da escola, como a sala de aula, a sala de informática, dentre outros para a troca, a interação e a colaboração entre eles, os grupos de cada escola e online, utilizando ambientes virtuais como e-mail, lista de discussão para a interação e colaboração entre os parceiros virtuais. Esta dinâmica foi prevista para fortalecer as discussões, o planejamento e o desenvolvimento das atividades, primeiro, no âmbito interno, em parceria com os professores orientadores e depois, no âmbito externo, com os parceiros virtuais¹⁰.

A Sala de Informática tornou-se o espaço privilegiado para o desenvolvimento das atividades e os intercâmbios entre professores, pois o acesso a internet era fundamental para efetivar os processos de comunicação, a organização e a produção de atividades. Na N.E., o acesso à Sala de Informática aconteceu de forma sistematizada, mediante a requisição do professor de Geografia, quando do acompanhamento da turma, como articulador da proposta, problematizando a interação, a colaboração, a pesquisa e a produção. No caso do C.E.G.A.F., a sistematização dos horários da Sala de Informática acontecia nos horários da aula de Português. Aqui cabe ressaltar que nesta escola, apenas a turma da 5ª série A, objeto nesse estudo, utilizava as tecnologias computacionais no processo de aprendizagem.

Tanto na N.E. quanto no C.E.G.A.F o tempo do trabalho na Sala de Informática aconteceu na maioria das vezes semanalmente, na primeira, em horários das aulas de Geografia¹¹ e na segunda, em horários das aulas de Português. Nesses encontros eram desenvolvidos os conteúdos e as atividades dos projetos, que também eram das matérias, sob a mediação da professora das referidas áreas e das professoras das Salas de Informática.

Para atender a estes propósitos, detalharemos as etapas que como linhas gerais, nos orientaram no desenvolvimento da proposta.

1ª - A sensibilização – como estímulo para um pensar e conversar a respeito da importância da comunicação na vida das pessoas e ainda, sobre o papel das tecnologias

¹⁰ Esse detalhamento da metodologia a ser utilizada encontra-se no esboço do projeto, no item IV, intitulado, “detalhando a proposta”.

¹¹ Houve o acompanhamento das turmas 5ª A e 5ª B, objetos deste estudo à Sala de Informática uma vez pela Professora de Ciências, em aceitação ao pedido feito pela Professora de Geografia porque esta precisava aplicar prova nos seus horários com as referidas turmas. Entretanto, a participação e a mediação da professora dos alunos no desenvolvimento das atividades foi valiosa.

nesse processo, desfecho que suscitou entusiasmo nos alunos sobre as possibilidades de comunicação via internet. Desfecho também para a apresentação da proposta, dos objetivos, da metodologia e dos alunos parceiros, com quem se ia trabalhar, com a finalidade de criarmos um senso de entendimento sobre o que se vai fazer, como e para quê.

2ª - A preparação do primeiro ambiente virtual – efetivado pelos alunos, o ambiente inicial de comunicação, o e-mail, foi construído em duplas, através do site gratuito www.bol.com.br que apresentou uma interface interativa, para o preenchimento do cadastro do correio eletrônico.

Cada grupo foi orientado que criasse o nome de identificação do “e-mail”, o “login” com a junção dos primeiros nomes para facilitar a identificação dos mesmos, mas nem todos atentaram para esta orientação e usaram outras formas de identificação. Foram criados quarenta e seis contas de e-mails, vinte e três de cada escola (em anexo).

Os alunos trocaram seus e-mails com os alunos da escola parceira para a formação dos pares. Cada grupo de uma escola se corresponderia com um grupo da escola parceira e assim, iniciou-se o processo de comunicação entre os alunos.

A aprendizagem colaborativa desenvolvida em ambientes virtuais nos encaminha para um conjunto de orientações e atividades que exploram a comunicação nestes ambientes, entre professores, alunos e outros envolvidos no diálogo.

3ª - Auto-apresentação dos alunos – utilizando o e-mail, os alunos iniciaram um diálogo com o outro, o seu parceiro, se apresentando -“Quem sou eu”- e descobrindo o outro - “quem é você”, questões iniciais que além de incitá-los ao diálogo, permitia explorar diferentes linguagens e tecnologias, como um texto criativo, marcado por desenhos e cores, uma poesia que gosta de ler, uma música que expressa o seu pensar sobre a vida, uma imagem sobre o time de futebol, enfim, mecanismos para expressar o seu perfil, os gostos e contragostos, o que faz e o que gostaria de fazer para apresentarem determinados aspectos de sua vida.

No desfecho da realização da auto-apresentação, a professora de Redação, da N.E. e de Português, do C.E.G.A.F. desenvolveram atividades em sala de aula, enfatizando o tema “Quem sou eu” e o processo de construção do texto. Embasados sobre a temática, a produção aconteceu na Sala de Informática, usando o processador de texto Word e salvando numa pasta específica para a atividade. Em seguida, acessaram

seus e-mails, alguns anexaram, outros copiaram/colaram na área de texto do ambiente e enviaram suas apresentações para os seus parceiros com cópia para as professoras.

Como previsto nesta etapa, as professoras acompanharam o conteúdo da comunicação e perceberam questões relacionadas a “violência” (mentiras, falsidades, brigas, agressividade), percepção que levou-as a pensar a problemática como temática para a comunicação/interação/colaboração. Através de uma lista de discussão criada para esse fim, com a mediação dos professores e coordenadores, esta ação possibilitou o registro de todos os participantes de acordo com a disponibilidade de acesso, acomodando aspectos socioculturais dos sujeitos e da escola. Definido a “violência” como temática para o estudo colaborativo, os alunos foram provocados a lerem e pesquisarem mais sobre o assunto e em seguida discutirem com a mediação dos professoras de Redação, Nossa Escola, e Português, Albano Franco.

A discussão foi pensada numa perspectiva macro e micro. A primeira, numa abordagem ampla, falando sobre tipos de violência a partir, por exemplo, dos veiculados na mídia e micro, a partir de enfoques e depoimentos pessoais, presentes na realidade de cada um. Concomitante a esse processo, continuava a comunicação via e-mail entre os alunos através de perguntas sobre curiosidades da vida dos parceiros, como esporte, escola, avaliação, feira de Ciências.

A perspectiva do tema induziu as professoras à revisão do projeto, definindo e organizando novas estratégias para o trabalho, como os ambientes virtuais a utilizar, atividades a serem desenvolvidas, analisar se os objetivos propostos inicialmente, atendiam a problematização atual e rever os prazos.

No exercício de compartilhar sonhos, utopias, dificuldades e facilidades emergiram da enunciação, da troca, da co-participação, a sugestão de falarmos também sobre cooperação, para enfatizar o entendimento da relação entre os alunos numa proposta colaborativa e de perceberem a cooperação como aliado à não violência. Por isso, perguntamos no segundo momento, o que você entende por cooperação? E no terceiro, se a cooperação ajuda a diminuir a violência. O contexto metodológico para o estudo da primeira questão foi seguido para as demais.

Estas foram questões disparadoras para a próxima etapa.

4ª - Desenvolvimento da pesquisa e produção coletiva

Os temas violência e cooperação foram abordados inicialmente, na sala de aula sob os cuidados das professoras de Redação e Geografia, da N. E. e de Português do C.E.G.A.F. sob diferentes metodologias: leitura de textos sobre o tema, seguida de discussão e produção, para depois se estender para a Sala de Informática para a escrita no ambiente da Lista de Discussão.

Teorizamos sobre a violência sob vários aportes, inicialmente, pela leitura de vida dos alunos, seus depoimentos e opiniões e depois sobre textos e notícias que tratavam sobre o tema. A mesma organização serviu para o estudo dos temas subsequentes. O trabalho na lista começou na primeira semana do mês de outubro com a apresentação da página, seu funcionamento e com a problematização inicial, **o que você entende por violência?** Questionamento já vivenciado em sala de aula e que, portanto, já tinham condições de responder no ambiente virtual.

Com a intenção de uma discussão coletiva sobre as colocações dos grupos no ambiente virtual, levamos as turmas à Sala de Informática, uma por vez, para uma releitura das mensagens postadas na Lista de Discussão “Comunicar é aprender”. As mensagens eram escolhidas pelos alunos, lidas e discutidas pelo grupo num movimento de ajustamento da informação, conformando ou confrontando através da dúvida, da negação ou da afirmação. Posterior a esta atividade, começamos a discussão sobre a problemática **O que é cooperar?** Em seguida, “a cooperação ajuda a diminuir a violência”? A caminhada metodológica da primeira problemática serviu de base para o trabalho com as demais.

5ª - Culminância e avaliação

Etapa de desfecho final de um processo entre todos os participantes através de um encontro presencial para estreitar ainda mais as relações de amizade e de convívio em grupo. Esta etapa foi planejada para ser desenvolvida em dois encontros presenciais, um em cada escola para que ambos os grupos conhecessem a realidade de cada um, o bairro, a escola e o seu entorno, e fizessem a parceria para a vida.

Devido a não disponibilidade de horários dos alunos da N.E. envolvidos com atividades extra curriculares, só foi possível realizar um encontro, na N.E., que recebeu os 46 alunos e 03 professores do C.E.G.A.F.

A organização, as etapas e os processos aqui descritos representam o nosso olhar a partir das nossas possibilidades naquele momento para a metodologia de aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC.

CAPÍTULO II

2. CONCEPÇÃO TEÓRICA SOBRE APRENDIZAGEM COLABORATIVA

São raras as atividades humanas que podem ser realizadas integralmente por uma só pessoa; a maioria delas requer a atuação direta ou indireta de grupos desde a sua concepção até a sua execução. Isto significa que os homens estabelecem, desde os primórdios relações de convivência e de compartilhamento, enquanto seres sociais.

A descrição de uma pesquisa e seu relatório final é, em especial, uma destas ações que se constroem de forma compartilhada e colaborativa. É, ao mesmo tempo, um exercício de compartilhamento, quando estabelecemos uma relação com o tema, quando dividimos com o objeto, nossas expectativas, perguntas, hipótese, objetivos e resultados, e um exercício de colaboração, quando buscamos nas teorias, reflexões sobre os diferentes olhares sobre a realidade, como uma lente que contribui no exercício de bricolagem¹² possível para definir e redefinir nosso próprio olhar sobre o objeto estudado.

O exercício de bricolagem aqui apresentado é fruto de um exercício de compreensão do processo de aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC, entendido como um processo cognitivo compartilhado entre os sujeitos, conspirando interesses e objetivos comuns para a troca e confronto de idéias, mediados pelas TIC.

Entendemos que a aprendizagem se configura como uma relação ativa, de participação, de diálogo, de colaboração entre diferentes coletivos (sujeitos, cultura, ferramentas, linguagens) para a resolução de um problema e construção compartilhada de sentidos, que acontece, se interioriza, partindo das relações intersíquicas, (entre sujeitos) e mediadas por símbolos e signos¹³; a colaboração como a realização de atividades coletivas no qual a ação de um auxilia a ação do outro e a interdependência destas ações, contribuem para a realização de objetivos comuns, exigindo entre outras

¹² O termo “bricolagem” vem do francês “*bricoleur*”, que significa feito por mim. O significado empreendido nesta dissertação reafirma que a análise, o estudo e as reflexões acerca do nosso objeto, não foram realizados a partir de um modelo pré-definido, mas sim, a partir de um arranjo, de uma composição teórica e metodológica que serviu como uma rota que nos ajudou a analisar o objeto.

¹³ Categorias chaves da Teoria de Vygotsky em suas obras **A formação social da mente** (1994) e **Pensamento e linguagem** (1993) que serão discutidas posteriormente neste capítulo.

coisas, aprendizados complexos, interação permanente, superação de diferenças e a busca de resultados positivos para todos (Kenski, 2003).

A colaboração e os processos que dela emergem, como interação entre os participantes e as tecnologias utilizadas, habilidades comunicativas, responsabilidade individual, negociação, dentre outros, são essenciais para a aprendizagem e para a apropriação do conhecimento. Mesmo sendo processos individuais, é no coletivo que a organização para o aprender se estabelece, definindo o papel das TIC no espaço escolar como potencializadores na construção do conhecimento, ampliando as possibilidades de compartilhamento entre os sujeitos, conformando assim, numa aprendizagem colaborativa.

Estas concepções estão amparadas por enfoques teóricos da Psicologia e da Linguagem, que contribuem para a construção de um todo, linhas que traçam rotas que orientam nosso esforço em construir uma concepção sobre a aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC.

2.1. Traçando linhas sobre a aprendizagem

A preocupação com a aprendizagem e seus processos é percebida na evolução dos estudos e pesquisas teóricas neste campo, apoiadas nas novas descobertas sobre o cérebro e o sentido humano e no avanço das tecnologias aliadas ao esforço para entender como o ser humano aprende. A emergência deste saber também é representada pelas situações do sujeito social, que se relaciona com outros sujeitos e com o meio em que se desenvolve a vida.

Da Filosofia à Psicologia, as questões sobre como o homem aprende, como apreende a realidade que o cerca e como se utiliza deste conhecimento, para construir os conceitos, são preocupações de uma sociedade que otimiza e mensura o desenvolvimento da inteligência humana através dos processos de aprendizagens formais ou informais. Questões sobre as diferentes formas de aprender, os diferentes processos e modalidades de aprendizagem, como e com quem se aprende, se sozinho, com outros, ou, ambos, são questões que desafiam o campo educacional a revisar suas concepções, teorias e propostas.

A superioridade humana é marcada pela inteligência que dirige suas ações a uma razão específica, conduzida por um pensar sobre o fazer intencional, planejado e

situado, considerando o que fazer, como, quando e porque, procedimentos e reflexões que encaminham as ações humanas à construção de conhecimento para a apropriação da realidade. Para Cortella (1998), este enfoque diferencia o homem dos demais animais que também podem transformar a realidade, agindo, no entanto, por instinto ou por reflexo condicionado. Citando Marx, o autor observa que:

o pior dos tecelões sempre seria melhor do que a melhor das aranhas. Enquanto ao pior tecelão seria possível modificar (fazer diferente, inovar) porque planejara antes, à aranha não restaria nada mais do que reproduzir sempre, e da mesma forma, aquilo que já estivesse inscrito em sua natureza. (p.41).

Aprender, criar, inovar, transformar, são propriedades do homem cognoscente, sujeito da história e da cultura que exercita o olhar, a linguagem, a expressão, a audição, os sentidos, a razão e a emoção na relação social e cultural com o mundo e com os outros homens e mulheres. Seus feitos, conceitos e conhecimentos são construídos da história, da cultura, da sua relação com os objetos que a constituem, e que, portanto, advém de uma construção, cujos resultados não são absolutos ou eternos, mas verdades que ficam em suspeição porque advém de uma relação em um contexto dinâmico: a história e a cultura.

Sendo o conhecimento uma construção em permanente processo, o homem também se insere neste contexto, como elemento cultural com capacidade constante de aprender de forma consciente. Assim, toda ação do homem na natureza, imerso na cultura, produz um efeito formativo e educativo, no qual se constitui tanto biologicamente, como socialmente, direcionado por ações humanizadoras e pelo exercício da linguagem, da expressão, do entendimento, da tomada de decisão, da análise, da compreensão, como pelo reconhecimento destas práticas, confirmando um grau de maturidade para a sua apreensão.

É, portanto, um processo de hominização que segundo Cortella (1998, p. 43) “expressa a noção do humano produzir-se, produzindo cultura e sendo produzido por ela” e de humanização como “um conceito ético que indica o processo de criar condições de vida mais dignas para as pessoas como um todo”. Tanto um quanto o outro, norteiam a concepção do humano que ao constituir-se vivencia situações diversas, entremeadas de valores, crenças, regras, objetos e conhecimentos determinados pelas condições e concepções do tempo vivido.

Neste processo educativo, o sujeito se conscientiza de que seu conhecimento ajuda na formação e produção de conhecimento do outro e vice-versa. É uma relação na qual há encontro, colaboração e inconformidade na busca da verdade e do saber. Perspectiva observada no percurso da história, quando em diferentes momentos, o homem tem criado situações de confronto e de discordância, assim como, de solidariedade, de ajuda ao articular formas de convívio entre seus pares e, desta relação, nasce uma rede de saberes, de significados e de conhecimentos necessária ao ato criativo e ao convívio coletivo.

Nossa reflexão sobre aprendizagem orienta-se nos enfoques socioculturais, como as apropriações de Vygotsky (1993, 1994) e experimentada nos contextos educacionais, que valorizam a formação do homem interativo e mediador de relações e nas contribuições de Bakhtin (2004), sobre o processo constitutivo do sujeito consciente que na troca, na comunicação e expressão do seu pensamento utilizando a palavra, conscientiza a si e o outro; vivencia, portanto, um processo humanizador e de aprendizagem permanente. Processo este, que fomenta a necessidade de que este homem seja também, consciente e responsável porque a sua ação colaborativa é estímulo cultural para o desenvolvimento de outros homens.

A contextualização da teoria historicocultural, do psicólogo russo Lev Semenovich Vygotsky procurou entender o funcionamento interno do pensamento e da linguagem a partir do desenvolvimento humano. Para este autor, o meio social é fundamental para o desenvolvimento cognitivo porque é o espaço de confrontações, de reciprocidade, de interações, de experiência, no qual nascem e se desenvolvem as relações homem-homem, homem-natureza/cultura/história, mediante uma estrutura de signos e instrumentos disponibilizados, desenvolvidos e criados pelo próprio homem para a sua intervenção e comunicação com o mundo.

Segundo Vygotsky (1993), esta relação estabelece uma trama de valores, de sentidos e de percepções marcada pelo tempo, pela cultura, pela história que sustenta a interação homem/meio, uma interlocução, na qual o homem percebe o desenvolvimento sócio-histórico e concomitantemente, o seu papel como sujeito social.

No contexto da teoria sociocultural, quanto mais o homem interage com os elementos culturais, mais capacidade terá para refletir sobre os mesmos, de descobrir seus papéis sociais, de construir sentidos e aplicá-los sob diversos modos, como recurso de memória, de percepção e de atenção.

Assim, o homem aprende, se desenvolve, muda o comportamento, a forma de pensar, de fazer e de relacionar-se, o uso de signos cria uma estrutura específica de comportamento que vai além do campo biológico, desenvolvendo novas formas de processos psicológicos constitutivos da cultura, como no caso

do uso de pedaços de madeira entalhada e nós, a escrita primitiva e auxiliares mnemônicos simples demonstram, no seu conjunto, que os mesmos nos estágios mais primitivos do desenvolvimento histórico os seres humanos foram além dos limites das funções psicológicas impostas pela natureza, evoluindo para uma organização nova, culturalmente elaborada, de seu comportamento (VYGOTSKY, 1994, p. 52).

Como produtos sociais criados para resolver conflitos, os signos representam e veiculam valores, memórias, sentidos, ideologias, por isso, sua mediação é fundamental para o entendimento da cultura, da história e dos sujeitos sociais, pois são interpretados e criados no processo de desenvolvimento sociocultural e de aprendizagem do homem em interação com o mundo e consigo mesmo, desenvolvido no processo de vida, no curso dos intercâmbios com outras pessoas. Este processo de interação pode desencadear a criação de novos signos representativos do sentido atribuído pelo sujeito na interação de acordo com o conteúdo da sua consciência em função do contexto ou da situação por ele vivido.

O desenvolvimento intelectual do sujeito precede deste processo, inicialmente, a criança utiliza a linguagem como meio de comunicação social com o mundo externo, depois, na trilha do seu desenvolvimento, se utiliza da linguagem egocêntrica para falar alto para si mesma, para verbalizar o seu próprio pensamento em situações de atividade. Depois, a fala interior que tem a mesma função da fala egocêntrica, organiza o pensamento e a ação, mas sem verbalização.

A partir daí, o pensamento torna-se verbal e a linguagem racional, tem-se uma estrutura organizada do pensamento com significado, que conduz o homem a uma compreensão consciente da realidade, mediada e significada pela palavra, categoria fundamental para a formação de conceitos.

A formação de conceitos na perspectiva Vygotskiana representa o domínio de idéias para elaboração de sentidos, expressos pela generalização de uma palavra, envolvendo relação, discernimento, uma elaboração cognitiva complexa a respeito de um problema, de um evento, de um contexto de forma organizada.

As relações sociais, as linguagens intercambiadas nos diálogos, o envolvimento com um determinado contexto historicocultural, conduzem o sujeito à elaboração de conceitos espontâneos e científicos. Os primeiros são resultados da vivência, da cotidianidade, da participação em circunstâncias diversas. E o segundo são construtos provenientes de uma relação formalmente organizada, de uma mediação argumentada sob o aporte de conhecimentos científicos, mediante um direcionamento e planejamento estruturado com objetivos, estratégias para o conhecimento teórico com fins educacionais formais.

Um dos argumentos de Vygotsky é de que o incentivo à valorização para a formação dos conceitos científicos é função dos espaços educacionais formais, como a escola, sob a orientação do professor. Nesse espaço de elaboração situada, o professor sistematiza a relação dos alunos e destes com os conhecimentos das diversas áreas curriculares e suas linguagens. O entendimento da lógica do conhecimento científico é possibilitado pela maturidade cognitiva do sujeito, adquirida em confrontos com situações concretas, ou situadas, cenário para as relações entre pensamento e linguagem.

O contexto escolar reafirma a importância do papel da linguagem na formação dos conceitos, na interiorização dos conteúdos, na produção do conhecimento, pois em suas diversas manifestações simbólicas, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano. A linguagem é o elo entre as atividades práticas e mentais, sendo a palavra o instrumento socializador entre o físico/psíquico, exterior/interior, aprendizagem/desenvolvimento.

Na interpretação de Varela (2007, p. 123),

Vygotsky concede importância fundamental ao desenvolvimento da linguagem, constituindo-se a palavra como rico instrumento para transmitir a experiência histórica da humanidade. Todo ser humano, inserido em uma realidade sócio-histórica, apenas adquire a condição humana se for, em sua relação com o mundo, mediado por instrumento de sua cultura – signo, palavra, símbolo. O conhecimento é, portanto, uma produção cultural, diretamente relacionada com a linguagem e com a interação social.

A relação cultura, linguagem e interação social na produção do conhecimento é também objeto de reflexão da lingüística quando procura explicar os signos e a construção da linguagem, a partir da década de vinte, pelo lingüista Mickail Bakhtin

(2004). Para ele, os signos lingüísticos, são signos ideológicos possuidores de sentidos que refletem e expressam os discursos e a experiência histórica da humanidade. Experiência efetivada pelo intercâmbio sociocultural dos sujeitos transmitida e operacionalizada pela linguagem.

O processo interacional dos sujeitos com os elementos culturais, linguagem, signos, ultrapassam a materialidade física dos mesmos, pois são imersos em ideologias que expressam uma intencionalidade, uma organização, que refletem a dinâmica, os interesses e os conflitos sociais. A palavra, por exemplo, na visão do autor, é um signo semiótico que

(...) penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios (2004, p. 41).

A palavra expressa no diálogo, na interação e na colaboração impulsiona a percepção e o reconhecimento de que as vozes que a expressa, têm uma razão de ser, tem um sentido proveniente de uma história vivida por cada um, mas parceirizada por outros. Assim, a significação da palavra de cada um, tem uma significação na palavra do outro. A alteridade da palavra obedece, portanto, a um princípio dialógico, como argumenta Silva e Dias (2005, p. 171), “pressupõe a intensa troca e a negociação de sentido entre os sujeitos implicados”, estes possuidores de palavras que expressam os significados de seus discursos interiores com o exterior.

Entendida como signo semiótico intercambiador de pensamentos, saberes interiores aprendidos em situações de vida, de aprendizagem, a enunciação da palavra é, portanto, um processo dinâmico que revela a organização, a elaboração do pensamento, como diz Vygotsky (1993, p. 131),

a relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra. A relação entre eles não é, no entanto, algo já formado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica.

A relação entre pensamento e linguagem é uma relação de interdependência de processos cognitivos, para a construção do conhecimento. Processo dinâmico que se atualiza conforme o desenvolvimento do sujeito e a cada aprendizagem realizada pelo mesmo. Dinâmica e complexa, a linguagem encaminha o sujeito à complexidade do pensamento, no sentido de apropriar-se dos sentidos e significados dos signos culturais, externalizados pela linguagem e assim, empreender uma leitura crítica dos mesmos e da realidade.

Pela expressão e uso da palavra é possível entender o contexto sociocultural no qual os sujeitos estão envolvidos e a sua consciência, com os complexos que os envolve, suas emergências e contingências. “Passa a ser possível entre os homens não apenas o intercâmbio de objetos, mas acima de tudo o intercâmbio de pensamentos” (MARTINS, 2007, p. 46).

Na análise de Vygotsky (1993, p.131-2):

(...) a característica fundamental das palavras é uma reflexão generalizada da realidade. Esse aspecto da palavra leva-nos ao limiar de um tema mais amplo e mais profundo – o problema geral da consciência. O pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente da percepção, são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana.

Ainda neste campo, Bakhtin (2004) afirma que a palavra é uma ação determinada e contextualizada pelo sujeito sociocultural, sob a interlocução de diferentes vozes: conscientes, imaturas, sofridas, humanas, distantes, presentes,... que clamam e reclamam, induz e conduz, conscientiza e aliena, esclarece e obscurece, ...ou que simplesmente tece, a vida como lhes parece. São todas, vozes interlocutoras da subjetividade individual e social. Embora seja elaborada a partir do fundo perceptivo¹⁴ do sujeito, o autor da palavra, a mesma reflete e refrata outras palavras, outras vozes, outros sujeitos; o individual é formatado no social, portanto, sem a palavra do outro, não seria possível elaborar e anunciar uma palavra expressiva, contextualizada representando uma percepção, uma reflexão.

¹⁴ Bakhtin refere-se a toda atividade mental do sujeito.

Em Bakhtin, a palavra não é silenciosa, nem individual, embora o sujeito a expresse, a partir de um processo seu de compreensão e interiorização. A sua expressão emana de um conjunto de vozes, de sons, de gritos, de enunciações personalizadas conforme o conjunto de elementos cognitivos e sociais contextualizados no/pelo autor. A palavra segue uma orientação porque “na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato *de* que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*” [grifos do autor] (BAKHTIN, 2004, p. 113).

Quando a palavra é anunciada pelo emissor, o outro, o receptor se vê nela, reflete seus valores, crenças, visões e percepções. Reconhecimento que para Dias e Silva e Dias (2005), se apresenta muitas vezes, como um convite à imersão na mensagem, a manipulação, a complementação, a troca, ao diálogo, possibilidade de atribuir novos sentidos porque ao ser revisada, opinada, refletida, observada e analisada por outros sujeitos com fatores sociocognitivos diferentes, alargam o referencial de conhecimento.

Outras considerações nos auxiliam na observação de que a mensagem/palavra não deve permanecer num circuito fechado, numa única direção, cuja transmissão emana uma verdade rígida, absoluta, se nos posicionarmos como sujeito de uma história em desenvolvimento, que está em constantes transformações e atualizações, cujo tempo e espaço se reordenam e com eles as explicações, os posicionamentos, as verdades. Assim, os saberes, os conceitos, as verdades, são transitórios, sua soberania e validação dos enfoques, posicionamentos e questionamentos podem ter um tempo definido pelo fluxo da história.

Esta argumentação é validada por Bakhtin, ao dizer que o homem é um ser histórico e social e que a linguagem é parte constitutiva deste processo, deste contexto que o comunica e o contextualiza. A palavra é entendida como elemento social, que problematiza a realidade a partir da análise das diferentes vozes, é atualizada, recontextualizada e ressignificada para atender aos anseios da sociedade.

Esta argumentação confirma o caráter dialógico e polifônico da linguagem por constituir-se num processo de interação social disponibilizado pela relação homem-mundo, relação ativa, interativa, processual, suscetível a constantes mudanças, que permite ao sujeito refletir e perceber as referências de outros homens, de outras culturas, na constituição do seu eu, diferentemente, do monológico, que é traduzido como autoritário, fechado, acabado,

é algo concluído e surdo à resposta do outro, não reconhece nela força *decisória* [grifo do autor]. Descara o outro como entidade viva, falante e veiculadora das múltiplas facetas da realidade social e, assim procedendo, coisifica em certa medida, toda a realidade e cria um modelo monológico de um universo mudo, inerte (Bezerra, 2007, p. 192).

A palavra “verdadeira” considera a polifonia de vozes dos sujeitos que dialogam com os aspectos sociais, culturais e ideológicos, num posicionamento que permite a troca, o cruzamento da comunicação, num movimento dinâmico, participativo e interativo, em que o locutor e o interlocutor se comunicam, “serve de expressão a um em relação ao outro. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é território comum do locutor e do interlocutor”, (BAKHTIN, 2004, p. 113).

Nesta perspectiva, a palavra atua como mediadora nos processos de comunicação e de na construção do conhecimento. Norteia as ações, o pensar, o elaborar, por meio de instruções, organizações e estímulos, pressuposto para a aprendizagem e para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, responsáveis por transações cognitivas complexas, como criatividade, elaboração crítica, tomada de decisão.

Para Varela (2007, p. 102), a função da mediação é fundamental no processo de aprendizagem, pois “quanto mais uma criança usufruir da mediação em sua aprendizagem, mais rico será seu desenvolvimento intelectual, advindo da interação direta com o meio”, enquanto que ao contrário, a falta do mediador ou de mediadores que contribuam para que o sujeito possa “transcender os estímulos e as experiências da vida, provoca a síndrome da privação cultural” (op. Cit.; 108).

Privados culturalmente pela falta ou inadequada mediação e interação social, os sujeitos empobrecem o seu arcabouço teórico e cultural. A mediação é pressuposto para a formação, o avanço sociocognitivo do sujeito e o desenvolvimento de sua zona de desenvolvimento proximal (ZDP) e com ela, a formação de conceitos fundamentais para a interação com o mundo.

Segundo Vygotsky, a ZDP é a distância entre dois níveis: o primeiro, considerado o desenvolvimento real, definido como o desenvolvimento espontâneo que

o aluno traz consigo e o segundo, o desenvolvimento proximal, aquele que é potencializado com a ajuda e mediação do outro. Desta forma, as situações de interação que possibilitam o desenvolvimento proximal hoje, contribuirão para o desenvolvimento real amanhã.

Este enfoque confirma a proposição de que o desenvolvimento humano é social, se dá em contextos situados de aprendizagem, com base na colaboração/interação/mediação que se dá desde os primeiros dias de vida. Através de mediações por signos, instrumentos e por pessoas, o sujeito aprende, se desenvolve, conhece a realidade, os significados dos meios sociais, como dominá-los para solucionar e criar novos problemas. Neste contexto se dá o aprendizado. Por vários processos internos de desenvolvimento, o sujeito é capaz de operar somente quando interage com pessoas em seu ambiente e em cooperação com seus companheiros, internalizando esses processos tornando-os parte de suas aquisições do desenvolvimento independente (VYGOTSKY, 1994).

Esta organização compartilha processos que impulsionam o desenvolvimento e aquisições cognitivas, impossíveis de acontecer sem a competência de um contexto organizado que alimenta e retroalimenta a descoberta, a curiosidade, o questionamento, o saber. O sujeito interioriza o que aprendeu, em funções intersíquicas, desenvolvidas primeiramente, no plano coletivo, entre os sujeitos, para depois, no individual, intrapsíquico.

Esta operação, definida por Vygotsky (1993), como internalização compreende uma etapa complexa do desenvolvimento e da aprendizagem, construída na ação/interação/colaboração dos sujeitos com a realidade sociohistórica, ancorados pela linguagem. A cada internalização, se alargam/desenvolvem funções psicológicas superiores, condição para a formação do homem, consciente de si mesmo e da realidade que o cerca. Para Varela (2007, p. 122),

este é um fenômeno psíquico fundamental para entender o desenvolvimento das funções psicológicas superiores proposto por Vygotsky, funções criadoras da personalidade, da consciência individual e social, tendo como processos fundamentais à mediação e à linguagem.

Considerando este enfoque, o trabalho colaborativo torna-se fator determinante para a aprendizagem e para o desenvolvimento cognitivo, porque potencializa o

aprender pela ajuda e intervenção do outro, no qual o mais experiente ajuda o menos experiente, professor e aluno aprendem juntos. A interação social é ampla, porque possibilita uma variedade de mediações entre os diversos sujeitos aluno/aluno, aluno/professor; professor/professor. Estas relações, também mediadas pelas tecnologias, orientam os processos educativos a partir de estratégias que privilegiem a colaboração como metodologia, fluxo para a aprendizagem e a construção do conhecimento.

2.2 – Identificando novas coordenadas sobre as possibilidades da colaboração como princípio para aprendizagem

Uma das primeiras coordenadas sobre os estudos, reflexões e práticas colaborativas, são as contribuições dos psicólogos sociais Jonhson e Jonhson, com a criação nos anos 70, de um método de aprendizagem cooperativa, denominado *aprender juntos (learning together)*. Este método cria uma situação social de trabalho em grupo com um objetivo comum, para produzir mais e obter uma melhor aprendizagem. Para os autores, o trabalho em grupo, desenvolve a interdependência positiva, a responsabilidade individual, as habilidades sociais e a consciência do funcionamento do grupo.

São referências psicológicas e pedagógicas em torno de habilidades e competências grupais, precisamente em grupos cooperativos/colaborativos e que ajudam a desmistificar a idéia de que todo trabalho em grupo é cooperativo/colaborativo. Espinosa (2003, p. 108), partindo dos estudos de Jonhson e Jonhson, observa que no grupo cooperativo:

- Os alunos aceitam de bom grado a indicação de trabalhar juntos.
- O rendimento individual depende do esforço de todos.
- O objetivo do grupo é maximizar o rendimento de todos os membros.
- Se um fracassa, todos fracassam.
- Cada membro do grupo assume a sua responsabilidade, e os torna responsáveis perante os outros.
- Produzem resultados conjuntos.

- O trabalho é coletivo e se ajudam uns aos outros tanto em questões escolares quanto pessoais.
- Trabalham formas de interação pessoal.
- Como consequência, o grupo é mais que a soma de suas partes, e todos os alunos têm um melhor desempenho se tivessem que trabalhar sozinhos.

É desta organização de trabalho que deriva a aprendizagem colaborativa. Espinosa (2003, p. 102), esclarece que “a aprendizagem colaborativa é sempre fruto do trabalho colaborativo, mas não ao contrário, nem todo trabalho colaborativo, terá como consequência a aprendizagem colaborativa”.

O trabalho desenvolvido por Johnson e Johnson trouxe contribuições importantes para a educação e tem subsidiado os estudos que investigam a aprendizagem colaborativa sob os pressupostos da Psicologia Sociocultural, a exemplo dos estudos de Crook (1998), que analisa os diferentes matizes do trabalho em grupo, justificando-a como método de aprendizado.

Para este autor, a aprendizagem colaborativa se refere à construção e desenvolvimento de conhecimentos compartilhados, por meio da interação social, processo que possibilita a ampliação e a transformação dos sistemas cognitivos existentes. A atividade cognitiva funciona e se desenvolve como sistemas funcionais “para além da pele”, ou seja, como recursos exteriores à pessoa, como os da cultura, os mediadores da evolução histórica, da experiência e da aprendizagem; a cognição é situada, aprendemos em situações concretas, ou seja, aprendemos conforme o contexto de aprendizagem.

Este fundamento é também um foco na reflexão de Lévy (1996), quando analisa a virtualização da inteligência e a constituição do sujeito, do seu desenvolvimento intelectual pela mediação de tecnologias, através dos seus dispositivos de memória e de comunicação. Para o autor (p. 95), “nós seres humanos, jamais pensamos sozinhos ou sem ferramentas. As instituições, as línguas, os sistemas de signos, as técnicas de comunicação, de representação e de registro informam profundamente nossas atividades cognitivas”.

No contexto sociocultural, aprender em situações de interação conduz a realizações em grupo, em parceria, em colaboração, assim, “estudar e compreender o

termo colaboração é um conceito organizador” (CROOK, 1998, p. 106) para a dinâmica da aprendizagem em grupo.

Nos matizes diferenciadores dos termos, colaboração e cooperação se apresentam como método de ensino para o desenvolvimento intelectual e social dos sujeitos a partir de concepções interativas de aprendizagem, com bases teóricas na Psicologia, na Sociologia e na Pedagogia. Almenara (2003, p. 135), chama atenção para o fato de que estas bases teóricas estão presentes nos diferentes matizes, definições e características da aprendizagem colaborativa. Para ele:

apesar de a aprendizagem colaborativa ter sido definida de diversas formas, em linhas gerais, poderíamos considerá-la como uma metodologia de ensino baseada na crença de que a aprendizagem aumenta quando os alunos desenvolvem habilidades cooperativas para aprender e solucionar os problemas e ações educativas nas quais estão imersos¹⁵.

Alguns pesquisadores utilizam elementos diferenciadores para identificar a perspectiva dessa aprendizagem. Espinosa (2003), Chaves (2002), e Crook (1998), observam que os termos colaboração e cooperação podem ser entendidos com o mesmo sentido, identificam diferenciadores neste último, reforçando que a linha divisória entre a aprendizagem colaborativa e cooperativa é muito fina. Para os autores enquanto na colaboração há uma característica pontual que é o maior interesse pelos processos cognitivos; na cooperação, o elemento norteador é a motivação.

Os estudos sobre a aprendizagem cooperativa ajuda a definir uma estrutura de motivação e de organização para um programa global de trabalho em grupo, enquanto que os estudos sobre a aprendizagem colaborativa se centram nas vantagens cognitivas derivadas dos intercâmbios mais íntimos que se realizam ao trabalhar juntos¹⁶. (Crook, 1998, p. 168)

¹⁵ aunque el aprendizaje colaborativo se ha definido de diferentes modos, en líneas generales podríamos considerarlo como una metodología de enseñanza basada en la creencia de que el aprendizaje se incrementa cuando los estudiantes desarrollan destrezas cooperativas para aprender y solucionar los problemas y acciones educativas en las cuales se ven inmersos.

¹⁶ Los estudios sobre el aprendizaje cooperativo contribuyen a definir una estructura de motivación y de organización para un programa global de trabajo em grupo, mientras los estudios sobre el aprendizaje colaborativo se centran en las ventajas cognitivas derivadas de los intercâmbios más íntimos que tienen lugar al trabajar juntos. (Crook, 1998, p. 168)

Na análise do autor, os termos cooperação e colaboração se diferenciam porque o enfoque dado ao primeiro é mais didático, de organização do como fazer em convivência grupal, enquanto que na colaboração, o processo cognitivo é resultado de um trabalho construído conjuntamente, em constante processo de comunicação e de negociação.

Ao referir-se ao processo de aprendizagem colaborativa, Okada (2003, p. 276) fundamenta-se nos estudos de Abercrombie (1960), Bruffe (1999) e Crook (1998), para afirmar que:

não existe um único propósito coletivo, os aprendizes confrontam situações complexas e incertas da vida real e são incentivados a atitudes de questionamento, troca e reflexão coletiva, consenso. No ambiente colaborativo todos são aprendizes, aluno, professor e podem contribuir com o outro.

Quanto ao aprendizado cooperativo, apóia-se nos estudos de Cohen (1986), Johnson e Johnson (1978), Sharam (1980), Slavin (1985) e Bruffee (1999), ao afirmar que neste processo,

é estimulado o trabalho em conjunto visando atingir um propósito em comum, com problematizações bem claras e definidas, nas quais os participantes podem cooperar um com o outro, socializando as suas aptidões e desenvolvendo mais habilidades necessárias para a busca de soluções.

Chaves (2002) é outro autor que traz contribuições a esta discussão sobre as diferenças entre os termos. Apoiado em Dillenbourg (1995) e Crook (1995), ele observa que:

(...) na colaboração existe articulação de pensamentos colocados coletivamente; valoriza-se o conflito que surge nas negociações em busca de um consenso do grupo; há possibilidade de construção conjunta de conhecimento através da resolução de problemas. Na cooperação cada indivíduo é responsável por uma parte da resolução do problema, através da distribuição de subtarefas independentes, e há pouca coordenação interpessoal.

Apesar da polêmica, as diferenciações entre os termos colaboração e cooperação não diminuem as vantagens do aporte teórico de ambos, para o desenvolvimento social e cognitivo dos participantes, e nem a dinâmica geral de trabalho.

A perspectiva do trabalho colaborativo resultante da interação entre as pessoas com as tecnologias, com os instrumentos, com a linguagem e com o meio, cria possibilidades ricas para o desenvolvimento da aprendizagem e da cognição, porém necessita de uma estrutura social organizada, de princípios cognitivos e pedagógicos, como o da articulação, o do conflito e o da co-construção (Crook, 1998).

Para o autor, o princípio da **articulação** se justifica pela necessidade do sujeito organizar, justificar e declarar suas próprias idéias, aos parceiros, mediante uma interpretação cognitiva adequada para que seja compreendido. O princípio do **conflito** interpreta que os benefícios se produzem no contexto dos desacordos entre os companheiros e de seus esforços para resolvê-los, assim, estimula os movimentos discursivos de justificação e negociação. E por fim, o princípio da **co-construção** que faz referência a significação que tem o fato de compartilhar objetivos comuns, e que o resultado alcançado não seja a simples justaposição da informação, mas sim, sua elaboração, reformulação e construção conjunta entre os participantes.

Considerando os aspectos conflitivos da aprendizagem colaborativa, referentes à compreensão e utilização dos termos colaboração e cooperação, apresentamos no quadro abaixo, um esforço de síntese das reflexões de Espinosa sobre este dilema organizado no quadro 1, apresentado a seguir:

Quadro1 - Aspectos diferenciadores do conceito de aprendizagem colaborativa e cooperativa

Johnson, Johnson y Holubec (1999, 14), citado por Espinosa (2003)	Aprendizagem cooperativa: é o emprego didático de pequenos grupos de alunos que trabalham juntos para maximizar sua aprendizagem e dos demais.
Rué (1998), citado por Espinosa (2003)	Aprendizagem cooperativa: um termo genérico usado para referir-se a um grupo de procedimentos de ensino, que partem da organização da classe em pequenos grupos heterogêneos, nos quais os alunos trabalham de forma cooperativa para resolver tarefas acadêmicas.
Almenara (2003, p. 135-136)	“A aprendizagem cooperativa é uma estratégia sistemática instrucional na qual um pequeno grupo trabalha junto para produzir um produto comum”.
Silva (2006)	A aprendizagem colaborativa solicita o envolvimento de todos os membros do grupo e vai muito além da distribuição de tarefas (cooperação). A aprendizagem colaborativa origina-se e desenvolve-se em uma dimensão coletiva comunitária. Isso pressupõe a reciprocidade, a co-criação e, sobretudo a interferência por parte de todos no desenvolvimento de enunciados e ações em processo ininterrupto de resignificação.
Almeida (2007, p. 31)	“A aprendizagem colaborativa vai além do compartilhar informações e da oferta de contribuições; envolve participação co-responsável na elaboração conjunta dos planos, projetos e propostas de ação, criação de relações de confiança mútua, cumplicidade,

	comprometimento, reciprocidade e reconhecimento da interdependência”.
--	---

Fonte: Adaptado Espinosa, 2003.

Mesmo considerando os diferentes conceitos sintetizados no quadro anterior, podemos observar que a importância social do trabalho em grupo é reconhecida tanto nos conceitos de aprendizagem colaborativa e cooperativa, como indicativo para uma melhor aprendizagem. Em ambas as propostas são desenvolvidas habilidades grupais, para o alcance do objetivo comum. Todavia, nestas concepções, a aprendizagem cooperativa se destaca pela organização estrutural do trabalho, diferentemente da aprendizagem colaborativa que enfatiza a intervenção dos sujeitos, no processo de construção.

A perspectiva colaboração *versus* cooperação é compreendida por McCarthy y McMahan em Espinosa (2003), a partir de seis dimensões de análises, que apresentamos no quadro 2.

Quadro 2. Análise comparativa de métodos de ensino

	Cooperação	Colaboração
Resultados das intervenções	Igualdade	Igualdade
Interação	De média a alta	Alta
Tarefa	Múltiplas contribuições para uma tarefa	Tarefa conjunta
Concepção do conhecimento	Transmissão/construção multidirecional Consenso	Construção bidirecional Consenso
Zona de desenvolvimento proximal	Fluida e dinâmica	Fluida e dinâmica
Discurso	Uni e multidirecional	Bidirecional

Fonte: Adaptada Espinosa, 2003.

Os dados apresentados no quadro 2 mostram que a colaboração é mais complexa ou está numa escala superior à cooperação, especificamente quanto à interdependência entre os participantes e quanto ao desenvolvimento da tarefa. Nestas dimensões, verifica-se que o conhecimento é construído conjuntamente, imbricando numa negociação constante.

Em síntese, na colaboração, o fluxo de comunicação bidirecional é contínuo, enquanto que na cooperação ocorrem momentos de comunicação unidirecional, quando um aluno se mostra conhecedor de determinadas idéias e as explica ao grupo e noutros momentos, a comunicação é multidirecional, quando os membros do grupo avaliam alternativas e tomam decisões em conjunto. Na cooperação, se investiga sobre a parte da

tarefa destinada a cada um, enquanto que na colaboração, o desenvolvimento é em conjunto.

O aporte teórico aqui apresentado sobre a aprendizagem colaborativa, nos fez identificar que a organização para a colaboração implica na valorização da comunicação na educação, considerando a trama metodológica e epistemológica para a definição dos meios, técnicas e tecnologias a serem utilizados, bem como, critérios, cuidados e possibilidades para o desenvolvimento de processos individuais e coletivos de aprendizagem. “Trama que permite sustentação do todo sem desconsiderar as partes” (Okada, 2003, p. 285), como numa rede de comunicação, na qual as conexões são articuladas mediante interesses e necessidades individuais e/ou coletivas, mas que o todo e as partes se comunicam visando uma construção com diversos sentidos e significados.

Apesar da linha tênue que assinala as diferenças entre colaboração e cooperação, tomaremos como referência para nosso estudo, o termo colaboração por entender que responde melhor as dinâmicas sociais de aprendizagem em grupo e em rede, implicando segundo Gomez (2004), numa relação, interconexão de saberes, organização, utilização de tecnologias para um aprender em comunhão, e assim, favorece um diálogo aberto e construtivo entre os participantes, alunos e professores e, se isso acontece, é porque existe interesse e significado para os mesmos.

Os enfoques de aprendizagem colaborativa situados no contexto sociocultural apontam a interação como determinante para a construção do conhecimento, possibilitado pela motivação socialmente construída pelo uso, negociação e entendimento da palavra. A partir dessa relação de troca e envolvimento, o ser humano se faz homem, ao encontrar elementos sociais, culturais e cognitivos para a sua formação; desde a motivação para expor suas idéias, maturidade para compreender, analisar e criticar a dos parceiros, como para encontrar ou dar significado as palavras e assim, obter mecanismos para a formação de conceitos¹⁷. É uma trajetória pedagógica mediada também, pelo olhar, estimulação, argumentação e orientação do professor visando garantir o desenvolvimento sócio-afetivo de seus alunos.

¹⁷ A formação de conceitos é uma categoria trabalhada por Vygotsky relacionada à questão cultural no processo de construção de significados pelos indivíduos, ao processo de internalização e ao papel da escola na transmissão de conhecimento, que é de natureza diferente daqueles aprendidos na vida cotidiana.

O desenvolvimento cognitivo e social, a partir da perspectiva da interação e da colaboração, aqui sintetizadas, nos possibilita compreender a aprendizagem colaborativa como um processo em permanente construção que acontece a todo o momento, por estarmos em constante processo de interação social, compartilhando experiências, saberes e, neste caminho, alterando as percepções, ressignificando-as e conferindo as novas percepções, uma nova aprendizagem.

É sob essa perspectiva que o enfoque sociocultural justifica a colaboração como elemento importante no desenvolvimento intelectual e social dos sujeitos. Para Espinosa (2003, p. 97), “os alunos com diferentes graus de desenvolvimento, experiências e habilidades, compartilham seus conhecimentos e contribuem assim, não somente na realização da tarefa, mas também no desenvolvimento de seus companheiros¹⁸”.

Noutras palavras, o processo de interação e de colaboração enraizado no contexto histórico e cultural, alarga as potencialidades de aprender mais e melhor e se expressam nos sentimentos de satisfação e interesse. Na visão de Moraes (2004, p. 292-293), “o social é condição para que o indivíduo desenvolva, dialeticamente, a sua capacidade de individualização, a partir do desenvolvimento de atividades e do reconhecimento de suas próprias competências, de seus talentos e habilidades em relação aos outros”.

A aprendizagem implica então, uma condição permanente fazendo parte tanto do desenvolvimento físico quanto do psíquico dos sujeitos. Ela se realiza por meio de processos de formação, de um *vir-a-ser* contínuo impulsionado pela maturação do corpo e da mente, e pelos desafios e cenários múltiplos, emergidos na linha do tempo, no contexto sociocultural, implicado, numa trama de relações complexa, curiosa, desafiadora, desencadeadora de percepções, opções, visões e investigações que sustentam novas questões de um conhecimento em erupção, em transformação.

A colaboração entre companheiros em uma situação social de aprendizagem oferece ricas possibilidades para a produção de conhecimento. Assim, a conquista do conhecimento, do desenvolvimento cognitivo e social emergem de uma ação dialógica, comunicacional, caracterizada pela mediação e colaboração dos sujeitos.

Esta abordagem nos permite afirmar que o fundamento para a aprendizagem colaborativa é a construção social do conhecimento. Esta argumentação contribui para

¹⁸ os alumnos, com diferentes grados de desarrollo, experiencias y habilidades, comparten sus conocimientos y contribuyen así no sólo al logro de la tarea, sino también al desarrollo de sus compañeros

compreendermos o sentido da colaboração na educação, tanto pelo desenvolvimento cognitivo, como pelo desenvolvimento social.

Na perspectiva da aprendizagem colaborativa, o papel do professor é central quando coloca os alunos em situação intelectual para o aprender, a partir de conhecimentos pedagógicos sobre o educando e a ação educativa. Embasamento que lhe permite criar situações pedagógicas para o aprender, e assim, guia o processo problematizando situações que motivem os alunos a participar, a refletir e a elaborar em grupo.

Para Silva (2006), o professor é o mobilizador da experiência do conhecimento, pois disponibiliza uma montagem de conexões em rede que permite múltiplas ocorrências, experimentações e expressões. Dinâmica que segundo Espinosa (2003), deve ocorrer na seqüência temporal de todo o processo, desde a fase inicial, de organização, passando pela de desenvolvimento até a final. Na primeira fase, o professor deverá tomar decisões significativas que determinarão o êxito do processo, como:

- a organização do espaço físico e virtual deverá ser flexível para promover a interação entre alunos e professores;
- definir os objetivos;
- e os grupos que farão parte do processo.

Na segunda fase, durante o processo de aprendizagem colaborativa, o professor deverá:

- incitar a reflexão sobre a importância da responsabilidade individual para o desenvolvimento do grupo;
- gerar um ambiente que desenvolva a motivação;
- ajudar para que os alunos desenvolvam seus pensamentos a níveis superiores, ou seja, para o desenvolvimento da Zona de Desenvolvimento Proximal;

E na fase final, o professor deverá:

- organizar atividades para avaliar o processo;
- ajudar os alunos a refletir e avaliar sua aprendizagem.

Portanto, para o autor, o papel do professor tem uma expressiva significância para a aprendizagem colaborativa, suas ações e responsabilidades favorecem a

participação dos alunos e, conseqüentemente, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais.

Diante do exposto sobre as dimensões sociais e cognitivas da colaboração e de sua importância para o processo de aprendizagem, acreditamos que um grupo que colabora, compartilha vontades, dificuldades, problemas, soluções, caminhos através de ações e reflexões, movimento para o desenvolvimento da ZDP e, conseqüentemente, para o desenvolvimento cognitivo e social. Ultrapassa o desenvolvimento de tarefas e discussões fechadas no currículo, compartimentadas nas áreas de conhecimento, porque a organização coletiva incita a fala dos sujeitos e estes se colocam como protagonistas das ações, levantando questões e considerações que incidem na suas vidas.

A articulação de saberes, para um trabalho colaborativo se pauta, portanto, na lógica da comunicação interativa entre os parceiros mediados pelos ambientes, contextos e tecnologias.

2.3. Aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC: a internet, as redes e os ambientes virtuais de aprendizagem

As TIC podem apoiar o processo de aprendizagem de forma variada. Uma delas é a utilização de computadores e da rede internet como ferramentas e ambientes de comunicação entre pessoas que compartilham informações, dúvidas, saberes a partir de um objetivo comum.

Utilizar as TIC com essa abrangência na educação significa apoiar o uso de técnicas e métodos grupais que valorizem a comunicação coletiva, sob uma determinada organização para a obtenção dos resultados esperados. Ibáñez (2003) define esse processo como aprendizagem colaborativa por visualizar um processo de ensino-aprendizagem que utiliza sistemas de comunicação apoiados na rede para o alcance de objetivos comuns.

O sistema de aprendizagem de comunicação interativa apoiado por computador utilizando ferramentas síncronas e assíncronas é reconhecido neste campo pelas siglas CSCL (*Computer-Supported Collaborative Learning*), que representa ambientes enriquecedores para o processo de aprendizagem e CSCW (*Computer-Supported Collaborative Work*), representa trabalho colaborativo apoiado por computador.

Para Campos et al. (2003, p. 61), os diferentes ambientes se diferenciam na medida em que o primeiro focaliza o trabalho na educação, naquilo que está sendo comunicado, visando tornar a aprendizagem mais efetiva, enquanto que o segundo refere-se a uma área de estudos que tem foco em técnicas de comunicação empregadas para prover suporte à colaboração, principalmente, em negócios. Na visão dos autores, o CSCW focaliza o produto das interações e o CSCL focaliza o processo de interação.

Na visão de Cervera e Moya (2003), o CSCL é o mais adequado ao contexto educacional, porque envolve a comunicação entre os aprendizes, ultrapassando a simples facilitação da comunicação.

Neste contexto, o trabalho colaborativo apoiado pelas TIC, representa ambientes e processos enriquecedores para a aprendizagem e para a comunicação interativa. São definidas por Lévy (1993) como tecnologias intelectuais porque as informações, as idéias e os processos que circulam e engendram nas interfaces informáticas transformam o meio no qual se propagam, possibilitando novas organizações para a transmissão, produção e comunicação da informação, provocando alterações na linguagem, na memória, no comportamento e no pensamento coletivo.

Vista como uma rede aberta de novas analogias, de novos significados para novos mundos práticos, sociais e cognitivos, as tecnologias da inteligência produzem uma dinâmica considerada por Lévy (1993), como ecologia cognitiva¹⁹, em que os meios técnicos influenciam os contextos humanos e os humanos influenciam os desenvolvimentos técnicos; é como um conjunto de relações que se imbricam e se metamorfoseiam de acordo com as implicações dos contextos social, político e econômico, no qual os sujeitos e as tecnologias estão inseridos.

De acordo com Lévy (1993, p. 146):

cada nova conexão contribui para modificar os usos e significados sociais de uma dada técnica, (...) o que equivale a dizer que não podemos considerar nenhuma tecnologia intelectual como uma substância imutável cujo significado e o papel da ecologia cognitiva permaneceriam sempre idênticos. Uma tecnologia intelectual deve ser analisada como uma rede de interfaces aberta sobre a possibilidade de novas conexões e não como uma essência.

Neste sentido, consideramos a Aprendizagem Colaborativa Apoiada por Computador-CSCL, uma tecnologia intelectual, com possibilidade de conexões com

¹⁹ Para Lévy, (P. 137), a “ecologia cognitiva” é o estudo das dimensões técnicas e coletivas da cognição.

outras tecnologias, outros contextos, outras culturas, para novas interpretações, novas aprendizagens, novos conhecimentos. É uma estratégia educativa de grupo, na qual os sujeitos tecem uma rede de significados, compartilham intenções, opiniões, saberes a partir de um objetivo comum.

A busca de informações entre os participantes do grupo a partir de um objetivo comum implica em lançar mão tanto de conhecimentos já produzidos pela humanidade, como pode também requerer novos conhecimentos que confrontem ou acomodem um conjunto de conhecimentos e procedimentos para a realização do que se quer fazer e aprender colaborativamente. Neste processo, o meio social é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e para a construção do conhecimento porque é nele que ocorre a troca, a interação. É um mecanismo desencadeador do processo de aprendizagem, suscitando práticas significativas e libertadoras.

A aprendizagem colaborativa apoiada por computador pode contribuir para estas perspectivas porque a perspicácia do pensar, do planejar, do produzir e executar situações pedagógicas com a presença das TIC deve possibilitar aos alunos e professores desenvolver diferentes olhares para compreender o papel sócio, político, econômico e cultural das TIC, ampliando seu papel nas relações culturais desenvolvidas no espaço escolar.

Das TIC emanam uma rede de sentidos e significados que podem instigar o desenvolvimento de ações significativas e coletivas, como é o caso dos projetos colaborativos, nos quais todos têm voz e vez, para construir em conjunto, um espaço aberto de participação e intervenção. No entanto, instigar novas perspectivas para o uso TIC, incorre num processo difícil e em alguns momentos lento, de revisão, de contextualização e de configuração das TIC no ambiente escolar, como também, do papel do professor como mediador das tecnologias no processo de ensinar e aprender.

Por isso, encantar o professor, no sentido de perceber que pode ressignificar a sua ação pedagógica com a utilização das TIC, percebendo novas possibilidades é essencial na prática pedagógica e para evitar uma alienação pela crença de que a utilização das TIC engendra sucesso, inovação, contextualização ou inibe o saber e a desenvoltura do professor. Como lembra Cysneiros (2000, p. 2),

centrar a aprendizagem nos aspectos apenas possibilitados pelas tecnologias da informação e da comunicação pode ser alienante, como nos relatos dos viciados em computadores. De modo oposto,

apenas conhecer certos objetos do mundo sem a mediação das tecnologias disseminadas na sociedade, também pode resultar em outro tipo de alienação.

O desafio do exercício recursivo na prática do professor de pensar/repensar sobre o uso das TIC impede incorrer em percepções simplificadoras, possibilidades e práticas que serviram ou que foram significativas, num determinado tempo e espaço, mas que se reaplicadas sem reformulações não surtem o efeito desejado. Neste contexto, é importante considerar o alerta de Magnavita (2003, p. 58), de que “não podemos fechar os olhos aos progressos e avanços das tecnologias ou permanecer extasiados com o que podem oferecer”. Na medida do possível devemos redimensionar nossas ações e percepções, no sentido de atualizá-las em consonância com a dinâmica dos espaços sociais.

Entender a dinâmica de funcionamento das TIC no processamento da informação e da comunicação pode favorecer a um uso adequado que estimule o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos e ressignifique a prática do professor.

Com relação à internet, a lógica de funcionamento se relaciona com a lógica da comunicação, como uma relação de troca entre os usuários, que compartilham dados, informações de forma independente porque não há um único centro transmissor ou receptor, há vários centros que se conectam por meio de dispositivos computacionais permitindo a comunicação bidirecional, na qual emissor e receptor podem interagir, trocar, manifestar.

O exponencial informacional e comunicacional na rede internet é fluido, dinâmico, está em constante inovação, expandiram-se as memórias, mudaram-se as interfaces tornando-as mais interativas, convidativas à imersão e a comunicação. Esta configuração modela não somente o uso de novas técnicas para a utilização, mas também de práticas de relacionamento e comunicação entre os homens. Compartilham experiências, gostos, interesses, novidades, necessidades, amenidades, intimidades, enfim, compartilham a vida, sua história e desdobramentos. Para Turkle (1999), apud Alves (2003) é a exposição da “vida na tela”.

Nestes últimos tempos, o computador tornou-se algo mais do que um misto de ferramenta e espelho: temos agora a possibilidade de passar para o outro lado do espelho. Estamos a aprender a viver em mundos virtuais. Por vezes, é sozinhos que navegamos em oceanos virtuais, desvendamos mistérios virtuais e projetamos arranha-céus virtuais.

Porém, cada vez mais, quando atravessamos o espelho, deparamos outras pessoas (TURKLE, 1999, P 11-2 apud Alves, 2003, p. 125).

A disposição ou exposição possibilitada pela arquitetura da internet, também chamada de telemática que compartilha serviços da informática e das telecomunicações, aumentando seu potencial lógico de armazenar, processar e comunicar dados e também seu potencial social de interação e comunicação entre pessoas, em diferentes espaços e tempos, promove o que Lévy denomina de inteligência coletiva, “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (Lévy, 1993, p. 28), ou seja, um saber que está em todos, independente da formação e da experiência de vida, todos sabem alguma coisa, todos são inteligentes e que no espaço virtual esses saberes são valorizados quando são utilizados.

Para o autor, a escola deveria valorizar mais as inteligências propondo situações de aprendizagem que acomodem ou suscitem esses saberes e coordenem suas ações e resultados não somente no espaço real, mas também no virtual para que se reconheçam as competências dos sujeitos e este reconhecimento implique numa organização para a formação, com desdobramentos éticos e políticos.

O sentido de inteligência empreendido por Lévy é amplo, não se refere somente ao cognitivo, mas a uma inteligência ética e estética, com preocupações além do organizacional para o fazer tecnológico, mas de organização social para o aprendizado em conjunto. Logo, o conjunto de aprendizado de cada um “pode alimentar um circuito de troca, alimentar uma sociabilidade de saber” (LÉVY, 1993, p. 27).

Assim, a inteligência coletiva distribuída nos ambientes da internet, pressupõe o reconhecimento do outro, de sua inteligência e competências para o desenvolvimento e crescimento da inteligência e competências do eu. Neste sentido, a internet pode ser entendida como um espaço aberto de ensino-aprendizagem possibilitado por diversos meios, ferramentas e linguagens com potencial educativo para o desenvolvimento do aprendiz, especialmente pelo seu caráter interativo, possibilita uma aprendizagem colaborativa.

Facilitar a comunicação é uma marca dos desenvolvimentos tecnológicos, mas que com o desenvolvimento das TIC, o sentido desta marca vem se alterando, numa demonstração de que só o acesso não basta, os dados disponibilizados a cada instante

precisam ser significados, interpretados e reelaborados para cumprir a exigência dos novos modos de fazer, pensar e relacionar do novo ambiente sócio-cultural. “Não basta disponibilizar interfaces, o fundamental é como os sujeitos interagem com elas” (Aragão, 2004, p.350) para potencializar a comunicação com outros sujeitos e a aprendizagem.

Nas palavras de Santos (2003, p. 147), “um ambiente virtual é um espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem, potencializando assim a construção de conhecimentos, logo a aprendizagem”. Este conceito é fruto de uma problematização que a autora levanta sobre a concepção dos termos. “Por ambientes podemos entender tudo aquilo que envolve pessoas, natureza ou coisas, objetos técnicos. Já o virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência” (SANTOS, 2003, p. 146).

A autora fundamenta a desmistificação do conceito de Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA a partir do termo virtual. Termo que ganhou força, notoriedade e um novo significado daquele empreendido como não existência, por Pierre Lévy, (1996), na obra *O que é o virtual?* O autor enfatiza que o virtual não se opõe ao real, mas ao atual, porque o virtual se encontra num estado de potência, num *vir a ser*, como uma semente, que tem potencialidade, para no futuro, vir a ser uma árvore se na trilha do seu desenvolvimento, amadurecimento para se potencializar em árvore se não sofrer nenhum dano, como por exemplo, se não for comida por um pássaro. Se nada impedir o seu curso natural, se transformará em árvore e, portanto, se atualizará.

Assim, o virtual se situa num complexo problemático que se dinamiza no processo de atualização e que, precisa de soluções, de formas e inovações para se potencializar/atualizar. Caminhos encontrados na atualização, como um ato criativo desenhada à solução a um determinado problema. “Logo, virtualizar é problematizar, questionar, é processo de criação” (SANTOS, 2003, p. 147).

É caminho fecundo para a aprendizagem, para o conhecimento, para o fazer na educação ao provocar a atualização de situações e processos virtuais potencializadores de saberes. Santos (2003, p. 147), afirma que “transpondo essa idéia para a realidade educacional podemos aferir que quando estamos interagindo com outros sujeitos e objetos técnicos construindo uma prática de significação podemos tanto virtualizar quanto atualizar este processo”.

Assim, os AVA têm potencialidades na educação para a atualização em um fazer pedagógico criativo e inovador, tecido numa organização de relações, de contribuições,

de troca, de solidariedade, de grupo. Este contexto pode ser empreendido tanto em ambientes mediados pelas TIC, como em ambientes mediados por outros meios, espaços e tempos, como os presenciais, no *lócus* da escola, nas salas de aulas, nas bibliotecas, nas quadras de esporte etc, enfim, em ambientes potencializadores de relações sociais, afetivas e cognitivas.

A estratégia pedagógica de aprendizagem colaborativa mediada pelo meio informático possibilita que o aluno aprenda em conjunto e em interação com outros alunos, professores e tecnologias. É uma estratégia educativa midiada por um composto de recursos gráficos, sonoros e visuais, das TIC, mas também mediada por uma pluralidade de signos com os quais os alunos e professores se comunicam, expressam a sua palavra muito além da postagem estática, têm a oportunidade de publicá-la de forma aberta conduzindo a um embate, a uma troca.

Porém, para emergir a virtualização e a atualização nesses ambientes é preciso uma organização técnico pedagógica a partir, por exemplo, do estudo de teorias educacionais que fundamentem os processos de aprendizagem, de métodos que instiguem a comunicação e a interação entre alunos e professores, do uso e processos técnicos e pedagógicos para a manutenção e o funcionamento das tecnologias. Esta organização é necessária para todos os sujeitos mediadores dos ambientes, especialmente o professor, sujeito virtualizador de processos de aprendizagem.

Os novos espaços de aprendizagem no ciberespaço²⁰ impulsionam um aprendizado em rotas não lineares, onde não há um centro formador, mas centros formadores, onde cada nó na rede pode ser um centro ou um lugar de formação, de informação e comunicação, percebidos de acordo com as necessidades e objetivos de cada um.

É um contexto interessante, porém complexo para validar as suas dinâmicas num contexto colaborativo e inovador. É preciso que se compreenda que estes ambientes têm uma outra lógica de organização e distribuição da informação e da comunicação e que, portanto, os conhecimentos e as práticas utilizadas nos ambientes presenciais podem não atender a dinâmica desses espaços ou tangenciar com práticas superficiais que não adentram as bifurcações labirínticas do ciberespaço.

²⁰ Termo utilizado por Pierre Lévy como espaço móvel de interações nas redes digitais, como lugar de encontros e de aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural.

Dessa forma admitimos e advertimos que os ambientes virtuais oferecem muitas possibilidades interativas para a aprendizagem colaborativa. Porém, realizar um processo dessa natureza levando em conta a co-construção, a co-participação e a co-realização entre os sujeitos mediados pelas TIC, é preciso entre outras coisas uma cumplicidade de uma escala de valores e de interesses entre os participantes, bem como as condições necessárias de infra-estrutura para seu acontecimento. Segundo Maçada e Tijiboy (1998) é preciso uma postura colaborativa por parte dos participantes, ou seja, um preparar-se-á ou estar pronto para assumir atitudes, uma responsabilidade social para aprendizagem colaborativa.

Na esteira dos desenvolvimentos dos ambientes virtuais é cada vez mais notório a disponibilidade de suportes que estes ambientes oferecem para o gerenciamento, organização e atualização das mensagens. Disponibilidade que faz a diferença no processo de aprendizagem colaborativa.

São vários os ambientes disponíveis e utilizados, como *chat*, correio eletrônico, lista de discussão, grupo de discussão, *blog*, *orkut*, *moodle*, *equitext*, dentre outros. Todos com especificidades técnicas que podem possibilitar um fazer pedagógico interativo e significativo.

Estes ambientes funcionam como redes de comunicação em que a cada processo: organização, interesse, intenção, problematização, os nós da rede são rompidos para estabelecer uma ligação, um fundamento, uma contextualização para os processos que incitaram o rompimento dos nós.

Neste sentido, a rede é entendida como metáfora da vida porque é sob uma organização em rede que interagimos, compartilhamos, criamos, ensinamos e aprendemos, ou seja, é sob esta organização de trocas, de conexões que tecemos a vida ou que a vida é tecida por ela porque “as redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho)” Castells (2000, p. 498). Assim:

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um galo que apanhe esse grito e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos cruzem os fios de sol de

seus gritos de galo, para que amanhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos. (João Cabral de Melo Neto²¹)

Um galo sozinho não tece uma manhã...depende de uma organização em rede para formar a cadeia de sons, de força, de ritmo, de vontade... atados num “conjunto de nós interconectados” (Castells, 2000). É um sistema simbólico de organização, de expressão e de linguagem que os galos tecem a rede, a da manhã; ritual inerente a vida dessa espécie, independente dos contextos por eles vividos, o primeiro nó é sempre desamarrado todas as manhãs.

Quando o primeiro galo entoa o seu canto, o seu grito de guerra, de vida, e espera que este nó feito/desfeito seja conectado ou amarrado a outros nós, com contextos específicos, se consolida a trama de comunicação para o fazer ao amanhecer. Esta trama de negociação no formato de rede é consolidada pelas especificidades de cada nó que fortalece o todo e converge a um sistema integrado de ações, de informações, de responsabilidade, de solidariedade e de possibilidade de um belo e harmonioso canto para despertar o amanhecer.

Neste caso, a especificidade dos nós vai depender, por exemplo, do lugar onde vivem os galos, se na cidade ou na zona rural. Um canto entoado na cidade pode ser um canto solitário, único, por não encontrar coro para a conectividade das relações. E assim, o desfecho de trabalho em rede com possibilidades diversas, inclusive de renovação, pode não se realizar.

Esta proposição serve para ilustrar e suscitar uma reflexão sobre as redes na vida, imbricada em diversas situações, contextualizando um processo dinâmico de interações entre os sujeitos e o meio.

A rede se constitui, portanto, num espaço concreto, de vida, de formação, no qual a presença dos sujeitos é fator determinante para a construção, visto que as conexões são realizadas pelo encontro destes sujeitos e suas especificidades, não só dos contextos socioculturais, mas também, pela permanência e percepção desses contextos, assim, sua ação e reflexão implicam nas habilidades e competências empreendidas no fazer das redes.

Fortalecer o processo de participação do sujeito na rede, na visão de Moraes (2004), requer a organização do sistema de interações e dos ambientes, arcabouço para a

²¹ Esse é um trecho da poesia Tecendo o amanhã, que se encontra no Jornal da poesia <http://www.secrel.com.br/jpoesia/joao02.html> - acessado em 22/08/2007.

sustentação da conectividade entre a ordem e a desordem, o erro e o acerto, o previsto e o imprevisto, enfim, para os desdobramentos inerentes ao trabalho colaborativo. Como diz a autora, “a rede é constituída pelos mais diferentes tipos de fluxos caracterizados por diversos tipos de correntes ou forças que garantem o seu dinamismo intrínseco perante a vida”. (Moraes, 2004, p. 99)

Assim, o *feedback* do trabalho, da formação e da vida em rede está relacionado a dependência e interdependência entre contextos e processos internos e externos e que estes, compartilhem de necessidades, interesses, valores e objetivos.

As redes e seus fluxos se estabelecem a partir de uma organização entre seus instrumentos, linguagens e ambientes, disposição para sua interligação com o global e o local entre os sujeitos que delas fazem parte, num enlace de comunicação. A correlação entre estes contextos é percebida nos diversos tipos de redes que sustentam a permanência do sujeito por meio de uma aprendizagem formal ou informal, como as redes de ensino, de linguagem, de comunicação, de computadores, de educação e de aprendizagem.

Embora a idéia de rede signifique um processo de construção e aprendizagem compartilhado, interconectado com diversos saberes através das experiências e falas dos sujeitos, vivenciamos redes que funcionam fora desse contexto, numa lógica individualista em que as partes não se conectam com o todo e vice versa, é o caso da rede de ensino tradicional, que amarra seus nós com uma técnica específica para um desamarra uniforme e cuidadoso, no sentido de não permitir que os fios se entrelacem a outros, de formato e textura diferentes, para que não precise aprender e articular outras técnicas para acomodar as especificidades dos novos fios.

Assim deve ser constituída uma rede educacional, compreendendo que os contextos socioculturais dos sujeitos são conteúdos de sua intervenção, e que, portanto, estão interconectados noutras redes, distintas a cada um, pelas conjunturas sociais, econômicas, políticas e culturais ocorridas em âmbito local, na realidade de cada sujeito, mas também global, no âmbito da sociedade. Assim, a participação dos sujeitos reflete a contextualização da sociedade na qual ele está inserido.

Nesta visão, a educação é uma rede, cuja conexão entre os nós deve ser tecida pela relação dialógica, pela participação, cujo conteúdo da comunicação deve ser pautado nas necessidades sociais, sentidas e percebidas pelos sujeitos no contexto sociohistórico, como elemento fundamental para a aprendizagem e para o processo de formação.

A organização e percepção política dão significados às aulas, aos conteúdos, ao processo de aprender e que no laboratório de aprendizagem, os ambientes presenciais e virtuais, a simbiose de sentidos, de valores, de contextos e de reflexões possa acontecer. Noutras palavras, é a organização do conhecimento em rede, cuja lógica é a humanização do saber.

Esta lógica privilegia a relação dialética entre a subjetividade do aluno, do professor e de todos os sujeitos envolvidos na rede de ensinar e aprender, cujos nós especificam a leitura de mundo dos mesmos. Trata-se de um sistema aberto de interconexões sujeito/meio em que a construção do conhecimento acontece como processo e como ponto de encontro entre saberes diversos que tomam sentido ou novo sentido, no envolvimento de uma problematização que explora a ação e a reflexão, como fundamento do processo de criação e recriação.

Moraes (2004, p. 96) observa que

o conhecimento em rede constitui um instrumento para a transformação potencial do próprio conhecimento. Reconhece-o como processo, algo que não possui um aspecto definível absolutamente fixo. Uma abstração extraída de um fluxo total e único, em movimento constante, e não um conjunto de verdades basicamente fixas.

No conhecimento em rede não há o experto que fala, que problematiza e elabora sozinho, mas sim, o experiente na ação de educar, que deve procurar explicações para os fenômenos, que deve descobrir a importância das relações para a elaboração/organização dos saberes e utilizar metodologias desafiadoras que leve em conta a participação, a colaboração, a parceria e que saiba que todo conhecimento está em processo de construção e reconstrução, de criação e recriação.

A sabedoria dos sujeitos envolvidos no processo de aprender deve ultrapassar a simples instrução, a racionalidade técnica e simplificadora e atentar para os ensinamentos de vida, mediante as especificidades do ser em formação e do seu entorno. É a trama destes conhecimentos que dá ao professor embasamento para uma práxis e segundo Silva, (2006, p. 186) “com múltiplas experimentações e expressões” com a conexão dos nós de uma rede de aprendizagem significativa.

O momento atual, da disseminação das TIC, converge para a abordagem interacionista na educação e da visão de rede para a produção do conhecimento. Porém,

é o uso pedagógico da rede que vai possibilitar a produção deste conhecimento, como produção cultural, humana e coletiva, uma organização que reconhece a dependência de relações para a autonomia do sujeito.

Entendemos que os desdobramentos das redes digitais, especialmente, da internet podem acomodar uma forma de interação do homem consigo mesmo, com outros homens e com o meio e por esta via, uma nova forma de comunicação, de participação e de produção. Permite segundo Gomez (2004, p. 38 e 39), “o entrelaçamento espacial numa textualidade inacabada, que não se impõe uma a outra rede, porque possibilita várias entradas, sem que nenhuma delas seja a principal”.

De acordo com Gomez (2004, p 39), “os computadores são redes de interfaces abertas a novas conexões, imprevisíveis, e podem transformar radicalmente o ser/estar no mundo”. Isto porque a configuração do espaço virtual acomoda o fazer e o aprender numa perspectiva individual e coletiva de acordo com a integração de várias linguagens, em tempos síncronos e assíncronos e da fácil navegabilidade das informações em percursos intuitivos.

Para que aconteça a educação em redes digitais na visão de Lion (1997, p. 25) é preciso um para quê, ou seja, uma intenção para o que se vai realizar,

para não cair em formas de pensar somente técnicas, é preciso incorporá-la com um sentido, com um para quê, não apenas como aplicação do fora para dentro, mas com uma mediação crítica e fundamentada acerca do por que se introduzem as diversas tecnologias no ensino.

Desta forma, é preciso que o professor conheça os ambientes, mecanismos e instrumentos da rede para desenvolver um fazer e um aprender a partir da percepção, dos valores culturais e da realidade dos sujeitos, num movimento de troca, de interação, na qual a percepção de um contribui para a formação do outro. Neste sentido, observa Gomez (2004, p. 23) que “o educador que organiza suas propostas de educação, a partir da realidade dos participantes, de suas palavras, de seus saberes, linguagem, desejos, curiosidades e sonhos contribui com a educação no contexto digital”.

A presença das redes digitais e a utilização de novos meios e linguagens de comunicação podem mudar a forma de pensar e de agir dos nossos alunos, contribuindo na mudança ou para a reflexão do papel da escola e do professor neste processo paradigmático, no qual “o sujeito tem que intervir interpretando, procurando seu

sentido, e utilizando técnicas abertas que permitam a manifestação profunda dos fenômenos” (GAMBOA, 2002, p. 95).

Esta proposição é fundamento para compreender o que Moraes (1997) define como paradigma educacional emergente caracterizado pelo conhecimento em rede, no qual os conceitos e as teorias estão interconectados. Para a autora, “não há conceitos em hierarquias. Uma ciência ou disciplina não é mais importante do que a outra. A imagem de rede, tanto do conhecimento em rede, como redes de conhecimento, pressupõe flexibilidade, cooperação, parceria, apoio mútuo e auto-organização” (1997, p. 96).

No contexto do novo paradigma e do conhecimento em rede percebemos que “conexão” é a palavra chave, é ela que alimenta e potencializa as relações, a interação e a colaboração, ligando nós a outros, suscitando um *devir* coletivo, plural e relacional.

Conexão neste sentido extrapola os conhecimentos técnicos da rede internet porque a topologia desta rede dinâmica e hipertextual remete a interação, não só com computadores, mas com pessoas, que juntas no ciberespaço, podem construir uma inteligência coletiva (Lévy, 1993) que pode ser formada pelo compartilhamento de informações, de idéias e que estas podem ser confrontadas ou conformadas de acordo com a percepção de cada um, num movimento interrelacional que pode gerar conhecimento.

2.4. Interação e interatividade: processos essenciais para a aprendizagem colaborativa

Os processos de interação e interatividade são essenciais para a aprendizagem colaborativa revelados desde a sua etimologia, como nos mostra o dicionário da Língua Portuguesa *On-Line*. O primeiro termo, neste dicionário significa uma “relação de comunicação entre os indivíduos ou grupos” e o segundo, um “tipo de relação com uma máquina que implica uma reciprocidade das trocas”. As palavras centrais nestes significados, “comunicação”, “reciprocidade”, “trocas”, configuram o cenário da interação social, da relação do homem com a história, com a cultura como processo pedagógico, de formação, de aprendizagem e de desenvolvimento sociocultural. Como

diz Primo (2007, p. 72) “o conhecimento do sujeito depende de seu contínuo aprendizado em relação ao seu meio”.

De forma geral, são processos interativos presentes em diversas abordagens da vida e em diversos campos, na Física, na Sociologia, na Psicologia, porém, é preciso focar em alguns aspectos de sua etimologia e epistemologia para entendermos suas especificidades, de forma geral, na educação e especificamente, na aprendizagem colaborativa mediada ou não por tecnologias.

Razão pela qual voltamos ao enfoque etimológico para investigar suas raízes e entendermos os processos de interrelação, como condição para a intervenção, para a comunicação e para a aprendizagem. Desta vez, tomamos o enfoque do Dicionário Houaiss, da Língua Portuguesa, que atribui ao termo “interação”, um conjunto de significados: “influência mútua de órgãos ou organismos inter-relacionados [...] ação recíproca de dois ou mais corpos [...] atividade ou trabalho compartilhado, em que existem trocas e influências recíprocas [...] comunicação entre pessoas que convivem; diálogo, trato, contato”. E para o termo “interatividade”, “capacidade de um sistema de comunicação ou equipamento de possibilitar interação”. Neste enfoque, a interatividade se apresenta como possibilidade para que a interação aconteça, mas não como um ato em si mesmo. Portanto, são concepções diferenciadas.

Nos pressupostos teóricos da interação e da interatividade, no campo da comunicação e da interação mediada por computador, encontramos enfoques diferenciados, em que alguns autores aproximam seus significados, outros, os diferenciam. Para representar o primeiro grupo, vamos tomar a concepção de Alex Primo (2007), que de antemão, faz uma crítica aos que tentam diferenciá-los, por cair muitas vezes numa cilada, numa concepção enganosa quando não percebe, por exemplo, a apropriação do termo interatividade como palavra da moda, haja vista que o mundo tecnológico no qual estamos vivendo vem se apropriando deste termo para a venda de algo que permite a troca, a inter-ação, num sentido mercadológico, mas que na maioria das vezes, nem tudo que se apresenta como interativo, realmente o é.

É sob essas bases e cuidados que Alex Primo (2007), não distingue os termos, usa a interação para estudar o que acontece entre os agentes, numa visão relacional, pressupõe o entre, no diálogo, nos relacionamentos. Para este autor (p. 56, 57), “a interação é entendida como a “ação entre” os participantes do encontro (inter+ação), assim, (...) tanto um clique em um ícone na interface quanto uma conversa na janela de comentários de um *blog* são interações, porém, é preciso diferenciá-las

qualitativamente, (...) questionando sobre o que tal conceito significa e a que ele se refere”. É preciso considerar, também, o que se passa entre os sujeitos, entre o interagente²² humano e o computador, como tentativa de entender a complexidade comunicacional.

É nesta perspectiva que o autor (p. 57) apresenta dois tipos de interação mediada por computador: a interação mútua e a interação reativa.

A interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente; já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta.

Assim, numa discussão calorosa sobre um determinado tema através de *e-mails* ou *chat*, um clicar em um *link* ou jogar um videogame são exemplos de interação. Para o autor (p. 57), a interação no primeiro exemplo é mútua, por isso,

os interagentes podem transformar-se mutuamente durante o processo e o relacionamento que emerge entre eles vai sendo recriado a cada intercâmbio”. Pode-se afirmar que se torna impossível prever o que acontecerá nessas interações chamadas de mútuas, pois o encaminhamento do relacionamento é negociado durante a interação.

E nos demais exemplos, as interações são reativas “porque são limitadas por certas determinações e, se a mesma ação fosse tomada uma segunda vez (mesmo que por outro interagente), o efeito seria o mesmo” (p. 57) porque “são marcadas por predeterminações que determinam as trocas” (p. 228), assim, os efeitos são os mesmos porque são condicionados por estímulos que dão a mesma resposta. Porém, o autor enfatiza que esses dois tipos interativos não se estabelecem de forma exclusiva, porque podem acontecer situações interativas, nos quais os dois tipos podem prevalecer.

Voltando aos enfoques diferenciadores, apresentamos o segundo grupo, aqueles que distinguem os termos, utilizaremos a abordagem de Marco Silva (2006), para apresentar diferenciações para os termos “interação” e “interatividade”. O autor (2006, p. 93), utiliza o termo interatividade em destaque “para especificar um tipo singular de

²² O autor atribui o termo interagentes aos participantes da interação.

interações e tal atitude se justifica pelo fato de o campo semântico do termo interação ser tão vasto que não comporta especificidades, singularidades”.

Ao adentrar nas especificidades da interatividade, o autor o faz a partir de fundamentos e estes são apresentados em três binômios: participação-intervenção, bidirecionalidade-hibridação e permutabilidade-potencialidade. Os binômios, apesar de serem classificados distintamente, para o mais comunicacional no processo de interatividade, “eles se combinam, dialogam e não são independentes” (p. 101).

O binômio participação-intervenção é tratado por Silva (2006), a partir de quatro perspectivas; 1) a tecnológica, “ênfatisa as potencialidades interativas contidas nas novas tecnologias comunicacionais, a partir das possibilidades dos “receptores” e dos públicos intervirem no processo de comunicação coletiva” (p. 102), ou seja, “permitem a presença de cidadãos como gestores do processo comunicacional” (p. 103). 2) a política denuncia o caráter “reativo” da informação e da comunicação, isto é, a não participação-intervenção dos cidadãos nos meios de comunicação de massa, pois os mesmos ofereciam apenas opções de escolha, ou seja, de recepção. 3) Na perspectiva sensorial, a participação-intervenção acontece dentro de um sistema de representação virtual, no qual os usuários possam atuar e interagir com aparatos como *mouse*, teclado, jogos e assim, ampliar as dimensões sensoriais. E por fim, 4) a perspectiva comunicacional da interatividade aponta uma mudança fundamental do esquema clássico da comunicação, ou seja, emissor e receptor mudam respectivamente de papel e de *status*, quando a mensagem se apresenta como conteúdos manipuláveis e não mais como emissão.

O segundo binômio, o da bidirecionalidade-hibridação é apresentado a partir da crítica à teoria comunicacional funcionalista que separa emissão e recepção. Esta crítica vem sendo realizada “com base em uma nova concepção de comunicação: só existe comunicação a partir do momento em que não há mais emissor, nem receptor e a partir do momento em que todo emissor é potencialmente um receptor e todo receptor é potencialmente um emissor” (p. 112). É uma perspectiva de junção dos dois pólos, numa produção conjunta da emissão e da recepção, o que pressupõe recursividade, na qual os dois pólos codificam e decodificam a mensagem.

E por fim, o binômio da permutabilidade-potencialidade, neste, “o sistema permite não só o armazenamento de grande quantidade de informações, mas também ampla liberdade para combiná-las (permutabilidade) e produzir narrativas possíveis (potencialidade)” (p. 131).

O emissor disponibiliza a possibilidade de múltiplas redes articulatórias. Ele não propõe uma mensagem fechada, ao contrário, oferece informação em redes de conexões permitindo ao receptor ampla liberdade de associação e significações.

Este arcabouço teórico utilizado por Marco Silva (2006), sobre interatividade é para entender a complexidade da nova modalidade comunicacional, no contexto das novas tecnologias. Neste contexto, o autor procurou entender, por exemplo, a transmutação do termo interação para interatividade, no campo da informática, a origem, a polissemia do termo, as gradações e modelos, dentre outros aspectos que permitem descartar a interatividade como “argumento de venda”, de banalização e “justificar a utilização do termo interatividade como portador de especificidades e não de generalidades” (p. 93).

As reflexões aqui apresentadas reforçam o nosso entendimento de que a aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC, articulada nos espaços de educação entrecruzam as relações, acontece na comunicação presencial do grupo entre os sujeitos da ação, como interação entre sujeitos e a interatividade, na comunicação virtual. Interação e interatividade, portanto, são elementos fundamentais no processo de aprendizagem colaborativa que se constituem num processo complexo de muitos indicadores. Dentre eles sociais, culturais e psicológicos, que refletidos no sujeito, na sua ação colaborativa, direcionada pelo diálogo, compromisso e interdependência. Assim, tomaremos ambos os termos como elementos orientadores neste trabalho.

CAPÍTULO III

3. RETOMANDO O CAMINHO CONSTRUÍDO: PROCESSOS E RESULTADOS

Os processos e resultados aqui apresentados são analisados à luz do caminho construído no Projeto Colaborativo “Comunicar é aprender” e do referencial teórico anteriormente apresentado, com vistas a buscar subsídios para compreender o lugar das TIC nas práticas e trabalhos educativos fundamentados na metodologia de Aprendizagem Colaborativa.

3.1. O planejamento do Projeto “Comunicar é aprender”: traçando as primeiras linhas, descrevendo os primeiros espaços

Pensar nesta experiência nos fez ver que a sociedade atual caracterizada como da informação e do conhecimento, experimenta novas formas de linguagem, para além da linearidade da leitura e escrita, da mensagem fechada, do emissor que se coloca numa posição hierárquica e que não permite o diálogo com o receptor. Neste contexto, a tecnologia internet parecia para os professores do C.E.G.A.F. e da N.E. ser um recurso eficaz para a aprendizagem a partir de práticas socialmente organizadas que acabou por motivá-los a experimentar a comunicação em ambientes virtuais.

No entanto, não se sabia ainda como iniciar um trabalho utilizando-se as TIC como meio para a aprendizagem colaborativa. Começamos então, a analisar alguns elementos para subsidiar a elaboração do projeto colaborativo via internet. A

caracterização das escolas foi a primeira atividade a ser realizada. A partir dela, se delineou o contexto sociocultural em que cada grupo iria participar, com realidades muito diferenciadas; escola pública/particular, periferia/zona sul. De um lado, a integração das TIC faz parte da vida dos sujeitos, inclusive na escola, do outro, a integração com as TIC acontecia apenas via televisão. Nesta escola, esta foi a primeira experiência de acesso ao computador e a internet.

Identificamos que a configuração do entorno onde as escolas se situam apresentam contextos diferenciados importantes para a compreensão de um arcabouço sócio-cultural importante no processo de construção do conhecimento, de um lado, o da Nossa Escola, um complexo de moradias confortáveis, clube de tênis, hospital particular, shopping, escolas particulares, de outro, o do Albano Franco, moradias simples, praça, igreja, farmácia, bares e pontos de venda de “miudeza”.



FIGURA 05 – Vista parcial dos arredores da Nossa Escola e do Colégio Estadual Governador Albano Franco

Além da caracterização, destacamos outro elemento importante para a elaboração do Projeto em análise: o diagnóstico da comunidade. Para tanto, as professoras recorreram, no caso da Escola Pública ao Projeto Político Pedagógico do C.E.G.A.F (2004). A partir dele foi possível identificar as condições socioeconômicas dos estudantes.

(...) a comunidade abriga moradores de nível socioeconômico baixo, de poder aquisitivo também baixo, predominando trabalhadores sem profissões específicas, muitos deles não exercem qualquer atividade remunerada, o que demonstra a carência no padrão de vida das famílias que aqui residem.

Enquanto que, na Nossa Escola, os alunos eram oriundos de classe média e alta, de pais que tiveram acesso à educação, a uma formação superior e por meio dela, a uma profissão. O acesso à educação concedia a estes pais uma visão da educação como via para a formação política e integral do sujeito. Este era o público previsto pela equipe da Nossa Escola, desde a sua fundação, como aponta o documento de relato da sua história.

Tendo nascido madura em seu propósito, Nossa Escola já sabia que público atingiria; portanto, sua divulgação foi acontecendo e envolvendo fundamentalmente profissionais da educação do Ensino Superior, além de outros profissionais preocupados com o desenvolvimento integral da criança. Em pouco tempo, estávamos recebendo visitas desses profissionais, que vinham conhecer de perto nosso espaço e a nossa proposta metodológica. Seduzidos pelo nosso projeto, tornaram-se parceiros importantes, agentes multiplicadores de nossas idéias (HISTÓRICO DA NOSSA ESCOLA, p. 2).

Posteriormente, algumas dessas informações acabaram por se confirmar no próprio desenvolvimento do projeto, nas próprias mensagens de apresentação aos seus parceiros a distância, os alunos do C.E.G.A.F.:

Meu nome é Rafael Nunes Brasil nasci no dia 12/03/1993 em Aracaju.

O nome dos meus pais se chamam Genival Nunes Silva e o nome da minha mãe é Eliana Maria Fonceca Brasil.

Meu pai é professor de biologia e minha mãe é presidenta do SINDAT- SINDICATO DOS AUDITORES TRIBUTÁRIOS.

Meu esporte favorito é futebol tenho cabelo mais ou menos grande.

Eu sou muito legal e espero que goste de mim!!!!

Aluno da N.E.

A disparidade na caracterização do contexto sociocultural dos sujeitos e dos espaços por eles vividos foi entendida pelos professores como algo que não seria um empecilho para a aprendizagem colaborativa, mas um *locus* de análise, de avaliação das possibilidades e limites para a construção do conhecimento.

Possibilidades de articulação de saberes e de conflitos para a co-construção. Processos de relações e interações, que permite aos sujeitos um conhecimento mais profundo de si mesmo e da realidade onde vive, porque para o enfoque sociocultural, os confrontos, as trocas, as opiniões estimulam a resolução de problemas a partir de um entendimento, de uma organização, de uma participação mútua. Organização para o desenvolvimento e para a aprendizagem.

Estes são princípios importantes para uma experiência de aprendizagem colaborativa que se relaciona com culturas sociais diferentes e ainda, com a cultura do computador e da internet e suas linguagens, para a expressão da linguagem verbal. As interfaces do computador e da internet oferecem muitas possibilidades para expressar a palavra, muitas descobertas no exercício, na relação. Descobertas já realizadas por um grupo, os da N.E. e de experimentação, por outro, os alunos do C.E.G.A.F.

Em termos gerais, o esboço do Projeto “Comunicar é aprender”, embora carente de uma estrutura metodológica, para uma produção científica, como a maioria dos projetos constantes no planejamento escolar, expressa um conjunto de orientações teórico-metodológicos sobre o grupo de ações e estratégias, previstas no decorrer do processo pelos alunos e professores.

A organização do trabalho e as estratégias pedagógicas trilhadas, a partir da combinação de atividades presenciais, desenvolvidas nos espaços da escola, como a sala de aula, a sala de informática e os ambientes virtuais, como e-mail e lista de discussão, foram previstas para fortalecer as discussões, o planejamento e o desenvolvimento das atividades, primeiro, no âmbito interno, em parceria com os professores orientadores e depois, no âmbito externo, em parceria com os parceiros a distância²³, fortalecendo, assim, a dinâmica para a aprendizagem colaborativa.

Essa dinâmica de trabalho para o processo de aprendizagem colaborativa propicia aos sujeitos, interagir com a linguagem em situações diversas e assim, encontrar o caminho para a descoberta das suas possibilidades e manifestações de expressão nas relações sociais. Dinâmica que para Bakhtin (2004), leva a ampliar as elaborações cognitivas acerca das mesmas, de suas representações, ideologias, estabelecendo uma comunicação mais rica e consciente com o mundo. Desta forma, o sujeito enriquece a si mesmo e amplia a sua consciência a respeito da linguagem como mediadora das relações.

Entendemos que buscar novas formas de interação e de comunicação deve ser um exercício constante e cotidiano da escola para possibilitar ao sujeito encontrar novas formas de colocar, organizar e expressar o pensamento e, conseqüentemente, enriquecer suas referências cognitivas e culturais. Perspectiva que pode ser alcançada com a internet, “ambiência que acomoda diferentes situações de interação e comunicação, que

²³ Esse detalhamento da metodologia a ser utilizada encontra-se no esboço do projeto, no item IV, intitulado, “detalhando a proposta”.

agregam em seu formato digital, uma infinidade de linguagens e formas de expressão” (SANTOS, 2003, p. 226).

Reconhecemos que as especificidades dos ambientes comunicacionais da internet proporcionam o aprendizado constante sobre a expressão da palavra, seja ela falada ou escrita, verbal ou não verbal e também, a troca de sentidos, na qual “cada sujeito na sua diferença pode expressar e produzir saberes, desenvolver suas competências comunicativas, contribuindo para e construindo a comunicação e o conhecimento coletivamente” (SANTOS, 2003, p. 227).

Na N.E., apenas mais uma área do conhecimento foi incorporada nesse propósito - Redação, parceria importante para unir forças, para um elaborar em conjunto, organização que “proporciona a composição de um todo harmonioso e integrador das características específicas de cada contexto” (Prado e Almeida, 2007, p. 81) e para a organização do trabalho pedagógico visando os princípios cognitivos da articulação, do conflito e da co-construção, citados por Crook (1998).

Consideramos que esta e outras questões foram previstas no elaborar inicial dos professores, revelando um esboço de intenções, ações e previsões, para que tomemos um ponto de partida, pautado no compromisso e na ética, embora cientes, como diz Prado e Almeida (2007), que no percurso pode surgir o inesperado, um fluxo que pode ser continuamente co-construído.

3.2. O desenvolvimento do Projeto

A estratégia inicial do trabalho com os alunos, com vistas a sensibilização para a aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC, ocorreu, inicialmente na sala de aula quando as professoras de Geografia, na N.E. e Português, no C.E.G.A.F. apresentaram a proposta aos alunos enfatizando a importância do compromisso com o outro que se está trabalhando. Discurso arrematado posteriormente pelas articuladoras das Salas de Informática de ambas escolas antes de início da primeira atividade, a criação dos e-mails. Foram momentos oportunos para se discorrer e acordar sobre a importância do compromisso dos alunos, em responderem as mensagens recebidas, via ambientes virtuais.

Consideramos que este é um compromisso ético e social, necessário para se valorizar a fala, a palavra do outro e, portanto, para a troca e manutenção da comunicação, em CSCL.

Enfocamos, portanto, que a responsabilidade individual para a aprendizagem coletiva e colaborativa é um ponto significativo, para o alcance e a manutenção dos objetivos estabelecidos. Nesse sentido, o respeito e a manutenção da palavra escrita representam a consideração pelo outro, pelos contextos e experiências vividas, por cada um e por todos envolvidos no processo, visto que, a palavra é a expressão dos sentidos, dos significados e das expressões de cada um e que, o exercício do diálogo, da troca e da participação são conexões necessárias para a efetivação do processo.

Pensando nessa lógica, reconhecemos a necessidade de se acompanhar o diálogo tecido entre os alunos, como foi feito na etapa inicial de comunicação, nos ambientes virtuais entre pares, formados entre duplas das escolas parceiras. Nesta etapa, foi enfatizada a necessidade de que a troca não fique entre os subgrupos, mas que participe ao grupo e aos professores para que haja a atualização de todos nas discussões das partes, como também de encaminhar uma cópia de todas as mensagens a serem enviadas para os professores.

Discorreremos também sobre a importância do compromisso de responder as mensagens recebidas valorizando a fala do outro, de falar ou mostrar para o grupo e professores para que haja a atualização de todos, nas discussões das partes, como também de enviar uma cópia de todas as mensagens a serem enviadas para os professores orientadores. Esse compromisso possibilita aos professores perceber os caminhos que deverão ser tomados para impulsionar e solidificar as discussões (Trecho do item IV Detalhando a proposta, do Projeto “Comunicar é aprender”).

Compromisso que descortina cuidados necessários para a comunicação em ambientes virtuais e a reflexão sobre uma postura colaborativa, cuja característica principal é a consciência social, pautada na tolerância para a convivência em grupo, como sugerem Maçada e Tijiboy (1998) e no compromisso mútuo, como sugere Crook (1998), cuidados que possibilitam também aos professores-mediadores, acompanharem os caminhos trilhados pelos alunos, observando contextos diversos, de conflitos, de negociação, de participação para avaliar o percurso e intervir no processo.

Situar cuidados e refletir sobre uma postura colaborativa são orientações necessárias para atender as demandas de ser e fazer numa sociedade que produz informações simultâneas dos acontecimentos do mundo e de diversas culturas, através da rede de comunicação digital, de interface aberta, flexível, dinâmica e que apresenta novas configurações de tempo e espaço, marcadas pela sincronia e assincronia no processo de comunicação.

As temporalidades destas redes são outras, se (re)ordenam de acordo com as solicitações de movimento nas janelas hipertextuais dos ambientes virtuais para seguir o ritmo das novas demandas sociais por informação e comunicação, compasso necessário para o diálogo entre as fontes, entre os múltiplos olhares e os espaços potencializadores da pesquisa, da produção, da interação e da democratização.

Segundo Ramal (2003 p. 250), “(...) passamos a uma nova percepção: a do tempo simultâneo, como se os acontecimentos não viessem um após o outro, mas fossem uma série de segmentos ou pontos de uma imensa rede pela qual nos movimentamos”. Interagimos num movimento circular de comunicação, em tempo real ou não real focando simultaneamente diversos objetivos.

Ao estarmos num fórum de discussão, respondendo a uma provocação que nos afeta estamos ao mesmo tempo noutra janela pesquisando algo que necessitamos e noutra janela acompanhamos as mensagens que chegam por email e interagimos sobre/com elas, excluindo, por exemplo, os que chegam à nossa caixa sem que tenhamos solicitado ou sem nenhuma ligação com o que somos ou fazemos, os chamados *spams*²⁴, ou lendo e respondendo os que nos solicitam uma resposta. E ainda, nesse movimento entre os espaços da rede, podemos ser chamados ao diálogo em tempo real pelos nossos amigos e parceiros de trabalho pelo *skype*²⁵.

São solicitações de um tempo presente que precisa ser vivido intensamente, como o tempo *Kairós*, designado pelos gregos da Antiguidade, como um tempo sem seqüência, indeterminado e que nos absorve no presente. É um tempo que se diferencia do *Kronos*, também designado pelos gregos da Antiguidade, por ser linear, em que a vivência é quantificada pelo tempo cronológico de sua realização.

²⁴ Segundo o Sistema Educacional Online – JurisWay, os *Spams* são mensagens que chegam aos destinatários sem que estes tenham solicitado. Para saber mais acesse <http://www.jurisway.org.br/v2/pergunta.asp?pagina=1&idarea=39&idmodelo=7975>.

²⁵ Segundo a Wikipédia, o *Skype* é um software que permite comunicação pela internet através de conexões de voz sobre IP (VoIP). Para saber mais acesse <http://pt.wikipedia.org/wiki/Skype>.

No contexto das relações comunicacionais potencializadas pelas TIC imbricam nas suas configurações de hipertexto e de convergências de linguagens, a vivência do tempo Kairós, um tempo que se possa agir, comunicar, refletir e simular com rapidez e sem deslocamentos.

Esse tempo não é único para cada realização, mas sim, um tempo que se comprime na vivência das múltiplas realizações, como diz Wolton (2007), é outra escala de tempo em que há uma desproporção entre o volume do que se tem acesso e o tempo percorrido para tal. O tempo percorrido pode ser muito, porém a imbricação do sujeito no fluxo da rede pode ser tanta, que não percebe o tempo passar. Vai além da materialidade da produção do trabalho, para um tempo que afeta a própria concepção do pensar, em qualquer momento e lugar, com um novo conceito de trabalho intelectual.

A construção de projetos colaborativos desenvolvidos entre escolas via ambientes virtuais devem considerar esta configuração de tempo vivido intensamente e o papel desta configuração na melhoria do processo de aprendizagem.

3.2.1. Preparação do ambiente virtual

O ambiente virtual pode ser considerado “como um sistema que envolve elementos diferentes que interagem, elementos pedagógicos, comunicacionais, sociais e afetivos, a partir dos quais emerge um feixe de relações constituído por dinâmicas operacionais dos sujeitos implicados” (MORAES, 2004, p. 192). Relações que acomodam várias vozes e olhares que se interligam e juntas tecem um saber coletivo, significado e ressignificado por todos de acordo com suas percepções, objetivos e mediações. A formatação dos ambientes virtuais parece compreender que a palavra precisa ser dita, interpretada e refletida para que se compreenda o sujeito na práxis social.

Para Ramal (2003, p. 4), esta formatação é, de certo modo, “uma versão da polifonia que Bakhtin buscava”; e, portanto, uma possibilidade para o diálogo entre as diferentes vozes, para a negociação dos sentidos e para a construção coletiva do pensamento.

A possibilidade do diálogo e o processo que o acolhe: troca, negociação, colaboração, luta, poder, conflito, é também uma forma de contextualizar a linguagem. Apropriar-se da linguagem contextualizada significa enriquecer os esquemas mentais

com novas formas de lidar com a linguagem verbal, alteram-se percepções, modos de fazer e entender a comunicação, resultando num processo de aprendizagem e de conhecimento.

Com estas possibilidades, o e-mail foi escolhido como o primeiro ambiente virtual a ser utilizado pelos alunos. A escolha do ambiente, realizada pelos professores, foi criteriosa, revelando cuidados para a inserção das TIC no processo de aprendizagem colaborativa. A escolha se deu por considerarem as características técnicas e pedagógicas do e-mail condizentes com o objetivo do projeto e com o contexto sociocultural dos alunos. Dentre os motivos, destacamos:

- o tempo da comunicação nesse ambiente pode acontecer sem a presença dos alunos parceiros, por ser assíncrono.
- conforma com o tempo de estudo presencial dos alunos, o grupo da N.E, no período da manhã e o do C.E.G.A.F., no período da tarde.
- democratizar o acesso e apropriação da linguagem de forma significativa, especialmente, pelos alunos do C.E.G.A.F., por ser o primeiro contato para a maioria.
- a flexibilidade de sua interface em possibilitar trabalhar a escrita sob diferentes formatos, estilos, cores, tamanhos e a inserção de recursos artísticos como imagem, desenhos e emoticons²⁶.
- possibilita a interatividade.

A compreensão do conceito e meandros do ambiente virtual foi o norte para os professores refletirem sobre os sujeitos e suas realidades e para optar pelo acesso ao portal²⁷ da **BOL**, para os alunos cadastrarem suas contas de email, haja vista que este ambiente, apresenta uma linguagem clara e de formatação simples, possibilitando, uma

²⁶Segundo a Enciclopédia online Wikipédia, acessada em 08 jul 2008, o **emoticon** é uma forma de comunicação paralingüística, palavra derivada de emotion (emoção) + icon (ícone) (em alguns casos chamado **smiley**) é uma seqüência de caracteres tipográficos, tais como: :) , ou ^-^ e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduzem ou querem transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial. Exemplos: 😊 (i.e. sorrindo, estou alegre); 😞 (estou triste, chorando), etc.. O Nome "emoticon" deriva da contração do inglês *emotion+icon*.

²⁷ Um portal é um site na internet que funciona como centro aglomerador e distribuidor de conteúdo para uma série de outros sites ou subsites dentro, e também fora, do domínio ou subdomínio da empresa gestora do portal. Retirado do site www.wikipedia.com.br. Acesso em 07 de jun de 2007.

apropriação mais rápida e menos conflituosa quanto à compreensão da linguagem e funcionamento do ambiente para os alunos do C.E.G.A.F.

Essa análise parece contraditória com os princípios teórico-metodológicos da aprendizagem colaborativa discutidos neste estudo, mas inferimos que evitar o conflito nesta situação, refere-se a uma reflexão sobre a importância do reequilíbrio e que a mediação do professor e a interação do aluno com a tecnologia são norteadores. Enfatizamos esta reflexão porque a aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC, requer uma outra lógica, para além da sala de aula convencional, apenas um professor pode não ser suficiente para o atendimento aos alunos.

O ideal é a mediação em conjunto, entre o professor da sala de aula convencional e o professor da Sala de Informática, haja vista, que o tempo de 50 minutos de aula é insuficiente para a aprendizagem com tecnologias virtuais. Das duas aulas semanais da disciplina Geografia, uma foi destinada efetivamente ao Projeto, ao trabalho na Sala de Informática e nos ambientes virtuais, a outra, era para o estudo dos conteúdos curriculares, na sala de aula convencional. Muito embora, a depender do conteúdo a ser estudado, estes serviam para a contextualização dos temas e das problemáticas do Projeto, como Sociedade e Estado, Sociedade e Economia e População.

Das quatro aulas de Português, duas eram destinadas ao trabalho na Sala de Informática, as outras duas para o estudo dos conteúdos curriculares, mas também para o estudo e orientação das atividades do Projeto, visto que no C.E.G.A.F., a professora da disciplina mencionada não pode mediar o trabalho na Sala de Informática e nos ambientes virtuais. O tempo, portanto, pode ser um implicante para a aprendizagem com TIC, se as escolas se situarem sob a organização da sala de aula convencional, como foi o caso deste projeto, objeto de estudo nesta dissertação.

Identificamos também, que apesar das escolas manterem a mesma esquematização de tempo para as aulas presenciais, sem o uso das TIC, reconhecemos que as professoras de Geografia, da N.E. e de Português, do C.E.G.A.F. mantiveram uma postura flexível em relação ao currículo de suas disciplinas. Primeiro, pelo interesse em trabalhar com Projetos Colaborativos entre escolas, mediados por tecnologias, segundo, por disponibilizarem parte dos seus horários destinados ao estudo exclusivo dos conteúdos das referidas áreas do conhecimento, para o desenvolvimento das atividades do Projeto.

A vontade e a tentativa dos professores em quererem mediar práticas pedagógicas colaborativas, mediadas pelas TIC, mostram uma conexão de suas concepções pedagógicas com as possibilidades de informação e comunicação, incitadas pelas tecnologias da informática, possibilidades que estimulam processos colaborativos de aprendizagem focados na participação, na troca e na interatividade.

3.2.2. Os ruídos na tessitura do fazer

Fazer e aprender em ambientes virtuais engendra uma perspectiva de que o inesperado pode acontecer, entraves, facilidades, possibilidades para novas ações e reflexões. Nesse sentido, o planejamento de um Projeto Colaborativo é um guia provisório, como são as nossas certezas, que a todo o momento são derrubadas em confronto com a dinâmica da vida, estabelecida na dinâmica das relações, das redes, provisoriedade que se conflui com os prazos em projetos dessa natureza, onde os mesmos são derrubados no ciclo de ações, como num ato criativo, que nem sempre se avança ininterruptamente, depende de pausas, de retrocessos, tempo para acomodar o novo, o inesperado, o conhecimento.

A situação-problema que aconteceu na realização do cadastro dos e-mails, pelos alunos da N.E., é um exemplo dessa argumentação. Na execução dessa atividade, alunos e professores se surpreenderam com uma falha no acesso a página de cadastro de e-mail do Bol. O acesso à página inicial e aos demais *links* era normal, mas a de cadastro não era permitida, aparecia uma mensagem de erro e pedia para consultar o administrador da rede. Imprevisto que gerou um processo de inquietação nos alunos, diferentemente da inicial, de prontidão para o fazer, mas de agitação em buscar caminhos nunca trilhados no fazer em conjunto para a comunicação virtual. E agora, o que vamos fazer professora?

Questionamento que incitava a flexibilidade do planejamento para acomodar a criatividade do professor para contornar a situação. Desdobramento que alterou a dinâmica do processo, em que o entusiasmo foi substituído pelo desapontamento e uma nova organização teve que ser gestada. As professoras contornaram a situação, encaminhando-os para a próxima atividade, a de produção do texto de apresentação aos parceiros e o cadastro para a conta do e-mail, só pôde ser realizada na semana seguinte, tempo de resolução do problema e da próxima aula de Geografia.

Para Tânia Callegaro, assessora do Projeto CAAP, os prazos em projetos colaborativos são provisórios e flexíveis, dependem do produto a ser elaborado, da interação que emerge desse processo, movimento que vai direcionando prazos, conteúdos e metodologias. É como observa Callegaro (2001), citando Peixoto (1993),

nomes das dobras do Barroco, em que tudo flui e se transforma para e em outra coisa, fazendo como fala o autor, de todo intervalo o início de um novo desdobramento que apaga todo contorno, toda a fronteira. Processo ininterrupto de transição e de movimento, onde não haja fim, nem conclusão definitiva, há somente processos que se fecham por ora e que exprimem e refletem para outro, em uma completa interação²⁸.

Esta relação é importante para percebermos que o projeto colaborativo possui possibilidades abertas para aprender, portanto, desdobramentos no processo de aprendizagem colaborativa, aprendizagem de muitas dobras, que podem se abrir ou se desfazer para dar espaço a outras, feitas ou desfeitas no processo, delineadas pela relação dos sujeitos com outros sujeitos, com os ambientes de aprendizagem e com os signos que o compõem. Relação delineada pela participação dos alunos e professores, pelo compromisso individual e coletivo, pela curiosidade, inquietação, dúvidas, certezas. Processos que podem acontecer em todas as etapas do projeto, no caminho para a aprendizagem.

Para Callegaro (2001), esse entendimento é referência para o começo de projetos, especialmente, envolvendo as TIC, faz parte do traçado metodológico para a aprendizagem colaborativa. Nesse traçado, a autora observa que é necessário saber primeiramente, sobre a infra-estrutura com que se vai trabalhar, como por exemplo:

- os parceiros presenciais e a distância e sua realidade sociocultural;
- o tempo previsto para a duração do projeto;
- disponibilidade dos suportes tecnológicos que se vai trabalhar;
- quais e quantos espaços poderão ser utilizados dentro e fora da escola;

²⁸ nombra de doblas del Barroco, em que tudo flui y se transforma para y em outra cosa, haciendo como habla el autor, de todo intervalo el hogar de un nuevo desdoblamiento que apaga todo contorno, toda fronteira. Processo ininterrupto de transición y de movimiento, donde no haga fim, nem conclusión definitiva, há solamente procesos que se cerran por ora y que exprimem y refletem para outro, em uma completa interacción.

- verificar o quanto se tem de verba ou como negociar para compra de materiais, ou pagamento de serviços, caso necessário;
- verificar a possibilidade de realização de atividades fora da escola.

Em seguida, fechar um compromisso com um grupo de professores, coordenadores, alunos da escola e com os colaboradores a distância, e depois conhecer as condições gerais da infra-estrutura tecnológica, quanto a *hardware*, *software*, configuração e manutenção. Atentar para o quadro de orientações iniciais, apresentado por Callegaro (2001), nos encaminha para uma análise crítica da realidade, levantando pontos que interferiram no desenvolvimento das atividades.

A realidade em que o projeto estava sendo desenvolvido trazia muitas complexidades, principalmente na escola estadual, da rede pública, visto que as condições de infra-estrutura do ambiente tecnológico eram precárias.

Um elemento importante na organização pedagógica para a aprendizagem colaborativa utilizando as TIC, é que ela demanda outra organização e tempo para o desenvolvimento das atividades, diferente da sala de aula sem estas tecnologias, onde não precisa esperar o processamento da informação a partir do software a ser usado. A busca da informação na sala de aula não informatizada dentre outras coisas, depende da agilidade e interesse de quem vai buscar a informação, do aluno ou do professor em identificar, por exemplo, no livro, na revista ou no jornal a página a ser utilizada para a contextualização de um tema.

Diferentemente dos ambientes informatizados em que, além da agilidade e do interesse do sujeito para a busca da informação e seu manuseio, também se conta com a agilidade da ferramenta em processar a informação, através da interface do programa a ser utilizado. Um erro de funcionalidade do programa, uma falha na conexão da internet, um bloqueio na rede para o acesso a algumas informações, a quebra do equipamento e tantas outras situações são entraves para o processo educativo.

Situação-problema que demanda um trabalho em parceria entre técnico e professor para garantir uma melhor estrutura e organização para o desenvolvimento de práticas educativas nesses espaços. Essa parceria permite ao técnico traçar um perfil de rede e de gerenciamento, que atenda a ambos, de um lado, manter a segurança e a funcionalidade da rede e do outro, que ajude na dinâmica das propostas pedagógicas.

Prioridade desconhecida pela Secretaria de Estado da Educação de Sergipe, órgão que gerencia as políticas públicas de inserção das tecnologias na Educação, como também no cenário nacional, no âmbito desses cenários de políticas públicas falta um compromisso político de preparação e acompanhamento pedagógico e da manutenção da infra-estrutura dos ambientes e das tecnologias²⁹. Diante deste cenário Lima (2002, p.269) questiona: “como garantir o sucesso de projetos sem infra-estrutura adequada para tal empreendimento e sem a compreensão teórica do uso das TIC, no cotidiano escolar”?

Como resposta a esta questão, Lima (2002, p. 269, 270), responde:

Mesmo que se confira toda a liberdade à escola e à sociedade, neste empreendimento ficam evidentes os seus limites. (...) a práxis pedagógica subtece ações alicerçadas na reflexão, planejamento, projeto que ocorrem, simultaneamente, e não, linearmente, como quer, ou determinam as ações do governo. O caráter fragmentário das diretrizes educacionais não permite a consistência em termos de um fazer articulado e sistemático no cotidiano da escola.

Estas reflexões nos fazem compreender e destacar que não basta inserir tecnologias nas escolas se não houver um projeto de políticas públicas comprometido com o uso, a partir da formação do professor como também, a segurança e manutenção adequada dos equipamentos.

A falta desta compreensão é um entrave para o trabalho pedagógico com o uso das TIC, nas escolas públicas sergipanas, problema também apontado nas dissertações de mestrado, da Universidade Federal de Sergipe, dentre elas, as que tiveram como objetivo principal o de analisar as Tecnologias na Educação, em escolas da Rede Pública de Ensino, da cidade de Aracaju.³⁰ Entrave identificado no C.E.G.A.F., pela falta de manutenção do ambiente, das máquinas e da rede para acomodar as

²⁹ Para saber mais, ver LIMA, Maria de Fátima Monte. **O Fio de Esperança**: políticas públicas de educação e tecnologias da informação e comunicação, 2002.

³⁰ Para saber mais ver, COX, Kenia Kodel. **A Informática na Educação Escolar Pública de Aracaju**: formação e prática de professores multiplicadores do PROINFO, 2000. JESUS, Jadson Tavares de. **O Programa de Informática na Educação**: uma experiência de capacitação de professores em Aracaju. 2001. CARVALHO, Tereza Simone Santos de. **O computador na Educação**, 2002. MALHEIROS, Neusa Nunes. **A inserção das Tecnologias na Política de Educação**: um estudo dos Laboratórios de Informática Educativa, nas escolas da Rede Municipal de Aracaju. 2005. CONCEIÇÃO, Sheilla Silva da. **Informática na Educação**: o Programa de Informatização na Rede Pública de Ensino (ProInfo) – o caso das Escolas da Rede Estadual de Ensino/Aracaju. 2008.

necessidades pedagógicas que o trabalho requeria. Dos dez computadores existentes na Sala de Informática desta escola, apenas oito funcionava com acesso a internet, dificultando o trabalho e obrigando os professores a gerenciar essas dificuldades, enquanto aguardavam a visita dos técnicos da SEED.

Como via para o desenvolvimento das atividades, o acesso dos alunos à Sala de Informática, foi feito em grupos de dezesseis alunos, subdivididos em duplas de trabalho, quando um grupo terminava, era a vez do outro e assim, continuava até que todos concluíssem sua atividade. Rotatividade que nem sempre acontecia no mesmo dia, porque dependia dos horários das aulas de Português, tempo insuficiente para um fazer em ambientes digitais, como o processador de texto e o e-mail, por exemplo, em que a cada clique nas ferramentas, possibilidades diferentes se abrem para apresentar e contextualizar o texto, a informação: alinhamento, formas, imagens, cores. Quanto mais possibilidades de focalizar e entender um objeto, mais tempo precisamos para articularmos com todas ou optarmos por algumas.

Observamos que os ambientes digitais, em geral e em rede, em particular, possibilitam outra dinâmica para a produção, para a seleção e para a pesquisa que podem representar um ganho no fazer e no aprender, pelo que já colocamos, no parágrafo anterior, mas também pela possibilidade de atualização das informações e das produções, sempre que necessário, seja inserindo novas, retirando, ou reorganizando-as conforme a percepção. O clique no mouse, portanto, potencializa processos de comunicação que virtualiza a palavra, no sentido de deixá-la em estado de prontidão à manipulação e à atualização, abertura para novas enunciações e ampliação de sentidos.

Contexto que conforma as reflexões de Lévy (1996), sobre o processo de virtualização, que parte de uma solução dada para novas problematizações, reflexões e criações.

Para Santos (2003), esse movimento de interação entre sujeitos e objetos técnicos é que o ambiente virtual se configura como espaço fecundo de possibilidades para a aprendizagem.

Observamos também, que o tempo foi insuficiente para a descoberta das letras, dos acentos e dos sinais no teclado, para a coordenação com o mouse, para o entendimento do funcionamento do computador, das interfaces e linguagem dos programas, como Word, da Microsoft, Internet Explorer e dos seus ambientes, email e lista de discussão por alunos do C.E.E.G.A.F. que estavam experimentando pela primeira vez o fazer e o aprender com as TIC e insuficiente também, para os alunos da

N.E. que já tinham domínio com a linguagem digital, mas que precisaram de tempo para articular as idéias e formatá-las com criatividade, usando os recursos que os processadores de texto e o email oferecem.

Com esta análise, identificamos que ambos os grupos foram prejudicados pelo tempo, o cronometrado para a realização das atividades nos ambientes virtuais porque a produção nestes ambientes, demanda uma nova forma de organização, articulação e materialização das idéias, demanda também, uma nova estética para o fazer e o aprender, nas quais cores, formas, linhas, espaços, estilos, desenhos, se entrecruzam e configuram novas formas de expressão.

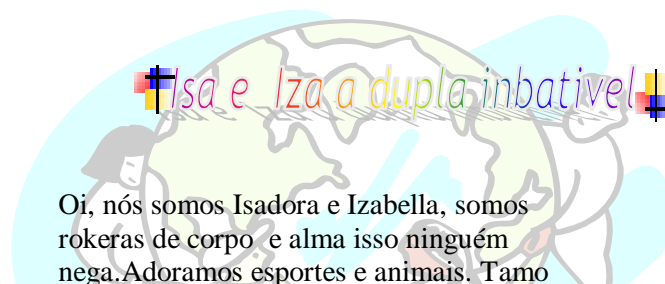
Porém, enfatizamos que, mesmo com as dificuldades decorrentes da administração do tempo e as de ordem técnica, houve a tentativa de tecer a rede de aprendizagem colaborativa entre alunos por meio de interfaces digitais.

3.2.3. Da autoapresentação à articulação dos temas

Os alunos da N.E. interagiram com facilidade com o computador, a internet e suas linguagens por serem tecnologias utilizadas por eles no dia-a-dia, tanto em casa, como na escola.

Nos textos de autoapresentação, produzidos no processador de texto *Word*, da *Microsoft*, identificamos procedimentos e recursos de usuários que dominam estas tecnologias, havendo a ocorrência de configuração de página, de retrato para paisagem, formatação de plano de fundo, da fonte, alterando estilo, tamanho, cor, inserção de imagens e WordArt, uso adequado do espaço entre palavras e de maiúscula e minúscula.

Identificamos também o domínio do internetês, a linguagem informal utilizada pelos jovens nos ambientes de comunicação síncrona e assíncrona da internet, como MSN, ICQ, orkut, blog, flog e email. Nesses ambientes, os jovens representam o seu pensamento, o seu cotidiano através da linguagem escrita, mas uma escrita permeada de abreviaturas, de uma organização diferente dos caracteres alfanuméricos daquela utilizada na escrita formal e de recursos não verbais como imagens, sons e *emoticons*. Nesta configuração, de acordo com Ramal (2003), é como se a oralidade pudesse acontecer por escrita e como consequência, a escrita parece cada vez mais oral.





Vamos nos conhecer! :)

Oi meu nome é Andréa e tenho 12 anos nasci no dia 17/08/1992 as coisas que + mais gosto de fazer são: passear, viajar, brincar, estudar, e muitas outras coisas.

Eu moro com a minha mãe meu pai e meu irmão
A Nossa Escola é ótimo tem professores legais e colegas também.

:)Tchau:)

Aluna da N.E.

No C.E.G.A.F., os alunos conseguiram produzir os seus textos utilizando as tecnologias citadas, mas segundo a análise das professoras, com dificuldade porque a utilização destas tecnologias não fazia parte do dia-a-dia destes. Para muitos, esta foi a primeira experiência com o computador e a internet. Este argumento justifica a utilização de mais de um espaço entre as palavras, a quebra da linha para a continuidade do texto, a incidência da escrita de todo o texto em maiúscula, a não ilustração com imagens e não utilização dos recursos do *WordArt*. Neste contexto, percebemos o quanto foram habilidosos em conseguirem expressar suas idéias com criatividade, utilizando recursos descobertos no processo, como o do realce nos textos, a formatação da fonte em estilo e tamanho, utilizado no corpo do texto e no título. Contexto, que também nos fez perceber, a importância da mediação do professor para a conquista desses procedimentos e de forma geral, para a aprendizagem dos alunos.

MINHA BIOGRAFIA

Meu Nome é Rayane Santos Ferreira
Tenho 11 anos. Moro no Conj. Valadares Bairro Santa Maria
Com Meus Pais e Meus Irmãos .
Fisicamente eu sou morena tenho 1metro e 30 de Altura e peso 32 kg
Tenho olhos pretos e cabelos pretos
Também .Sou muito ale
Minha matéria preferida é , português.

Aluna do C.E.G.A.F.

Meu nome é Lilian santos de Barros e tenho 11anos moro no conjunto Padre Pedro no Bairro Santa Maria eu moro com meus pais e minha irmã e com meu bicho de estimação. Fisicamente eu tenho de altura 1,39 e de peso 35 Kg tenho cabelos castanho escuro e os olhos pretos . Sou muito feliz .
Gosto da matéria de Português e de artes .
Gosto de brincar de bola e de estudar +ou- . Gosto de comer bolo de chocolate com
Uma coca cola bem gelada .Bem gente vou ficando por aqui Pc e Vitor
Eu e minha colega desejar muito conhece vocês. Aluna do C.E.G.A.F.

Esta análise é conformada por Vygotsky e Bakhtin, que afirmam que a linguagem é constitutiva dos sujeitos. O primeiro aborda a relação entre linguagem e pensamento. Para ele, sem o exercício da linguagem não há pensamento, assim, o sentido das palavras revela a organização e maturidade do pensamento. O segundo aborda que a linguagem é constitutiva da consciência e de toda atividade mental. O sujeito constitui-se nas interações de que participa e dela advém, o reconhecimento das atividades mentais do eu e do nós.

A articulação realizada pelos alunos para falar para o outro quem ele é, foi estímulo para o desenvolvimento do eu, do sujeito que elabora a articulação e do outro, o parceiro que recebe e compartilha a informação sobre ele e a realidade em que vive.

Exercício que conforme a concepção Vygotskiana (1993), incita o desenvolvimento do pensamento e da linguagem, pois, na concepção do autor, “ao aprender a falar, o ser humano também aprende a pensar, na medida em que cada palavra é a revelação das experiências e valores de sua cultura”, complementa Lukianchuki (2004, p.1), reflexão que reforça a concepção Vygotskiana de que o uso da linguagem é determinante para a formação do sujeito social.

Concepção que nos fez observar nesta etapa que o processo de comunicação escrita por meios virtuais revelou a maturidade sociocognitiva dos mesmos, pela forma como se comunicaram e se interrelacionaram com as tecnologias e suas linguagens, a partir do estilo da escrita, da apresentação das idéias, da formatação do texto, da inserção de imagens, de *emoticons*, cores, linhas; são pontos de análise, pois revelam níveis de apropriação das tecnologias e da linguagem escrita.

Reconhecemos também, que a etapa de **autoapresentação** é importante no processo de aprendizagem colaborativa mediado pelas TIC, porque dela pode emergir diferentes questões de âmbito sociocultural que poderão ser incorporadas à proposta, como estímulo a uma situação-problema importante que envolva os alunos, como a que

aconteceu neste Projeto, que aqui analisamos, o desgosto dos alunos do C.E.G.A.F. por intrigas, falsidades, brigas, levou os professores a considerar que o tema “violência” poderia instigar uma discussão que ajudasse os alunos a compreender com mais profundidade a questão, e a partir daí levasse-os a compreender a cooperação entre amigos como um caminho para ajudar a diminuir a violência entre eles.

Meu nome é ALEXSANDRO MATOS DA SILVA. e tenho 13 anos.

Moro no conj. Antonio Carlos Valadares; Bairro Santa Maria; moro com meus pais, meus irmãos, e claro, meus bichos de estimação.

Fisicamente eu sou moreno, tenho 1,40 de altura, peso 35Kg, tenho olhos castanho e cabelo preto também, sou alegre, extrovertido gosto muito de conversar nas horas certas

Não suporto mentiras e nem pessoas briguentas faço tudo pra ficar em paz com todo Mundo [grifo nosso].

Estou estudando a 5ª série, gosto muito de ir a escola. Minhas matérias preferidas são; Historia e Geografia. Minhas notas por enquanto estão boas, mas quero que fiquem ótimas.

Aluno C.E.G.A.F.

Entendemos que falar de si mesmo pode ser uma tarefa difícil e que suscita questões éticas, filosóficas, culturais; discussão que pode ser contextualizada com o envolvimento de diferentes disciplinas. A participação das disciplinas, como observa Callegaro (2001), pode ajudar os alunos a olhar para si, para o seu bairro, sua escola, sua família e sua história, com a finalidade de contar para o outro quem é ele e, simultaneamente, olhar para o outro.

Desfecho importante para o desenvolvimento cognitivo do aluno, pois vivencia o processo de **articulação**, como propõe Crook (1998), processo que o faz refletir sobre o seu pensamento, as suas idéias, para organizá-las de modo que seja compreendida pelos seus parceiros. De acordo com Bakhtin (2004), este processo, leva o sujeito a um compromisso social com o seu pensamento, de adaptá-lo às condições do meio social para que seja compreendido pelo outro, o seu interlocutor. Para o autor (p. 112), “é a expressão que organiza a atividade mental do sujeito, que a modela e determina a sua orientação” de acordo com a situação social mais imediata.

O processo de articulação pode ajudar também no desenvolvimento da Zona de Desenvolvimento Proximal dos mesmos, como propõe Vygotsky (1994), porque as suas palavras, as suas idéias para a apresentação de um tema, para o desenvolvimento de uma

tarefa, para a resolução de um problema podem servir de exemplos para a organização e percepção das idéias do outro.

Nesse contexto, reconhecemos que o desenvolvimento das atividades e as orientações utilizadas pelas professoras no processo, foram condizentes com a tessitura de um fazer e aprender por meio das TIC, o que demonstra reflexão por parte dos professores para esta situação. A orientação para a produção do texto da autoapresentação, no aplicativo *Word*, é um exemplo desta reflexão, pois entendemos que a indicação foi para livrá-los do incômodo de ver seus trabalhos perdidos diante de uma falha na conexão ou expirar pelo excesso de tempo numa mesma atividade.

Tempo excedido de um lado, o tempo máximo de espera do programa para o envio da mensagem ao destinatário e insuficiente do outro, o tempo do aluno para a apropriação das funções das teclas do teclado e representar num espaço diferente do caderno, o pensamento através da escrita. Contexto que se complica ainda mais, quando se dispõe apenas dos 50 minutos de aula para uma produção que requer elaboração, apropriação do funcionamento e linguagem da tecnologia e ainda, cuidados com a forma e o conteúdo, quando da perspectiva de compartilhá-la.

Nesse contexto, outra situação merece destaque no confronto com o tempo é a necessidade de o professor acompanhar seus alunos nas produções, nos diferentes ambientes, mesmo que a atividade tenha sido explicada e discutida anteriormente, na sala de aula e que o professor responsável pelo outro ambiente esteja inteirado da atividade, da proposta, dos objetivos e das idéias. Este sozinho, não dá conta de explicitar o funcionamento do ambiente, da tecnologia, da linguagem, da atividade e acompanhar questões pedagógicas específicas, como o conteúdo e a organização do mesmo.

Situação conflituosa vivenciada no C.E.G.A.F. nesta etapa do trabalho, devido ao não acompanhamento da Professora de Português nas produções realizadas nos ambientes virtuais, muito embora, as orientações primeiras, tenham ocorrido na sala de aula, sob o seu crivo, nos ambientes virtuais, o trabalho segue uma outra dinâmica, com outras possibilidades, de contextualização para “outras dobras”, outras observações, estímulos, conteúdos. Como, por exemplo, pela possibilidade de melhor acompanhar e mediar o fazer e aprender dos alunos, pela disposição e visualização da articulação das idéias na tela do computador, assim, acompanhar o desenvolvimento do aluno acerca de um conteúdo, de um conceito, de uma tarefa, as dificuldades e as facilidades emergem e são possibilidades para novos desfechos, novas dobras para a contextualização de novos

estímulos para o estudo de novos conteúdos e para a organização de estratégias para a formação de novos conceitos, como nos fala Vygotsky.

Acompanhar as práticas com tecnologias, além da explicitação ora apresentada, também é espaço de apropriação das tecnologias por parte do professor, quando ao acompanhar o desenvolvimento das atividades, as facilidades e as dificuldades dos alunos nas situações de aprendizagem, ele avalia as potencialidades e os limites das mesmas no processo educativo.

O fato de não acompanhar as produções nos ambientes virtuais, privou o olhar da professora na utilização dos conteúdos curriculares, que surgiram na reescrita e escrita das autoapresentações dos alunos, intervenção importante para a organização do pensar/fazer/aprender e também a privação de estar juntos no mesmo tempo e espaço e compartilhar das angústias e satisfação de experimentar um fazer e aprender mediado por ambientes computacionais. Muito embora tenha orientado o processo, no ambiente da sala de aula, entendemos que a sua presença na Sala de Informática poderia ser garantia de resultados melhores.

A apresentação das tarefas, suas problematizações, discussões, estudos e orientações aconteceram anterior a ida à Sala de Informática. No caso das apresentações, para relacionar ao conteúdo curricular, a professora optou e orientou para a produção e utilização do termo “biografia” para contar para o outro quem ele era. Orientações que resultaram num roteiro para as apresentações das informações para a produção: como se chamam, onde moram, como são fisicamente, como são psicologicamente, o que gostam, o que não gostam e quais as matérias preferidas.

Articulação que teve um resultado satisfatório, quanto à produção, o roteiro foi o guia para estimular um processo de escrita e de produção sobre eles, por outro lado, observamos que os privou de escreverem com liberdade, nos mostrando elementos ricos do seu dia-a-dia, da sua cultura, da sua história.

Identificamos que não obstante a essas situações problemas, os alunos se apresentaram com um texto escrito falando de suas perspectivas, nomes, idades, onde moram, do que gostam de fazer e do que não gostam. Foi um momento de se autoconhecerem para um começo de relações sociais caracterizada pela colaboração, respeito e interesses em comum.

MEU NOME E ARIANA MARIA SILVA DOS SANTOS, MORO NO CONJUNTO PADRE PEDRO BAIRRO SANTA MARIA COM MINHA MÃE, MINHA IRMÃ, E O MEU ANIMAL DE

ESTIMAÇÃO. FÍSICAMENTE EU SOU CLARA, TENHO 1,46 DE ALTURA, PES 42 KG TENHO OLHOS CASTANHOS. SOU ALEGRE, EXTROVERTIDA, NÃO SUPOORTO MENTIRAS, FALSIDADE E AGRESIVIDADE. ESTOU ESTUDANDO A 5ª SÉRIE GOSTO MUITO DE IR À ESCOLA ADORO PORTUGUÊS. MINHAS NOTAS ESTAM UM POUCO BOAS. NOS FINAIS DE SEMANA, GOSTO MUITO DE SAIR.

Aluna do C.E.G.A.F.

Esta etapa de comunicação inicial dá oportunidade aos professores de descobrirem a problematização do projeto, a partir das sinalizações dos alunos nas suas mensagens aos parceiros, dos seus interesses, sonhos, angústias. Direcionamento seguido pelos professores mediadores do Projeto “Comunicar é aprender”, que entenderam a partir das falas dos alunos do C.E.G.A.F., que o tema “violência” poderia ser interessante para ambos os grupos.

Problemática primeira, dos alunos do C.E.G.A.F., moradores em bairro periférico da cidade de Aracaju, espaço de marginalidade social, econômica e cultural, mas também dos alunos da N. E., moradores em bairro central, espaço de belezas, além da água do mar e do rio que contornam suas terras, nas moradias luxuosas, mas também nos pareceu, ser problemas de todos nós.

Destacamos que a maneira utilizada pelos professores de induzir uma reflexão sobre a temática a partir de leitura de textos sobre o assunto, seguida de discussão, mediada pelas professoras de Redação - N.E. e Português - C.E.G.A.F., nas salas de aula, para saber da aceitação dos grupos quanto à temática “violência” para a problematização da aprendizagem colaborativa, foi muito importante. Este movimento metodológico revela a preocupação dos professores mediadores em envolver o grupo numa temática que seja instigante para todos, requisito importante para os processos de aprendizagem colaborativa.

Momento importante para o replanejamento do projeto porque a perspectiva do tema induzia as professoras à revisão do mesmo, definindo e organizando estratégias para o trabalho, como os ambientes virtuais a utilizar, atividades a serem desenvolvidas, analisar se os objetivos propostos inicialmente, atendiam a problematização atual e rever os prazos.

A partir das reflexões de Crook (1998), compreendemos que propor o conflito na aprendizagem em grupo é característica importante para a interação, são estímulos para a aprendizagem e para o desenvolvimento cognitivo, porque nesta situação, os participantes empreendem esforços para resolvê-los, através da justificação, dos

desacordos, da negociação, refletem sobre sua resposta e sobre a resposta do outro, argumentam, levantam hipóteses para o fazer e aprender em conjunto.

O conflito na proposição da aprendizagem colaborativa é argumento para o desenvolvimento da Zona de Desenvolvimento Proximal, pois estimula os sujeitos a alargarem seus conhecimentos, a perceberem elementos importantes para a resolução do problema, percepção não alcançada, se estivesse sozinho, sem participar de uma construção coletiva, na qual a palavra de um serve para a articulação da palavra do outro. Assim, no compartilhar, no discurso bidirecional, todos ensinam e aprendem.

O conflito é também um reforço, um estímulo para os participantes organizarem suas idéias para compartilhar com os demais, relaciona-se com este princípio, o da articulação e da co-construção, processos identificados quando os alunos organizam suas idéias, opiniões, interpretações sobre algo que está sendo discutido, um problema que precisa ser solucionado, assim, todos devem colaborar no desenvolvimento de uma tarefa conjunta, co-construção para que haja um consenso, uma discussão organizada, mas num direcionamento bidirecional, o eu e outro pode falar, argumentar, sugerir, discordar.

Este movimento na aprendizagem em grupo, de forma colaborativa estimula os processos cognitivos que acabamos de contextualizar, processos importantes para a formação da palavra, dos conceitos, como forma de expressão do sujeito sobre si e sobre a vida.

Este é um exercício de compartilhar sonhos, utopias, dificuldades e facilidades que emergiram da enunciação, da troca, da co-participação entre professores e coordenadores, a sugestão de se problematizar também sobre a cooperação, para enfatizar o entendimento da relação entre os alunos numa proposta colaborativa e de perceberem a cooperação como aliado à não violência. Por isso, se perguntou no segundo momento, o que você entende por cooperação? E no terceiro, se a cooperação ajuda a diminuir a violência. O contexto metodológico para o estudo da primeira questão serviu para as demais.

Estas foram questões disparadoras para o estudo dos temas e as reflexões dos alunos sobre os mesmos, apresentados através da escrita nos ambientes virtuais, Email e Lista de Discussão.

Contextualização da etapa de **Desenvolvimento da pesquisa e produção.**

A Lista de Discussão:

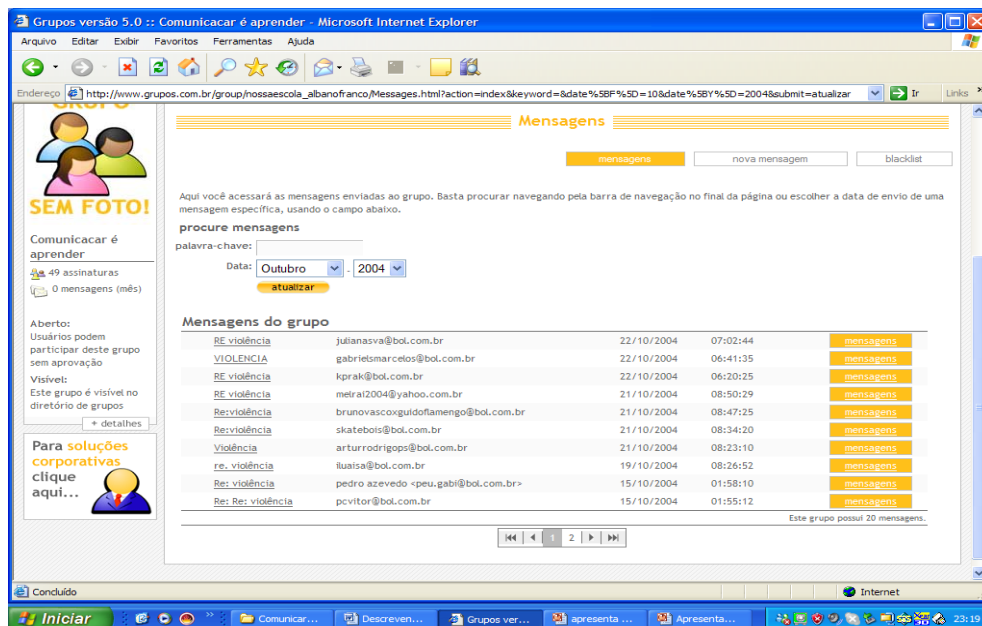


FIGURA 06 - Interface da Lista de Discussão – Mensagens do grupo

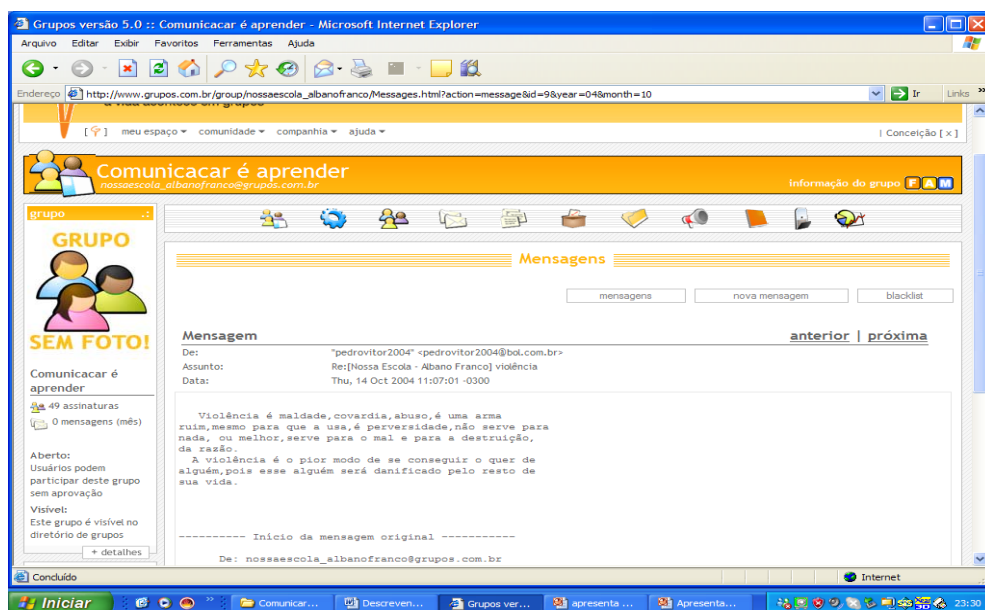


FIGURA 07 - Interface da Lista de Discussão – Mensagem sobre violência Pedro e Vitor – N.E.

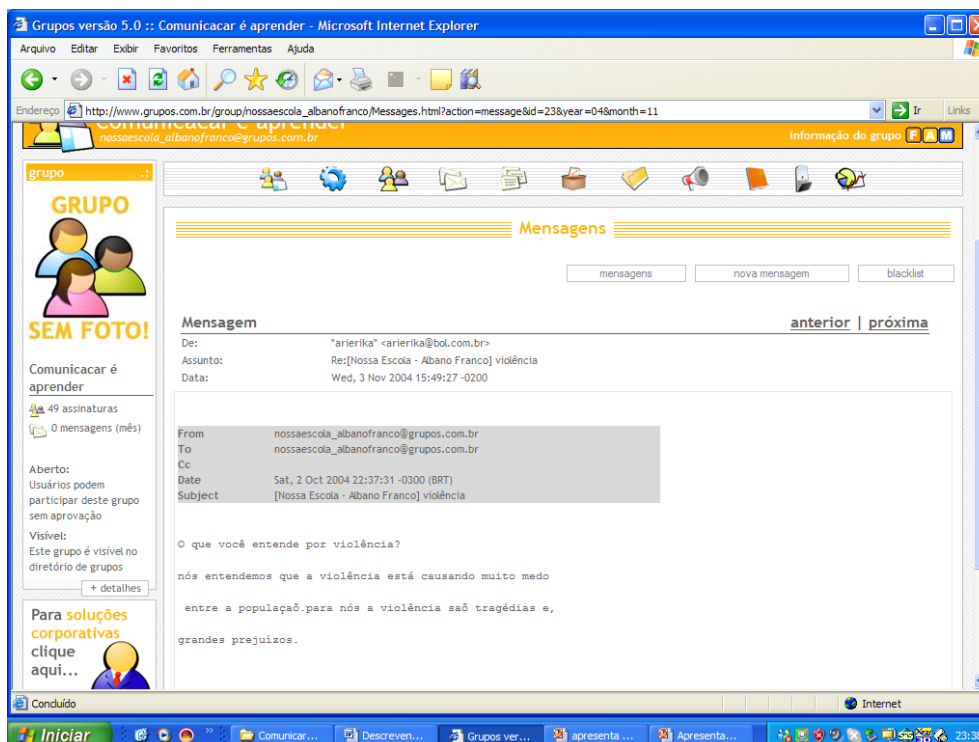


FIGURA 08 - Interface da Lista de Discussão – Mensagem sobre violência Ariana e Érica – C.E.G.A.F.

Identificamos que conhecer o funcionamento da Lista de Discussão não foi novidade somente para os alunos, mas também para os professores que vislumbraram nesse ambiente, os fundamentos epistemológicos para a aprendizagem colaborativa em ambientes virtuais. Mas, para que ele cumpra seu papel é necessário o gerenciamento com eficácia. Assim, conhecer a estrutura de funcionamento é central para o desenvolvimento das ações.

Foi decorrente da não apropriação do funcionamento do ambiente que os alunos da 5ª série B, da N.E., o primeiro grupo a usar o ambiente, postaram o texto de resposta à primeira problematização, (“o que você entende por violência”) duas vezes. A primeira, pela lista, mas não aceita, não visualizada porque os alunos estavam cadastrados no sistema por um assinante, suziconceicao, login do administrador do grupo, as professoras articuladoras da Sala de Informática de ambas escolas, mas não com o preenchimento de um cadastro com informações específicas sobre o perfil de cada um. Assim, tornaram-se membros, participantes, mas não exerciam a função de membros, não estavam aptos a participarem do grupo das duas formas, pela página e pelo email. Participavam apenas como assinantes, recebiam e enviavam as mensagens

por email, não usavam a funcionalidade do sistema no próprio ambiente, descoberta realizada posteriormente, com a investigação do problema.

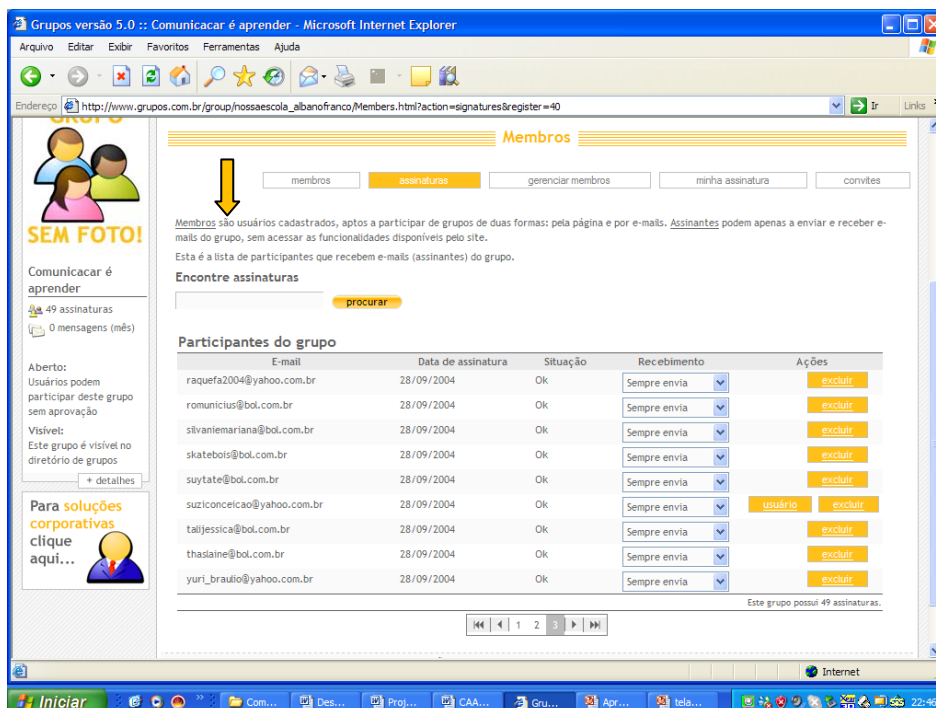


FIGURA 09 - Interface da Lista de Discussão – Tela que descreve a função dos membros.

Cadastrar os alunos requeria tempo para o preenchimento de uma ficha com várias informações sobre cada aluno, tempo não disposto pela professora articuladora da N.E., responsável pela configuração do ambiente, devido ao envolvimento com outras demandas da Sala de Informática, além das previstas no Projeto. Motivo pelo qual, os alunos da 5ª A da N.E. e do C.E.G.A.F. responderam por e-mail, mas num tempo posterior, devido a problemas técnicos nas duas escolas. Na primeira, erro de conexão com o servidor e na segunda, sem sinal para a conexão.

Identificamos que a construção e postagens das mensagens sobre violência, na Lista, envolveu um longo tempo, o mês de outubro e a primeira semana do mês de novembro. Foram postadas sobre o tema trinta e sete mensagens. Cada dupla ou trio organizava a mensagem conforme uma negociação entre eles. Alguns grupos optaram pela elaboração individual e outros, pela coletiva, como mostra os exemplos a seguir:

Eu entendo que violência não é só a violência física também existe a violência verbal, todas elas podem causar vários problemas.
Todos temos que tentar evitar a violência do nosso país.

Rafaela – N.E.

nós entendemos que a violência está causando muito medo entre a população. para nós a violência são tragédias e, grandes prejuízos

Ariana e Érica – C.E.G.A.F.

A partir dessas produções e da apropriação das reflexões de Santos (2003), identificamos que a Lista de Discussão foi um ambiente fecundo para a aprendizagem, por acomodar na sua interface mecanismos para a virtualização e atualização. O primeiro, segundo a autora, com base nas reflexões de Lévy (1996), passa de uma solução dada para um problema e o segundo é a solução dada a uma problematização. Assim, quando da iminência de escrever sobre as questões problematizadoras do projeto, os alunos virtualizaram-nas quando colocaram-nas em questão, no sentido de tecer argumentos teóricos e práticos para um *vir a ser*, um ato criativo para a solução dos problemas e atualizaram-nas quando escreveram o texto, postando a solução do problema sob uma organização própria, quanto a contextualização, a escolha das palavras, a organização das idéias e a formatação do texto.

Na Lista de Discussão, os processos de virtualização e atualização são contínuos porque ao finalizarmos um texto, uma questão, através da postagem; a iminência da leitura por outros, de acordo com o seu referencial de vida, novas questões poderão surgir, novas problematizações para novas atualizações que poderão acontecer no próprio ambiente pela plasticidade para a interação.

A partir desse olhar inferimos que a Lista de Discussão serviu para acomodar as reflexões dos alunos sobre cada problemática, resultado de uma aprendizagem colaborativa que envolveu a participação de todos no grupo, desde as articulações nos ambientes presenciais aos virtuais. Porém, não presenciamos nas mensagens postadas na Lista, o debate entre os participantes, simulando um movimento de troca, de confronto, num direcionamento de vai e vem bilateral, previsto para a aprendizagem colaborativa, mediada pelas TIC e também de virtualização e atualização.

Identificamos um movimento com esta configuração no ambiente presencial, precisamente, nas Salas de Informática, em que a Lista foi o signo de mediação cultural, porém, o confronto, a análise, a complementaridade, resultados dos processos de virtualização e atualização não foram realizados no ambiente virtual, ficaram na articulação oral. E ainda, identificamos que neste momento de discussão coletiva, os professores não atentaram para a importância do registro das observações e opiniões dos

alunos acerca da palavra escrita dos colegas virtuais, deixando a proposta carente de amostra dos dados nesta atividade.

Enfatizamos que posterior a essa atividade, aconteceu a discussão sobre a problemática **O que é cooperar?** O estudo, a reflexão e a produção sobre esta questão e a que analisaremos mais adiante, aconteceram seguindo a rota metodológica da problemática anterior. A esta questão, os alunos responderam:

Cooperação é colaborar, ajudar, ser compreensivo; cooperar não custa nada, mas o custo da consequência da falta de cooperação é muito grande, a cooperação também recupera as pessoas do trauma que é a violência.

Pedro e Vitor – N.E.

Eu entendo que é um ato de ajudar o outro. Vem da palavra cooperar, que é ajudar. Isso é, o que eu e Adolfo achamos de cooperação.

Adolfo e Leonardo – N.E.

Nós entendemos que a cooperação é uma coisa boa para se aplicar a sociedades. Porque a cooperação nos ajuda no dia-a-dia como: no trabalho, ajudar as pessoas necessitadas, participar de passeatas e etc.

Rafaela e Leonardo – N.E.

cooperação é uma forma de ajudar uma pessoa ,um exemplo de cooperação é quando alguém é vítima de algum caso de violência e outra pessoa tenta ajudar.

Silvani e Mariana – C.E.G.A.F.

é juntar um com o outro isto é compartilhar com o outro.

Ronisson e Jonas – C.E.G.A.F.

A gente entende que cooperação é um modo que tem de se ajudar uns aos outros


Thaysa e LÍlian – C.E.G.A.F.

Na caminhada metodológica dessa situação-problema, foram identificados novos desdobramentos, como a adaptação de um texto produzido por Edmê Cristina (em anexo), coordenadora da N.E., convite à reflexão sobre a vida, pautada numa tábua de valores, e que coloca no topo, o respeito à vida através da cooperação, porque “é com o outro que construímos coisas e aprendemos sobre nossos sentimentos e, do outro, e

ainda, o respeito pelos diferentes e pelos iguais”. A autora convida a todos, alunos e professores para construirmos juntos, uma tábua de valores que enfatize a não violência nas relações sociais.

Essa reflexão norteou ações e colaborações nos ambientes virtuais e presenciais, resultando na postagem de quarenta e três mensagens sobre “o que é cooperar”. Em seguida, as discussões e elaborações aconteceram norteadas pela problemática seguinte, **“a cooperação ajuda a diminuir a violência”?**

Constatamos que muitas foram as justificativas para a afirmação dos alunos, em dizer sim a amizade, a solidariedade, a vida com tolerância e respeito às diferenças, síntese de uma aprendizagem colaborativa norteadada por um trabalho conjunto, no qual o respeito ao próximo está no topo da tábua de valores. O entendimento a estas questões foi pontuado em trinta e quatro mensagens, produzidas pelos alunos das escolas parceiras, N.E. e C.E.G.A.F.. Assim, eles disseram:



 Sim. Porque com ajuda de outras pessoas temos um poder maior para combater a violência, porque quanto maior o número de pessoas será maior a força da população para nos ajudar nesse grande mal que nos cerca que é a violência e assim poderemos ter uma vida tranqüila sem temer a violência.

Rafaela e Leonardo – N.E.





sim, quanto mais cooperação, menos violência, quanto menos cooperação, mais violência.
Nós achamos que sim, porque as pessoas que ajudam os outros puderam diminuir a violência.
Ex: quando nós doamos para: estituição ,eventos estarão ajudando as pessoas ter uma vida melhor.
Os:nós achamos isso muito importante.

Marcela e Moana – N.E.

À cooperação ajuda a diminuir a violência?

 SIH .  Por que cooperando a Gente ajuda adiminuir

a violência . 

Por exemplo : Ajudar a professora é cooperação .  Não brigar com os alunos é um exemplo de não contribuir com a violência .   OK! 

Carlos e Fernanda – C.E.G.A.F.

SIM PORQUE TIRANDO ÀS CRIANÇAS DAS RUAS E
BOTANDO NA ESCOLA PODE DIMINUIR A VIOLÊNCIA

Alexandro e Ítalo – C.E.G.A.F.

Vimos que a organização para o estudo das temáticas possibilitou a produção do conhecimento sobre a questão da violência e da cooperação como possibilidade de não violência, ampliando a possibilidade de um aprender pautado em valores éticos como solidariedade e respeito às diferenças que levam a uma formação mais humanizada, nas relações sociais.

Contexto de vida experimentado na escola, não somente entre os “iguais” do mesmo grupo, no qual quase sempre o contexto sociocultural de um, se aproxima com o do outro, mas numa relação de desigualdades sociais, de grupos sociais diferentes e com histórias diferentes, mas que a história de um grupo contribui com a história do outro. Todos experimentam um fazer e aprender coletivo, no qual a percepção e observação de um, contribui com a do outro e assim, se elabora e se reelabora o pensamento. Vygotsky conforma esta situação falando do papel do outro na construção do conhecimento, cabendo a escola e ao professor, em particular, possibilitar a produção do conhecimento através das interações sociais.

A partir desse enfoque, consideramos que os procedimentos pedagógicos propostos nessa etapa do Projeto, são articulados de acordo com a abordagem Vygotskiana, pois consideravam que aprender é ampliar as possibilidades de conhecer um objeto de conhecimento, considerando a experiência do sujeito como elo desencadeador de outras visões e perspectivas. Ponto norteador para uma mediação pedagógica estruturada em situações de aprendizagem, pautadas na interação entre os sujeitos em ambientes e tempos diferentes.

A Lista de Discussão possibilitou um feedback às elaborações dos alunos, pois acomodava as expressões, os sentimentos e entendimentos dos mesmos sobre a problemática através da escrita. Funcionava como uma rede, de visualização ampla, do todo, mas também das partes. Nesta rede de comunicação e aprendizagem, cada fio pode ser tecido individualmente, mas servindo para tecer o coletivo.

Visualizamos a Lista de Discussão, como ambiente virtual interativo e dialógico, no qual diferentes vozes podem se encontrar, comunicar pontos de vista, sentimentos, se posicionar para o diálogo. Ambiente, que na perspectiva Bakhtiniana (2004), é propício à interação, ao dialogismo e a polifonia, tríade constitutiva da palavra, signo semiótico

que registra e flagra as expressões do homem frente à vida. Investir nessas categorias significa um exercício para o desenvolvimento da linguagem, no sentido de ampliar as suas formas e incitar o desenvolvimento de habilidades para a sua expressão. Exercício que pode resultar no aprofundamento dos significados e sentidos das palavras do sujeito com relação à realidade na qual participa.

Para Bakhtin (2004, p. 112), esse aprendizado estimula uma elaboração mental mais complexa e rica, em relação à expressão social, visto que é o exercício da expressão da palavra que “organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação”. Assim, a linguagem apresentada por enunciações divulga as condições do contexto da comunicação e das ideologias predominantes.

Durante a terceira etapa, **culminância e avaliação**, um feedback do que foi realizado aconteceu, mediado por muitas negociações entre coordenadores, professores e alunos para pontuar o sucesso ou o insucesso, pontos positivos e negativos para a busca de caminhos para novos roteiros, novas descobertas, dobras que desdobram. Como analisaram os alunos Marcelo e Piero – N. E.

Nós gostamos desse projeto porque nós pudemos nos comunicar com outras pessoas. Nós achamos que discutimos tudo que precisava, como a violência e a cooperação. Lemos vários textos e aprendemos a nos comunicar com as pessoas. Gostamos também de mandar e-mail para eles.

Ademir – C.E.G.A.F.

Bom, eu achei muito interessante, pois aprendi um pouco como mexer no computador. Também gostei muito de me comunicar com outras pessoas que nem conhecia, debatendo os temas: violência e cooperação. Foram textos interessantes, difíceis e legais. Aprendi coisas diferentes, achei muito bom, porque usarei muito isso no futuro.

E as professoras, Suzi Garção e Solange Villas Boas. Para a primeira,

(...) foi um projeto muito bem sucedido que geraram frutos principalmente na escola pública que infelizmente não podemos dar continuidade no ano posterior devido ao roubo dos computadores que sucedeu no colégio Albano Franco. Mas até hoje, os alunos que fizeram parte desse projeto lembram da experiência e do conhecimento que aprenderam no projeto Comunicar é Aprender.

Para a segunda,

A utilização da informática nesta ação interacional, foi de suma importância. Pois, possibilitou uma inovação para aquisição de conhecimentos e produção de textos por parte dos alunos, principalmente os do Santa Maria. Isso provou que a tecnologia pede novos paradigmas em relação à educação desenvolvida com os alunos de hoje. Desta forma, é importante possibilitar aos alunos não somente a utilização do computador no processo de ensino, como também a utilização de qualquer mídia existente no contexto escolar.

Feedback constatado no encontro presencial realizado na N.E., em que ambos os grupos tiveram a oportunidade de formatar suas impressões sobre os parceiros virtuais, especialmente os alunos da escola visitante, C.E.G.A.F., porque além do encontro com seus interlocutores, tiveram a oportunidade de conhecer, ainda que rapidamente, o *locus* da cultura e da história, de onde falam através da escola e do bairro.



FIGURA 10 – Foto dos alunos do Colégio Albano Franco, na Sala de Informática e na quadra de esportes.

No encontro, os alunos e os professores do C.E.G.A.F. foram recepcionados pelos anfitriões, os alunos da N.E., mostrando a escola e em seguida, encaminhando-os para o auditório para as apresentações formais dos professores, alunos e da diretora da N.E. Avaliamos que a apresentação aconteceu num clima de descontração, emoção e alegria.



FIGURA11 – Foto dos alunos da Nossa Escola, na sala de aula.

No primeiro momento, os professores se apresentaram, falaram da importância da utilização do computador e da internet como meio de comunicação entre escolas, palavras pronunciadas como expressão de um aprendizado coletivo e individual, registradas nas expressões, na entoação das palavras para expressar uma vivência, valores, sentimentos que estavam nas mentes dos locutores, das professoras, mas também na dos alunos, os interlocutores, que neste momento, ouviam, mas que também riam, lembravam, se emocionavam, falavam consigo mesmos, porque as palavras das professoras também eram suas.

Esta interpretação nos remete a Bakhtin (2004), quando analisa que ninguém diz a palavra sozinho, a palavra de um, é precedente da palavra do outro, porque é determinada pelo contexto, pela realidade social, é portanto, produto da interação entre o eu e o outro. Nos remete também, a Vygotsky (1993), quando analisa o desenvolvimento da palavra e do pensamento através da interação social, na interlocução do sujeito com o meio e os signos que dele fazem parte.

Foi um momento rico, no qual se refletiu sobre a experiência de aprendizagem colaborativa tecida em tempos e espaços presenciais e virtuais, presente no planejamento, mas que não se atentou para a importância de registrar com recursos que resguardasse a originalidade das palavras para um resgate posterior e autêntico, de uma experiência que passou, mas que deixou suas marcas na história das escolas e dos sujeitos que dela participaram. Falha que não nos permite ilustrar neste momento, as descrições das falas dos sujeitos com originalidade, pois as narrativas aqui realizadas advêm dos registros da memória dos professores idealizadores do Projeto.

Em seguida, foi a vez da diretora e também coordenadora do Ensino Fundamental, pronunciar palavras calorosas, de boas vindas aos alunos do C.E.G.A.F. e também de satisfação em poder dizer para eles o quanto a comunicação por meios

virtuais enriqueceu seus alunos e professores. Depois foi a vez dos alunos se apresentarem e de falarem sobre a experiência vivida. Foram falas curtas, mas unânimes em afirmar que gostaram muito de trabalhar de forma colaborativa por meio da internet, de enviar as mensagens por email e de ver o resultado, na Lista de Discussão.

Embora não se tenha registrado as palavras dos sujeitos para além da memória neste momento, de encontro presencial, de comunhão, de diálogo, de comunicação, de interação, de compartilhamento de percepções sobre a proposta, o registro foi feito num outro momento, posterior a este, mas que resgata as reflexões desse momento quando alunos e professores, em encontro consigo mesmo fizeram uma avaliação da experiência, algumas já apresentadas neste tópico e outras, que mostram, por exemplo, o reconhecimento da importância de viver com o outro e de deixá-lo como parte de um processo, de uma construção que enriqueceu as suas vidas, assim como a do outro, a dos alunos do C.E.G.A.F., reconhecimento que os fez pensar no valor à vida, reflexão e entendimento ao convite da coordenadora da N.E., de colocarem este valor no topo de suas tábuas de valores, como expressam as palavras de Artur e Rodrigo – N.E

Nós gostamos do projeto porque ele nos ensinou várias coisas e também fez com que a gente pensasse em várias coisas como o respeito, a cooperação, etc...

Acho que aprendemos com as mensagens lidas sobre o projeto e as mensagens enviadas pelos alunos do colégio Albano Franco. Aprendemos muito sobre respeitar os outros e o próximo.

Foram expressões conscientes de uma convivência de cinco meses ininterruptos de interação, principalmente, entre os professores em que a cada situação problema tentaram desembaraçar o fio da rede e encontrar de novo, o ponto para amarrar o nó de conexão como os outros fios e nós da aprendizagem colaborativa. Nesse sentido, foi tecida ininterruptamente, mesmo quando a ação dos alunos não pode ser realizada no momento previsto, quando foi interrompida, por exemplo, pela falha na conexão da rede internet, porque os professores não paravam de pensar na proposta, de avaliar as facilidades e as dificuldades encontradas no processo.

Caminhada que permitiu a professora Solange Villas Boas, apontar como dificuldades:

- a falta de experiência dos alunos do Albano Franco em usar o computador, o que dificultou a produção dos emails;
- o tempo reduzido para cada aluno utilizar o computador;
- a impossibilidade dos alunos da Nossa Escola em vim visitar os alunos do Albano, no Santa Maria.
- a não continuidade da ação.

E como facilidades:

- o intercâmbio entre pessoas de realidades sociais diferentes;
- o conhecimento das realidades de ambas as turmas a partir de uma conversa internauta;
- a utilização da tecnologia numa ação pedagógica de forma interativa;
- a aquisição de conhecimentos de determinados temas a partir das idéias e experiências trocadas entre os alunos da Nossa Escola e do Albano Franco;
- o encontro entre ambas as turmas depois de um período de comunicação via internet, na Nossa Escola;
- a experimentação da informatização por parte dos alunos do Albano Franco.

A professora Suzi Bittencout Garção, traçou um quadro de comparações que aponta as dificuldades e facilidades encontradas nas duas escolas, objetos de estudo nesta dissertação. Segundo a professora, na escola da rede particular:

- Todos os alunos já conheciam o computador, já sabiam manuseá-lo;
- Os alunos cumpriam com as etapas do projeto com maior rapidez e facilidade;
- Os alunos mostraram interesse e curiosidade pelas amizades virtuais que estavam fazendo;
- Alguns mostraram pouco interesse pelo projeto, não levando a sério as atividades que eram propostas;

Já na escola pública, os fatores que mais se destacaram foram:

- A falta de conhecimento sobre o computador;
- A maioria dos alunos nunca tinham visto um computador;
- Os alunos cumpriam as etapas do projeto como maior duração de tempo e com muita dificuldade;
- Os alunos ficavam maravilhados em se comunicar com pessoas que eles não conheciam pessoalmente;
- Todos mostraram muito interesse e ansiedade para o cumprimento das atividades propostas;

Este levantamento de percepções revela as possibilidades de construção do conhecimento a partir de projetos colaborativos mediados pela internet.

O encontro presencial foi desfecho e contexto para fortalecer os fios da rede, os já tecidos e os que estavam à mostra para a sua tessitura no ano seguinte, assim, se pensou em atividades coletivas, nas quais os alunos pudessem se aproximar mais, conversar e brincar. Realizações que fizeram no lanche coletivo, nas brincadeiras de bola, na quadra, nos brinquedos do playground, no jogo de totó, no jogo de tênis de mesa. Interação que resultou numa despedida calorosa, de abraços, de declarações de amizade e de troca de email e telefone.

Esse desfecho permitiu fortalecer o entendimento sobre os princípios da articulação, do conflito e da co-construção, apresentados por Crook, (1998), no processo de aprendizagem colaborativa. Princípios de valor educativo, pautado na participação dos sujeitos, no compromisso ético consigo mesmo e com o outro, que ultrapassa a simples troca de saberes, mas a construção conjunta de uma trama de relações importantes para a formação do ser.

Desfecho para entender também que as tecnologias existentes na escola, como o computador e a internet podem ser mediadores culturais dos problemas emergidos nos processos de aprendizagem, situados na trilha da colaboração, do compartilhamento de idéias, valores, culturas, ampliando assim, as percepções do mundo, do outro e de si mesmo. Portanto, fomentar a interação dos sujeitos com diferentes meios de informação e comunicação é via para a humanização, no sentido de exercitar e compartilhar a palavra sob diferentes aportes e linguagens, favorecendo o desenvolvimento da percepção crítica, sobre a linguagem dos ambientes digitais e sua influência na vida social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até que ponto a experiência realizada, por meio da aprendizagem colaborativa, tomado como objeto nesta dissertação, poderá subsidiar a elaboração de novas experiências colaborativas por meio das TIC?

Para respondermos a esta indagação, organizamos a pesquisa com o objetivo principal de: *Analisar as contribuições que o projeto “Comunicar é aprender”, mediado pela internet, trouxe para a prática colaborativa, na construção do conhecimento.* Para alcançar tal objetivo, se procurou especificamente:

- *Identificar no projeto desenvolvido, as facilidades e dificuldades apontadas pelos professores e alunos no desenvolvimento das atividades;*
- *Analisar os fundamentos teóricos da aprendizagem colaborativa;*
- *Identificar na experiência, objeto desse estudo, elementos construtores da aprendizagem colaborativa;*
- *Analisar os processos de construção de conhecimentos e as metodologias utilizadas na prática docente.*

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um galo que apanhe esse grito e o lance a outro... É com esta metáfora, da poesia “Tecendo o amanhã”, de João Cabral de Melo Neto, que compartilhamos a tessitura do Projeto Colaborativo “Comunicar é aprender”, identificando as dificuldades e as facilidades, as bases teóricas que fundamentaram o Projeto, atentando para seus elementos construtores, bem como, para os processos de construção de conhecimentos e as metodologias utilizadas na prática docente mediadas pelas TIC.

O traçado dessas linhas procurou construir um percurso sobre a aprendizagem colaborativa identificando *até que ponto a experiência realizada por meio da aprendizagem colaborativa, tomado como objeto nesta dissertação, pode subsidiar na elaboração de novas experiências colaborativas por meio das TIC.*

As representações aqui trabalhadas sobre a aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC advêm de uma construção social, desenvolvida entre sujeitos sociais e

aplicada num determinado tempo e contexto, mas reconstruída nesta dissertação a partir da análise dos fundamentos da aprendizagem colaborativa, sob a luz da Filosofia da Linguagem, em Bakhtin e da Teoria Sociocultural, em Vygotsky. Reconstrução que nos possibilitou entender que a aprendizagem colaborativa está presente na construção histórica do homem; este se constitui, se educa, se transforma, desenvolve o pensamento e a linguagem à luz da colaboração, da participação, da interação, das trocas com seus pares e com os elementos socioculturais presentes no seu entorno, processos entremeados por outros, como o da articulação, do conflito e da co-construção, princípios educativos essenciais para o desenvolvimento sociocognitivo.

A trajetória e o mapeamento desta pesquisa, nos colocou diante de dificuldades metodológicas que exigiram um esforço maior para a construção de um exercício metodológico desenvolvido através da (re)construção, etapa por etapa, do Projeto Colaborativo “Comunicar é Aprender”, tecendo os nós que definiram sua elaboração, desenvolvimento e avaliação. Dessa experiência, destacamos situações que evidenciaram a concepção social da aprendizagem e o papel da colaboração, como metodologia para a aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC - a internet, as redes e os Ambientes Virtuais de Aprendizagem - engendrados nos processos interativos de construção da aprendizagem.

A análise dos processos de comunicação e aprendizagem mediados pelas TIC à luz dessa rota teórica e metodológica (re)contextualiza as situações do Projeto Colaborativo, desenvolvido por alunos e professores, no Projeto “Comunicar é aprender”, contribui para pensar e elaborar novas experiências e traçar caminhos para a pesquisa neste campo e atentar para a importância de sua análise como fundamento e reflexões para novos projetos colaborativos mediados pelas TIC, atendendo, portanto, ao questionamento central da pesquisa.

A compreensão do conjunto de possibilidades de aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC, e da complexidade teórico-metodológico que envolve este processo, ampliaram as reflexões sobre as facilidades e dificuldades identificadas, as dúvidas e certezas vivenciadas pelos sujeitos envolvidos no Projeto de aprendizagem colaborativa.

As facilidades e dificuldades encontradas na análise deste Projeto permitiram compreender no processo de colaboração dos sujeitos, na construção de uma prática de aprendizagem, um caminho para identificar, caracterizar e resolver estas dificuldades. Deixou claro que, não basta a soma das informações, a divisão das tarefas ou a proposição de um mero diálogo, ou qualquer atividade conjunta para que haja

aprendizagem colaborativa, mas sim, articular estratégias para desenvolver a colaboração nos sujeitos, envolvendo-os em contextos organizados e situados para tal fim. Desse modo, é preciso que os participantes conheçam os meandros do processo, o porquê e o para quê do que se vai realizar para que se apropriem das intenções, dos objetivos e dos processos. São estratégias para envolver os sujeitos na ação de criar conhecimentos compartilhados pela via do compromisso social, da participação, da interação e do respeito às idéias e às opiniões dos participantes.

Esse enfoque nos permite afirmar que a aprendizagem colaborativa é proveniente dessa estratégia colaborativa dos sujeitos. Logo, se situa como metodologia de aprendizagem em grupo, norteada pelos processos já explicitados. O movimento de colaboração e os processos que o envolve possibilita a construção conjunta do conhecimento. Dinâmico, fluido e dialógico, a ação colaborativa é movimento importante para a aprendizagem, pois propicia o desenvolvimento da ZDP, a formação de conceitos e concomitantemente, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento.

Assim, após a análise do Projeto, concluímos que:

a) É necessária a tomada de consciência por parte da escola para o uso das TIC, como a internet, para a comunicação, a troca de saberes, o exercício da palavra e do pensamento, e assim, usar as TIC com fundamento, com sentido para a construção social e cultural do conhecimento.

b) A importância da intervenção consciente e proposital do professor para o ato de ensinar e aprender, também para utilizar a mediação de elementos culturais, como ferramentas, tecnologias, linguagens e signos para estimular o desenvolvimento da ZDP e assim, potencializar a aprendizagem.

c) O trabalho colaborativo torna-se fator determinante para a aprendizagem colaborativa e para o desenvolvimento cognitivo porque potencializa o aprender pela ajuda e intervenção do outro, no qual o mais experiente ajuda o menos experiente, professor e aluno ensina e aprende.

d) Ao tecer as linhas e nós do Projeto “Comunicar é aprender”, emergiu também, as fragilidades nas rotas da comunicação virtual, precisamente na rota da interatividade na mediação das TIC no processo de construção da aprendizagem colaborativa. As coordenadas para o processo estavam presentes, os sujeitos, o ambiente, a problematização, o interesse e o compromisso do grupo, porém faltou a mediação dos professores para articular o processo de troca, mediado pelo ambiente virtual e dele

emergir o confronto, o conflito e a co-construção, processos norteadores para a aprendizagem colaborativa.

e) A interação entre os professores foi uma preparação em serviço para o uso das TIC nos processos educativos, construída desde o planejamento do Projeto. A interação nesta etapa do Projeto proporcionou reflexões em conjunto, o desenvolvimento cognitivo, como também o desenvolvimento ético e social. Assim, a troca entre contextos diferentes permitiu inscrevê-los em uma história sociocultural emergente, a da troca, da solidariedade, da responsabilidade e da tolerância. Esta troca possibilitou também o desenvolvimento de processos de aprendizagem colaborativa nas relações estabelecidas entre os alunos, tanto entre os alunos do mesmo grupo (intragrupo) quanto de um grupo com outro (intergrupo) e entre os alunos com os professores e entre os professores.

f) O processo de troca e de colaboração não foi suficiente para articular uma dinâmica efetiva de aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC, conforme os princípios teóricos da mesma, principalmente, quanto à interatividade. Identificamos a necessidade por parte da equipe, em ampliar o domínio de elementos teóricos e práticos que articulados possibilitem e fortaleçam as análises dos resultados do Projeto “Comunicar é aprender”.

g) A noção de espaço e tempo muda quando os mediadores culturais das práticas educativas são as TIC. Com elas o espaço de trabalho do professor e dos alunos não se limita ao ambiente da sala de aula, mas a outros ambientes reais que se conectam aos virtuais. Nestes últimos, podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo, sem deslocamento físico, somente mental, para acompanharmos com consciência a demanda de trabalho em cada ambiente.

h) Num projeto colaborativo mediado pelas TIC, a produção do trabalho dos professores se estende para além da sala de aula porque eles precisam dar conta da demanda de continuar, por exemplo, planejando as atividades, a partir do que vai surgindo na comunicação entre os alunos e ainda, interagir no(s) ambiente(s) virtual(is) para dar respostas as reflexões dos alunos, respostas que requer uma produção intelectual do professor muito maior daquela empreendida na sala de aula presencial quando as intervenções na maioria das vezes se faz para o coletivo vivenciadas no tempo determinado para tal.

Nos ambientes virtuais apesar do coletivo estar presente, todos podem potencialmente participar do processo de comunicação, engendra nessa perspectiva

dialógica que se direcione o olhar para quem está emitindo a mensagem. O emissor precisa de uma resposta para continuar no debate, ele precisa saber que os significados da sua palavra foram valorizados na tessitura do coletivo para continuar ativo no processo. Contexto que corrobora com a polifonia e a dialogia enfatizadas por Bakhtin.

Nessa perspectiva, o professor empreende um esforço intelectual muito grande para responder e orientar as diferentes vozes, cada uma com significados particulares que denunciam a sua história, a sua cultura. Empreendimento imbricado numa temporalidade em duas dimensões, uma demarcada cronologicamente, em horas e minutos e a outra, pelo tempo vivido, o da experiência colaborativa, demarcado pela troca de saberes.

A vivência de ambas as dimensões de tempo mediando a aprendizagem colaborativa via internet implica na alteração no ritmo de trabalho do professor, seja comprimindo a vivência das demais atividades para acomodar a da aprendizagem colaborativa ou ampliando o turno de trabalho para poder dar conta do que já faz parte da sua rotina e ainda tecer a rede de significados colaborativa.

g) Atentar que as questões técnicas que poderão surgir requer o olhar de um profissional especializado, nesses tipos de problemas, como um Técnico em Informática. O acompanhamento desse profissional nas escolas, especialmente, nas públicas, é tão necessário quanto à inserção das tecnologias e a preparação da escola e em especial, do professor para uma prática consciente, a partir das possibilidades das TIC e do seu papel como mediador pedagógico. É importante que este profissional no lócus da escola priorize os problemas surgidos nas Salas de Informática porque nestas salas de aula, o fazer pedagógico e a metodologia a ser desenvolvida dependem da funcionalidade dos equipamentos. Prioridade importante, mas que faltou ao técnico da N.E., para além do empreendimento momentâneo, uma vez que a descoberta e solução do problema aconteceram uma semana depois. Houve a preocupação, mas não houve o envolvimento conforme a necessidade.

Entendemos, portanto, que as reflexões, as considerações e as conclusões tecidas a partir do Projeto Colaborativo “Comunicar é aprender”, não são argumentos para finalizar uma rota, o da aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC, mas ao contrário, o de abertura para novas rotas, que avaliem as considerações, os argumentos e as conclusões, aqui tomados como caminhos para a reflexão e o planejamento de novos projetos colaborativos. Haja vista, que um galo sozinho, não tece uma manhã...

lançamos a outros, reflexões para novas rotas de ações criativas para tecer o amanhã, o das experiências de aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC.

Finalmente, esperamos que o nosso esforço no sentido de contribuir para a compreensão do processo de aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC tenha alcançado os objetivos propostos. Entendemos que é pelo compartilhamento dos avanços, dos equívocos, dos limites e das possibilidades, que reflexões emergem para contextualizar ou recontextualizar outras práticas que tenham na sua essência, a aprendizagem colaborativa. Assim, para que a escola possa vivenciar o processo de colaboração para estimular a aprendizagem colaborativa mediada pelas TIC é importante atentar para:

- uma organização pedagógica, de abordagem teórico-metodológico, para pontuar, por exemplo, um marco conceitual que acomode o desenvolvimento sociocultural dos sujeitos envolvidos;
- que desmistifique o conceito de aprendizagem colaborativa, como a soma do resultado de um trabalho de grupo;
- que considere o meio físico e social para a articulação de pensamentos e linguagens, construídos e apresentados coletivamente,
- atentar para a utilização das TIC, como espaço potencializador da aprendizagem colaborativa; considerando a lógica de produção e comunicação nos seus ambientes;
- que atente para o exercício de um currículo aberto, que não engesse o tempo de estudo e que permita o adentramento de abordagens transdisciplinares;
- que considere também, a preparação do professor para problematizar nos diferentes espaços e linguagens.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. A construção compartilhada de significados em projetos de Educação Distância. In: **Formação de educadores a distância e integração das mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

ALMENARA, Julio Cabero. “Princípios pedagógicos, psicológicos y sociológicos del trabajo colaborativo: su proyección en la telenseñanza”. In: SÁNCHEZ, Francisco Martinez (compilador). **Redes de comunicación en la enseñanza**: las nuevas perspectivas del trabajo corporativo. Espana: Paidós Ibérica, S.A., 2003.

ALVES, Lynn. “Do discurso à prática: uma experiência com uma comunidade de aprendizagem”. In: ALVES, Lynn e NOVA, Cristiane. **Educação e tecnologias**: trilhando caminhos. Salvador: Editora da UNEB, 2003. p.124-145.

ARAGÃO, Claudia Regina Dantas. A interatividade na prática pedagógica online: relato de uma experiência. **Revista da FAEBA: Educação e contemporaneidade**, Salvador: UNEB, v. 13, n. 22, jul./dez., 2004 – 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BEZERRA, Paulo. “Polifonia”. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: Conceitos-chave. 4 ed. – São Paulo: Contexto, 2007.

CALLEGARO, Tânia. **Projetos colaborativos**: utopias, contextualização e proposta. In: NEXUS. PP. Universidade Anhembi Morumbi/SP, maio/2001.

CAMPOS, Fernanda C. A. et. al. **Cooperação e aprendizagem on-line**. Rio de Janeiro: DP7A, 2003.

CARVALHO, Tereza Simone Santos de. **O computador na Educação**, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 3 ed.. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CERVERA, Mercè Gisbert; MOYA, Robert Rallo. “Las herramientas para el trabajo cooperativo en red”. In: SÁNCHEZ, Francisco Martinez. **Redes de comunicación en la enseñanza**: las nuevas perspectivas del trabajo corporativo. Espana: Paidós Ibérica, S.A., 2003.

CHAVES, Maria Cecília dos Santos. **Interatividade e colaboração na educação on-line**: utilização de vídeo e ferramentas síncronas, 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2002.

CONCEIÇÃO, Sheilla Silva da. **Informática na Educação**: o Programa de Informatização na Rede Pública de Ensino (ProInfo) – o caso das Escolas da Rede Estadual de Ensino/Aracaju. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2008.

CORTELLA. Mário Sergio. Humanidade, cultura e conhecimento – o que significa ser humano? In: **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 1998. p. 21-53.

COX, Kenia Kodel. **A Informática na Educação Escolar Pública de Aracaju**: formação e prática de professores multiplicadores do PROINFO, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2000.

CROOK, Charles. **Ordenadores y aprendizaje colaborativo**. Traducción de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata, 1998.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Novas Tecnologias no cotidiano da escola**. Caxambu, MG: ANPED, 2000.

ESPINOSA, Maria Paz Prendes. “Aprendemos... cooperando o colaborando? Lãs claves do método”. In: SÁNCHEZ, Francisco Martinez (compilador). **Redes de comunicación en la enseñanza**: las nuevas perspectivas del trabajo corporativo. Espana: Paidós Ibérica, S.A., 2003. p. 93-128.

GAMBOA, Silvio Sánchez. “Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica”. In. SANTOS FILHO, J. C. dos e GAMBOA, Silvio Sánchez (Org). **Pesquisa Educacional**: quantidade-qualidade. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 84-108.

GOMEZ, Margarita Victoria. **Educação em rede**: uma visão emancipadora. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.

IBÁÑEZ, Jesús Salinas. “El diseño de procesos de aprendizaje cooperativo em situaciones virtuales”. In: SÁNCHEZ, Francisco Martinez (compilador). **Redes de comunicación en la enseñanza**: las nuevas perspectivas del trabajo corporativo. España: Paidós, 2003. p. 157-182.

JESUS, Jadson Tavares de. **O Programa de Informática na Educação**: uma experiência de capacitação de professores em Aracaju. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas: Papirus, 2003.

LAROUSSE CULTURAL. **Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Cultural, 1992.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Loyola, 1993.

_____. Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIMA, Maria de Fátima Monte. **O Fio de Esperança:** políticas públicas de educação e tecnologias da informação e comunicação. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

LION, Carina Gabriela. “Mitos e realidades na Tecnologia Educacional”. In: LITWIN, Edith (org). **Tecnologia Educacional:** política, histórias e propostas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997. p. 26-36.

LUKIANCHUKI, Cláudia. **Dialogismo:** a linguagem verbal como exercício do social. Disponível em <http://www.cefetsp.br/sinergia/claudia2.html>. Acessado em 29 fev 2008.

MAÇADA, Débora Laurino; TIJIBOY, Ana Vilma. **Aprendizagem Cooperativa em Ambientes Telemáticos.** Disponível em <http://www.niee.ufrgs.br/ribie98/TRABALHOS/274.PDF>. Acessado em 01 out 2007.

MAGNAVITA, Claudia. “Educação a distância”: desafios pedagógicos. In: LYNN, Alves; NOVA, Cristiane (Org). **Educação e tecnologia:** trilhando caminhos. Salvador: Editora da UNEB, 2003. p. 54-60.

MALHEIROS, Neusa Nunes. **A inserção das Tecnologias na Política de Educação:** um estudo dos Laboratórios de Informática Educativa, nas escolas da Rede Municipal de Aracaju. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2005.

MARTINS, Lígia Marcia. **A formação social do professor:** um enfoque vigotskiano. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2007.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente.** Campinas, S.P.: Papirus, 1997.

_____. Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

OKADA, Alexandra Lilavati Pereira. “Desafio para EAD: como fazer emergir a colaboração e cooperação em ambientes virtuais de aprendizagem?” In: SILVA, Marco (Org). **Educação online**: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 273-292.

PRADO, Maria Elisabette B. B. e ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de. “Estratégias em educação a distância: a plasticidade na prática pedagógica do professor”. In: VALENTE, José Armando e ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de (Orgs). **Formação de educadores a distância e integração das mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007. p. 67-81.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RAMAL, Andréa Cecília. “A hipertextualidade como ambiente de construção de novas identidades docentes”. In: ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane (Orgs.). **Educação e tecnologia**: trilhando caminhos. Salvador: UNEB, 2003. p. 247-262.

_____. Andréa Cecília. **Ler e escrever na cultura digital**. Revista Conect. Ed. 4^a RJ. 2003. Disponível em <http://www.revistaconecta.com/>. Acessado em 02 mar 2008.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. “Ambientes virtuais de aprendizagem”: problematizando práticas curriculares. In: LYNN, Alves; NOVA, Cristiane (Org). **Educação e tecnologia**: trilhando caminhos. Salvador: Editora da UNEB, 2003. p. 146-157.

_____. Santos. “Articulação de saberes na EAD online: por uma rede interdisciplinar e interativa de conhecimentos em ambientes virtuais de aprendizagem”. In: SILVA, Marco (Org.). **Educação online**: teorias, práticas, legislação e formação corporativa. São Paulo, 2003. p. 217-230.

SILVA, Marco; DIAS, Sandra Silva. Dialógica e interatividade em educação on-line. **Revista da FAEBA: educação e contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n. 23, p. 169-180, jan./jun., 2005.

_____. Marco. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 4 ed, 2006.

VARELA, Aínda. **Informação e autonomia: a mediação segundo Feuerstein**. São Paulo: Editora Senac, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. Lev Semyonovich **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5 ed.. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WOLTON, Dominique. **Internet e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ANEXOS

A – Esboço do Projeto “Comunicar é aprender”

B – Quadro dos e-mails dos alunos

C- Texto sobre histórico da Nossa Escola

D – Texto “Que significa ser uma pessoa verdadeiramente moral?”

E – Mensagens – O que você entende por violência?

F - Mensagens – O que é cooperar?

G – Mensagens – A cooperação ajuda a diminuir a violência?

H – Texto Avaliação do projeto pelos alunos

I – Relatório da Professora Suzi Garçon

J - Relatório da Professora Solange Villas Boas

Projeto “Comunicar é aprender”

I Apresentação

A dinâmica da comunicação na contemporaneidade exalta a necessidade de meios de comunicação digitais por apresentar características similares às necessárias no cotidiano. Portanto, informações simultâneas dos acontecimentos do mundo, de diversas culturas, expressividade de cada um e de todos nos manifestos populares, políticos, culturais e acadêmicos, revelam o poder de participação de todos que são usuários dessa aldeia global, a internet. É primando por esses significados de concepções de mundo, de vida e de sentimentos que surgiu o interesse dos professores de geografia (Nossa Escola) e de português (Colégio Estadual Governador Albano Franco) de possibilitar a participação dos alunos das 5^{as} (Nossa Escola) e 5^{as} séries (Colégio Estadual Governador Albano Franco) dessa aldeia trabalhando colaborativamente, como diz Tânia Callegaro³¹

“Os projetos colaborativos via internet podem ser entendidos como um movimento de significação que ocorre entre diferentes pessoas que se reúnem em função de um projeto comum, de uma ligação (em) comum. A colaboração tem a ver com a interatividade, com as trocas que ocorrem entre todos, num ambiente democrático que propicia o exercício do diálogo e a construção do conhecimento”.

É nessa perspectiva de construção coletiva e dialógica que trabalharemos as tics - tecnologias da informação e comunicação, bem como a percepção de seu impacto na sociedade.

II Objetivos

- Criar espaços virtuais de aprendizagem através da internet;
- Estimular a comunicação virtual e imagética;
- Desenvolver a autonomia de expressar sentimentos, valores e opiniões;
- Criar um espaço para confrontar sua opinião com a dos parceiros;
- Perceber a contribuição dos meios de comunicação virtuais na sociedade contemporânea;

Perceber a contribuição do outro na construção do conhecimento;

Conhecer as realidades do bairro, da escola e da vida dos grupos parceiros;

III Caracterizando os ambientes de aprendizagem informatizados

Nossa Escola

É composto por um servidor, 18 estações com acesso a internet via rádio, duas impressoras e um scanner.

Colégio Estadual Governador Albano Franco

É composto por um servidor, 10 estações, sendo que 8 com acesso a internet via rádio e uma impressora.

IV Detalhando a proposta

A comunicação acontecerá de forma síncrona, ou seja, em tempo real, através de chat e assíncrona, em um tempo não instantâneo através do correio eletrônico entre os alunos da 5ª série da Nossa Escola, da rede particular, orientados inicialmente pelas professoras Conceição Linhares, mediadora da sala de informática e Suzi, de geografia e os alunos da 5ª série, do Colégio Estadual Governador Albano Franco, da rede pública, orientados pelas professoras Solange, de português e Suzi, mediadora da sala de informática.

Posteriormente, solicitaremos a mediação de outras áreas do conhecimento, conforme a necessidade, que poderá acontecer em diversos ambientes de aprendizagem como a sala de aula, a biblioteca, o auditório, a sala de informática etc. Esta última, com mais frequência devido à necessidade do uso do computador com acesso a internet para efetivar a comunicação. Os demais poderão ser utilizados conforme a necessidade e possibilidades que cada um oferece para o desenvolvimento de atividades diversas como discussão, pesquisa, palestra, reunião, planejamento, ensaio etc. Ainda quanto ao uso da sala de informática acontecerá de forma sistematizada porque requer um agendamento por um professor que acompanhará a turma na perspectiva de articulador da proposta nos viés da interação, da produção e da pesquisa.

No primeiro momento, apresentaremos a proposta aos alunos enfocando a importância da comunicação na vida das pessoas e a metodologia empregada para efetivar o

trabalho. Discorreremos também sobre a importância do compromisso de responder as mensagens recebidas valorizando a fala do outro, de falar ou mostrar para o grupo e professores para que haja a atualização de todos, nas discussões das partes, como também de enviar uma cópia de todas as mensagens a serem enviadas para os professores orientadores. Esse compromisso possibilita aos professores perceber os caminhos que deverão ser tomados para impulsionar e solidificar as discussões.

No segundo momento, organizaremos os alunos em duplas de trabalho. Cada dupla será orientada para preencher o cadastro do correio eletrônico do portal bol; www.bol.com.br, por ser gratuito e de fácil manuseio, que será utilizado na comunicação. Será um e-mail para a dupla. Sugeriremos que usem a junção dos primeiros nomes para criar o e-mail. Em seguida, listaremos as duplas e seus respectivos e-mails para serem enviados para a escola parceira. Após termos recebidos a lista contendo os nomes das duplas e a conta de seu correio eletrônico, formaremos as duplas. Cada dupla de uma escola se corresponderá com uma dupla da escola parceira. Após essa organização, iniciaremos a proposta colaborativa de comunicação entre os alunos seguindo as etapas abaixo:

1ª Etapa: auto-apresentação

Nesta etapa, os alunos se apresentarão falando de suas perspectivas, nomes, idades, onde moram, do que gostam de fazer e do que não gostam. Será um momento de se autoconhecerem para um começo de relações sociais cercada pela cooperação, respeito e interesses em comum. A partir daí, o conteúdo da comunicação não será sistematizado. Os alunos poderão falar sobre as mensagens recebidas, as suas vidas; os acontecimentos importantes na escola, na cidade; as músicas e os cantores preferidos etc. Enfim, será delineada pelos seus interesses.

Essa atividade será feita no programa de editor de textos Word, tendo uma formatação e layout livres, caracterizados pela criatividade dos alunos. Nesse feito, podem ser inseridas fotos das duplas, de seus cantores prediletos, uma poesia que apreciem, uma música etc. Elas serão arquivadas em pastas específicas para o projeto.

Concluídas as apresentações e vistas pelos professores, os alunos as enviarão para os seus parceiros usando correio eletrônico.

Quanto a nós professores, ficaremos atentos às mensagens e comentários para percebermos o interesse em comum com vistas à segunda etapa.

2ª Etapa: Pesquisa

Ao encontrarmos o ponto norteador dos interesses, ou seja, o objeto de estudo, começaremos a mediação propondo situações problematizadoras que garantam o envolvimento de todos e favoreçam a reflexão sobre o mesmo ou que possam conhecer com mais profundidade o tema em questão. Nessa etapa, o objeto da comunicação, portanto de estudo, será sobre o tema de estudo em discussão. Dessa forma, os alunos compartilharão opiniões, informações e sentimentos. Nessa etapa, os alunos pesquisarão o tema de estudo através da internet, fontes bibliográficas e outras orientadas pelas escolas. Decidirão também sobre a produção de um produto em comum como um site, uma apresentação no PowerPoint, uma revista, uma campanha informativa, oficina, peça teatral, enfim algo que norteie as aprendizagens efetivadas pelos grupos parceiros. Os meios de comunicação utilizados além do correio eletrônico, serão a lista de discussão e chat para debates, comentários e reflexões sobre a pesquisa.

3ª Etapa: Produção

Aqui os alunos organizarão os dados da pesquisa para a produção do produto final. Nesse planejamento, decidirão o roteiro do trabalho, dividindo tarefas e responsabilidades. Mesmo tendo tarefas divididas é importante que recorram aos parceiros virtuais solicitando ajuda, se necessário, opiniões e sugestões na elaboração das partes do trabalho. Todos devem compactuar e atentar para a elaboração das partes, prevendo a harmonização do todo. Nessa etapa, elegeremos um coordenador de cada escola para gerir a organização dos grupos e suas respectivas tarefas.

Para a produção do(s) produto(s) final(ais) os alunos poderão utilizar programas e recursos computacionais diversos: Word como editor de texto, Excel como editor de planilhas eletrônicas, PowerPoint como editor multimídia, FrontPage como editor de páginas para internet, Paint como editor gráfico etc.

4ª Etapa: Culminância

Acontecerá nas respectivas escolas em dois encontros presenciais. Um em cada escola para a apresentação do resultado final a todos que fazem a comunidade escolar.

Quadro dos e-mails dos alunos

Nomes e e-mails dos alunos

<i>Alunos Albano Franco</i>	<i>Alunos Nossa Escola</i>	
Rafael e Luis luisfael@bol.com.br	Rafael e Gabriel Veras skatebois@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Kevelly e Sâmara kevesamara@bol.com.br	Gabriel e Marcelo gabrielsmarcelos@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Vinícius e Romualdo romunicius@bol.com.br	Bruno e Guido brunovascoxguidoflamengo@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Jéferson e Gilmar gilfersom@bol.com.br	Rodrigo e Artur arturodrigops@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Mariana e Silvani silvaniemariana@bol.com.br	Alissom e Heitor heitoralisson@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Ariana e Erica arierika@bol.com.br	Melina e Raissa melrai2004@yahoo.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Mateus e Felipe matefelipe@bol.com.br	Bráulio e Yuri yuri_braulio@yahoo.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Alexandro e Ítalo itasandro@bol.com.br	Diogo e João Paulo dragao11@zipmail.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Grasiele e Mariana Grasimari2004@yahoo.com.br	Juliana A. e Juliana V. julianasva@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Raiane e Amanda amandaray2004@bol.com.br	Isabela e Lua iluaisa@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Ana Maria e Paloma mariaepaloma@bol.com.br	Fernanda, Aline e Piero kprak@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Mateus e Felipe matefelipe@bol.com.br	Pedro Azevedo e Gabriel Peu.gabi@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Ademir e Silvânio mirvanio@bol.com.br	Andréa e Mariana andreaemariana@yahoo.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Ronisson e Jonas Jonas_ronison@yahoo.com.br	João Paulo e Marlon dragao.ninja@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br

Dayane e Clarissa dayane_clarissa@yahoo.com.br	Pedro e Vitor pedrovitor2004@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Joalison e Erik joerick2004@bol.com.br	Adolfo e Leonardo adolfo_leo@yahoo.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Talita e Jéssica taliJessica@bol.com.br	Manuela e Jéssica e Bruna manuelajessica@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Rafaela e Amanda rafaela.amanda@bol.com.br	Rafaela e Leonardo rafaelaleonardo2004@yahoo.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Raquel e Josefa raquefa2004@yahoo.com.br	Marcela e Moana moanaemarcela@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Thaysa e Liliam thaslaine@bol.com.br	Pc e Vitor pcvitor@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Carlos e Fernanda cafernanda2004@yahoo.com.br	Henrique e Luiz lurique2000@yahoo.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Renilde e Vanessa ranynessa@bol.com.br	Isadora e Isabella e Lucas Isaiza23@yahoo.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br
Tatiane e Suyane suytate@bol.com.br	Andressa e Jéssica andressamimi@bol.com.br	Suzi e Conceição suziconceicao@yahoo.com.br

TEXTO SOBRE HISTÓRICO DA NOSSA ESCOLA

Nossa Escola foi fundada em fevereiro de 1990.

Duas amigas, Edmê Cristina e Aglacy Mary reencontraram-se e, após um ano e meio de estudos, análises e definições acerca da linha metodológica a ser adotada, anunciaram o nascimento da Nossa Escola.

Seu primeiro prédio localizava-se na Av. Gonçalo Prado Rollemberg, 392 – bairro São José. Era uma casa agradável que, a partir dos objetivos pedagógicos traçados, foi cuidadosamente preparada para receber os seus primeiros 30 alunos da Educação Infantil. A partir daí, a cada ano, foi inicializado mais um estágio.

Tendo nascido madura em seu propósito, Nossa Escola já sabia que público atingiria; portanto, sua divulgação foi acontecendo e envolvendo fundamentalmente profissionais da educação do Ensino Superior, além de outros profissionais preocupados com o desenvolvimento integral da criança. Em pouco tempo, estávamos recebendo visitas desses profissionais, que vinham conhecer de perto nosso espaço e a nossa proposta metodológica. Seduzidos pelo nosso projeto, tornaram-se parceiros importantes, agentes multiplicadores de nossas idéias.

Desde a fundação, trabalhamos com a metodologia de Projetos de Trabalho e começamos também a oferecer a opção pelo horário integral. A criança que optava por esse horário, tinha, no turno da tarde, acompanhamento dos deveres de casa além das atividades da nossa Oficina de Arte, o que acontecia após o almoço e atividades de relaxamento. Na Oficina, eram desenvolvidas atividades plásticas, de teatro, de horticultura, de culinária, cuidados com os animais, entre outras.

Recebemos, no segundo ano de funcionamento, nosso primeiro aluno que requeria uma atenção diferenciada. Era uma criança com deficiência mental, que trouxe a todos nós, professores e alunos, a possibilidade de nos tornar mais competentes sabendo lidar com as diferenças, próprias do mundo em que vivemos. Quanto a esse trabalho de inclusão, nosso desafio atual é o de aprimorarmos nossa abordagem e nossos recursos pedagógicos para atender cada vez melhor a essa clientela.

Após três anos, o número de alunos, a procura para reserva de vagas determinaram a busca de um espaço físico próprio, que foi nascendo junto com as plantas, os jardins, que são uma marca registrada da Nossa Escola. Enquanto os

pedreiros uniam tijolos, o jardineiro plantava mudas... e Leonardo Alencar talhava a madeira para gerar painéis encantadores a todos os olhos.

A mudança para o bairro Coroa do Meio revolucionou o ambiente educacional na cidade. A compra de um terreno em uma área cuja vizinhança era quase que unicamente o Shopping Riomar levanta diversos comentários, traz a perplexidade de quem, por uma visão limitada, imaginava que não haveria clientela para “aquele fim de mundo”.

Logo após a mudança, novas visitas. Era a população querendo conhecer de perto aquela ousadia quase à beira d’água.

Estávamos em 1993, e já contávamos com os nossos primeiros alunos do Ensino Fundamental, que a Unidade I abrigou até a nossa primeira turma de 4^a série. Novamente o espaço torna-se pequeno e surge, em 1997, o imponente prédio da Unidade II, também na Coroa do Meio, que hoje atende às turmas do Ensino Fundamental e à nossa terceira turma do Ensino Médio.

Com o crescimento, ampliamos obviamente o quadro de professores, e a coordenação pedagógica, feita inicialmente apenas por Edmê e Aglacy, ganhou a parceria de coordenadores nascidos do corpo docente da escola.

É importante ressaltar que, nas duas unidades que compreendem a Nossa Escola, a filosofia é única. Nossa Escola considera o ser humano com vocação para a perfeição. Pensa na construção de uma racionalidade pura, que passa pelo conhecimento do mundo, conhecimento que determina, ao mesmo tempo, o auto-conhecimento. E esse é um caminho que requer a disciplina verdadeira, condutora da autonomia.

Texto - Que significa ser uma pessoa verdadeiramente moral?

É uma pergunta que nós educadores sempre nos fazemos. E a resposta que encontrei para isso é a seguinte: ser moral é ser capaz de prometer e cumprir; é ser capaz de se responsabilizar por suas escolhas e pela sua vida; é, por fim, ser judicioso, ou seja, capaz de julgar o que é certo e o que é errado com clareza e rejeitar firmemente o que considera ser o mal e cultivar com afincamento o que considera ser o bem.

Certo, mas quem é esse homem moral? Que cumpre o que promete, responsável e justo? Como se constrói isso?

Em primeiro lugar é o homem social que se constrói com o outro - porque é apenas com o outro que somos capazes de construir coisas importantes que dão sentido para as nossas vidas. Mas é também o homem que para se relacionar com o outro sabe bem que é necessário estabelecer contratos porque os contratos são próprios de pessoas que se respeitam, ou seja, que se tratam como iguais em direito, dever e poder. Para isso se faz necessário ter claro a sua tábua de valores. É essa tábua que irá guiar os nossos passos e as nossas ações a despeito das tentações e das facilidades que o mundo pode nos oferecer.

O que devemos colocar no topo de nossa tábua de valores? Vou sugerir e espero que os nossos leitores reflitam comigo sobre estas sugestões. Espero mais. Espero que também dêem sugestões. Eu colocaria no topo, o valor à vida. Vocês conseguem pensar em algo mais importante que isso? A vida é a origem de tudo que podemos vir a fazer, a ser, não é mesmo? Logo abaixo, eu colocaria a cooperação pelos motivos que eu já disse acima - é com o outro que somos capazes de construir coisas... Mas não é só por isso, com certeza. Na cooperação, aprendemos sobre os sentimentos do outro e sobre os nossos próprios sentimentos. Fica assim mais fácil a nossa relação com o outro e com nós mesmos, se optarmos por colocar o respeito no topo da nossa classificação. Eu torço, então, para que o respeito seja o valor seguinte, na nossa tábua de valores, o respeito pelos diferentes e pelos iguais, claro. Se é assim, podemos, em seguida, falar da não violência. E rejeitarmos, portanto, a violência em todos os sentidos: a violência mais explícita que é a física; a outra, não menos explícita, que é a violência praticada com as palavras que insultam, que ofendem, que humilham, que caluniam e também a violência produzida pela indiferença aos sentimentos e às necessidades do outro.

Eu vou parar por aqui, com as minhas sugestões. Acredito que há muito o que pensar sobre esses valores: valor à vida, cooperação e respeito ao outro e a si mesmo. Vou parar, mas por enquanto. Espero ter novas oportunidades para discutirmos sobre uma tábua de valores mais completa. Afinal, eu iniciei dizendo que é essa tábua que nos guia. É ela que possibilita ser o homem capaz de prometer e cumprir. É por nos apoiarmos nela que nos tornamos mais responsáveis, já que a produzimos com base em nós mesmos. É ela, então, que inspira os nossos julgamentos e nos torna mais coerentes e justos.

Mensagens - O que você entende por violência?

Rafaela

Eu entendo que violência não é só a violência física também existe a violência verbal, todas elas podem causar vários problemas.

Todos temos que tentar evitar a violência do nosso país.

Andressa e Jéssica

é um crime contra adultos e crianças, tipo abuso sexual, estupros, roubos, e abuso de força.

Manuela e Jéssica

Nós entendemos que é um ato cruel contra as crianças e as mulheres, uma injustiça com as pessoas do Brasil e de outros países. Como o assédio sexual, roubo, prostituição, etc.

Andréa e Mariana

São atos maldosos feitos contra pessoas, que podem prejudicar a saúde e às vezes a mente.

Pedro e Vitor

Violência é maldade, covardia, abuso, é uma arma ruim, mesmo para quem a usa, é perversidade, não serve para

nada, ou melhor, serve para o mal e para a destruição da razão.

A violência é o pior modo de se conseguir o que quer de alguém, pois esse alguém será danificado pelo resto de sua vida.

Pedro Azevedo e Gabriel

Existem três tipos de violência a sexual, física e verbal. Eu acho que a pior seria a sexual que mexeria com os sentimentos das pessoas para o resto da vida.

A violência é mais usada em bairros mais pobres ou em lugares de classe média é usada por quem tem pouco dinheiro para conquistá-lo.

PC e Carlos Victor

Eu entendo que a violência é um ato anti-social e sujo.

Isabela e Lua

Nós achamos que a violência é o ato de fazer mal ou sem opção de maltratar alguém. Violência não nos traz

alegria, e sim tristeza. A violência deve acabar, pois não traz paz mundial e sim guerra.

Hoje em dia a violência está presente no nosso dia-a-dia e especialmente nas grandes capitais como o Rio de

Janeiro. Acontece que para acabarmos com ela temos que cooperar.

Artur e Rodrigo

Dizemos não a violência!

Eu acho que violência é uma coisa muito ruim, ela pode ser verbal ou por ação, acho que é uma coisa que ninguém gosta e que todos tem que sempre está evitando.

Rafael e Gabriel Veras

A violência é uma coisa muito ruim para a sociedade, Muitas vezes ela ocorre nas casas, nas escolas e nas ruas. A violência é passada através do dia a dia com os pais, colegas e nas ruas. Nos ajude a acabar com ela!!!!!!!!!!!!

Bruno e Guido

É um ato cruel cometido por pessoas sem consciência

Melina e Raissa

NESSE MUNDO DE HOJE EM DIA ACONTECE VÁRIAS COISAS RUINS, ENTRE ELAS A VIOLÊNCIA QUE É A CAUSADORA DE MUITOS ESTRAGOS EXISTEM FATORES QUE CAUSAM A VIOLÊNCIA COMO:AS DROGAS,O ALCOOL, OS INALANTES EXISTEM VÁRIOS TIPOS DE CUIDADOS PARA EVITAR A VIOLÊNCIA. A VIOLÊNCIA PODE TRAZER VÁRIAS CONSEQUÊNCIAS,PODE LEVA R ATÉ A MORTE,ACABA COM A NOSSA ALTO-ESTIMA, E ETC. POR ISSO SEJA CALMO E SAIBA COMO A VIOLÊNCIA TE FAZ MUITO MAL.

Fernanda, Aline e Piero

Violência não é só aquela violência física,há também a violência verbal.Esses dois tipos de violência prejudicam a população.

Eu acho que as pessoas deveriam se conscientiza sobre esse assunto.

Gabriel e Marcelo

A violência e um assunto que incomoda muita gente emtão vou dizer o que sei sobre.aviolencia acontecem muitos lugares hoje a VIOLÊNCIA ta por aqui e temos que ser cautelozos por isso cuidado com a violência.

Juliana A e Juliana V

É uma agressão contra pessoas tanto física quanto verbal.


Geralmente as agressões são feitas fisicamente , acontecendo mais com crianças e adolescentes.

Renilde e Vanessa Fri, 5 Nov 2004 16:14:52 -0200

que ela não está para brincadeira e tá cada dia mais pior toda vida ela não esteve para brincadeira mas agora está pior.

ninguém pode ir pra rua porque pode pegar uma bala perdida

Dayane e Clarissa Wed, 3 Nov 2004 15:36:27

 *Eu entendi que a violência é muito ruim,e por causa disso muitas pessoas inocentes morrem eu não gosto de violência existem muitas pessoas que gostam de violência .*

Silvânio e Ademir Wed, 3 Nov 2004 16:28:59

A violência todos sabem que uma das piores coisas que existe no mundo, por causa dela muitas pessoas matam umas as outras, roubam, fazem muitas coisas erradas e etc.

Por causa dela o mundo está cada vez mais pior, então para combatermos ela temos que ajudar os que necessita, porque algumas pessoas roubam tendo certas necessidades ou como não tem emprego

Ítalo e Alexandro Wed, 3 Nov 2004 16:05:29

A VIOLÊNCIA PRA NOS é MUITO VIOLENTA.

Ana Maria e Paloma Wed, 3 Nov 2004 16:04:45

A violência para nois é uma coisa muito horrível.

Ariana e Érica Wed, 3 Nov 2004 15:49:27

nós entendemos que a violência está causando muito medo entre a população. para nós a violência são tragédias e, grandes prejuízos

Geferson e Gilmar Wed, 3 Nov 2004 15:42:37

Eu entendo que a violencia e um causada por uma raiva ou por uma briga com os parente e ai comesa a raiva é isso que eu entendo.

Mateus e Felipe Wed, 3 Nov 2004 15:39:07

A violencia é causada por tipos de mortes de brigas cchutes e assim e a violene assim é A violência

Kevelly e Sâmara Wed, 3 Nov 2004 15:36:49

nos entendemos que a violência é muito ruim porque nos corremos muito risco de vida.

Mensagens - O que é cooperar?

Julianasva 16/11/2004 - 08:34:26

Cooperação é quando as pessoas se unem para fazer algo.

Lua e Isa 16/11/2004 - 08:37:02

Cooperação é quando a pessoa ajuda a fazer um mundo melhor, através de boas ações.

Nós cooperamos e vc?

Tem pessoas que precisam mais de ajuda do que vc e então coopere e ajude os outros.

Quando vc coopera, vc se sente com o coração bom e aliviado de ter feito uma boa coisa.

Rafael e Gabriel Veras

Cooperação é ajudar em alguma coisa, de alguma maneira, ser solidário, ajudar as pessoas.

Fernanda, Aline e Piero 16/11/2004 - 08:39:31

Entendemos que cooperação é ajudar uns aos outros,ela nos ajuda a ter uma vida melhor.

Yuri e Bráulio 16/11/2004 - 08:42:19

COOPERAÇÃO É AJUDAR OS COLEGAS, E NÃO MACHUCÁ-LOS. ÀS VEZES VIRAM MARGINAIS POR CAUSA DE FALTA DE AMIGOS, PARA CONSOLÁ-LOS.

AJUDEM OS COLEGAS!!! POIS ISSO AJUDA OS OUTROS!!

Pedro e Vitor 16/11/2004 - 09:24:45

Cooperação é colaborar, ajudar, ser compreensivo; cooperar não custa nada, mas o custo da consequência da falta de cooperação é muito grande, a cooperação também recupera as pessoas do trauma que é a violência.

Adolfo e Leonardo 16/11/2004 - 09:27:28

Eu entendo que é um ato de ajudar o outro. vem da palavra cooperar, que é ajudar. Isso é, o que eu e Adolfo achamos de cooperação.

Rafaela e Leonardo 16/11/2004 - 09:29:48

Nós entendemos que a cooperação é uma coisa boa para se aplicar a sociedades. Porque a cooperação nos ajuda no dia-a-dia como: no trabalho, ajudar as pessoas necessitadas, participar de passeatas e etc.

Henrique e Luis 16/11/2004 - 09:41:20

Nós entendemos, que cooperação é uma coisa boa, pois todos têm que praticar, para ajudar a humanidade a viver melhor.

Manuela, Jéssica e Bruna 16/11/2004 - 09:42:46

Nós entendemos por cooperação que na nossa vida temos coisas que não podemos fazer sozinhos só com a ajuda de outras pessoas.

Isadora, Isabela 16/11/2004 - 09:43:21

Cooperação é você ajudar a quem precisa, tanto com bens materiais, quanto em momentos difíceis da vida de alguma pessoa 🤝🤝

Sabemos que a cooperação pode vim de qualquer pessoa, em qualquer momento. 😊



Afinal, todos nós já passamos por dificuldades e havíamos precisado de ajuda. Ajudando, podemos fazer um mundo melhor para todos, então ajude a quem precisa! 😊



Andressa e Jéssica 16/11/2004 - 09:43:47

Cooperação é ajudar as pessoas contra a violência.Ex:Colocando as pessoas que fazem a violência em cadeias e também de outras formas de cooperar.

Pedro Azevedo e Gabriel

A cooperação é importante para as pessoas pararem de pensar só em violência e que necessitam de drogas,armas de fogo etc.Uma pessoa no começo de sua vida tem que se prevenir para não se necessitar de algo que gere violência.Eu estou pensando que o presidente ou outro representante executivo implemente um apoio a bairros pobres ou classe média porque é nesses lugares que a violência é gerada com mais freqüência.

Pedro Azevedo e Gabriel 16/11/2004 - 09:45:37

A cooperação é importante porque ajuda as pessoas drogada por exemplo a parar de se drogar.Ela para de pensar essas coisas e pode acabar com essas violências tipo física ou

verbal. Eu acho que o presidente ou outro representante do poder executivo devia implementar.

Paulo César e José Vitor 16/11/2004 - 09:47:25

Cooperação é ajudar com prazer uma pessoa ou a muitas outras pessoas numa comunidade. (Paulo Cesar)

Para mim cooperação é quando uma pessoa ajuda o próximo com boa vontade e coração limpo, assim ajudamos a todos, tanto como a si mesmo. (José Vitor)

Jéferson e Gilmar 16/11/2004 - 14:39:19

Eu entendo que coopera é uma ajuda exemplo: é quando uma pessoa necessita de uma ajuda muito necessitada .

Vinicius e Romualdo 16/11/2004 - 14:43:28

Nos entendemos que cooperação é ajudar os outros para ter uma cidadania .

Kevelly e Sâmara 16/11/2004 - 14:48:59

é quando uma pessoa precisa de ajuda é se juntamos para a ajuda-lo isso é cooperar !

Mateus e Felipe 16/11/2004 - 14:55:10

nós entendemos que cooperação é ajudar uns aos outros formando uma cidadania.

Silvani e Mariana 16/11/2004 - 14:58:34

cooperação é uma forma de ajudar uma pessoa ,um exemplo de cooperação é quando alguém é vítima de algum caso de violência e outra pessoa tenta ajudar.

Araiana e Erica 16/11/2004 - 14:59:47

cooperar significa fazer algo para acabar com a violência,ou até mesmo ajudar alguém que está passando por esse problema,e etc.

Alexandro e Ítalo 16/11/2004 - 15:22:08

NOS ENTEDEMOS QUE COOPERACÃO É AJUDAR ÀS PESSOAS MAIS NECESITADAS DO NOSSO BAIRRO.

A COOPERACÃO AJUDA MUITAS PESSOAS QUE NÃO TEM EMPREGO NEM MORADIA.

Grasiele e Mariana 16/11/2004 - 15:29:06

nós entendemos que cooperação é uma coisa de cooperar com as pessoas que dizem uma cooperativa

Maria e Paloma 16/11/2004 - 15:29:22

Nos entendemos que cooperação é ajudar as pessoas que é precisada. Nos momentos mais difíceis da vida, que uma pessoa pode ter.

Ronisson e Jonas 16/11/2004 - 15:37:02

é juntar um com o outro isto é compartilhar com o outro.

Raiane e Amanda 16/11/2004 - 15:39:14

cooperação é ajudar as pessoas pois nem muitas pessoas gostam de cooperação, pode ser várias coisas como, quando você quer algo você tem que cooperar.

Thaysa e LÍlian Wed, 10 Nov 2004 08:49:41 -0200

A gente entende que cooperação é um modo que tem de se ajudar uns aos outros

Ex: ajudar no colégio no trabalho em casa e em cooperar até na violência.

Rafaela e Amanda 18/11/2004 - 14:59:46

o que eu entendo sobre cooperação eu acho que devemos ajudar na escolas na sala de aula e no bairro. a violência está de mais tem briga e morte etc.

Joalison e Erick 10 Nov 2004 08:49:41

O que você entende por cooperação?

cooperação para nós é ajudar as pessoas de uma forma de coração evitando a violência assassinato então cooperação é isso pra nós. espero que vocês gostem ok

Tatiane e Suyane 10 Nov 2004 08:49:41

eu entendo que cooperação é ajudar as pessoas do bairro.

Ademir e Silvânio 18/11/2004 - 15:24:44

Nós entendemos que cooperação é ajudar aos que necessitam, assim teremos um mundo melhor.

Exemplos de como cooperar: ajudar nossas mães nos trabalhos domésticos, ajudando um colega nos deveres da escola e etc.

Renilde e Vanessa 18/11/2004 - 15:29:32

eu entendo que não pode machucar o próximo e sim ajudar o próximo e principalmente amigos. eu também entendo que não podemos machucar o próximo.

Talita e Jéssica 18/11/2004 - 15:30:48

Para mim cooperação é cooperar com tudo que devemos fazer, assim nós devemos fazer o que nos achamos que é certo, e se nós soubermos que aquilo está errado não deixar guardado só pra nós e dizer o que nós achamos que é certo, é por que tem gente muito egoísta e querem toda a sabedoria para si mesmo. Bom para mim cooperação é isso e para você o que é cooperação?

Raquel e Josefa 18/11/2004 - 16:00:43

Cooperação para nós é ajudar como por ex. quando a professora passa um assunto no quadro para os alunos que ela erra nós devemos ajudar e não mandar porque todo mundo erra e errar é humano.

Dayane e Clarissa 18/11/2004 - 16:59:59

COOPERAÇÃO É AJUDAR AS PESSOAS QUE PRECISAM DE NOSSA AJUDA. MODOS DE AJUDAR QUANDO UMA PESSOA IDOSA NÃO CONSEGUE SE MOVIMENTAR VOCÊ DEVE AJUDÁ-LA E TEM MUITO MAIS MANEIRAS DE AJUDAR AS PESSOAS.

Carlos e Fernanda 18/11/2004 - 17:22:19



Nós entendemos que cooperação é um modo de ajudar os outros de modo que possamos ajudar as pessoas. Exemplo : 🍎 **Ajudar a professora na sala de aula fazendo com que os alunos façam silêncio na sala.**

Mensagens - A cooperação ajuda a diminuir a violência?

Pedro Azevedo 23 Nov 2004 08:26:42

Sim, porque com ela as pessoas se ajudam e ficam longe da violência.

Rafaela e Leonardo 23/11/2004 - 11:41:57

  Sim. Porque com ajuda de outras pessoas temos um poder maior para combater a violência, porque quanto maior o número de pessoas será maior a força da população para nos ajudar nesse grande mal que nos cerca que é a violência e assim poderemos ter uma vida tranqüila sem temer a violência.

Adolfo e Leonardo 23/11/2004 - 11:45:51

Marcela e Moana 23/11/2004 - 11:47:36

sim, quanto mais cooperação, menos violência, quanto menos cooperação, mais violência.

nós achamos que sim , porque as pessoas que ajudam os outros poderam diminuir a violência.

ex: quando nós doamos para: estituição ,eventos estarão ajudando as pessoas ter uma vida melhor.

ps:nós achamos isso muito importante.

Pedro e Vitor 23/11/2004 - 11:48:46

Sim, porque cura o trauma da violência que é o que deixa muitas pessoas violentas, nutre a amizade, o que também diminui a violência e acalma as pessoas.

Manuela, Jéssica e Bruna 23/11/2004 - 11:48:56

Sim, porque com a cooperação podemos fazer que as outras pessoas possam entender que a violência causa muitos danos.(Bruna).

Sim. Porque com a cooperação podemos ajudar a combater mais a violência.(Jéssica).

Sim, porque com a cooperação podemos ajudar a combater mais o crime, que é a violência, e ter mais segurança na nossa casa para que podemos ficar mais tranquilos, mais sossegados.(Manuela).

Isabela, Isadora e Lucas 23/11/2004 - 11:53:27

A cooperação ajuda a diminuir a violência porque quando cooperamos ajudamos as pessoas, nas suas dificuldades e assim, não geramos violência. Quando as pessoas passam dificuldades, elas geram mais violência porque praticam a violência para sobreviver. Podemos cooperar de várias formas: 1. Distribuindo comida 2. Roupa 3. Brinquedos 4. Ou apenas um pouco da nossa atenção e do nosso tempo. Não somente essas 4 coisas citadas acima, e sim de várias outras formas de evitar a violência cooperando.

Luis e Henrique 23/11/2004 - 11:53:58

Luiz: Sim, porque as pessoas que fazem algo por outra pessoa está ajudando a diminuir com a violência de alguma forma com a **cooperação** 😊.
 Henrique: Sim, porque se as pessoas cooperarem, a violência pode acabar de uma simples forma, **COOPERANDO**.

Mariana e Andréa 23/11/2004 - 11:56:09

Sim. Pois quando estamos desesperados pensamos em fazer violência, então as pessoas começam a cooperar e como resultado ganhamos um mundo bem melhor.

Sim. A violência é uma coisa que ocorre no Brasil e no mundo todo. Algumas pessoas participam na violência porque são necessitadas ou precisam de ajuda para viver melhor, mas também têm pessoas que precisam de alguém que cooperem com elas e ajudem elas nas horas que precisam, ou seja, têm pessoas que só participam da violência por quê não têm a cooperação dos outros. Então é assim que a cooperação ajuda na violência.

MARIANA OLIVEIRA ANDRADE

Andressa e Jéssica 23/11/2004 - 11:59:54

Cooperando podemos ajudar as pessoas a diminuir a violência e também ajudar essas pessoas a ajudarem outras pessoas. (Andressa e Jéssica).

Lua e Isabela 25 Nov 2004 09:30:17

Sim, ela ajuda a diminuir a violência porque cooperando vc ajuda várias pessoas a serem menos violentas.

Julianas 25 Nov 2004 09:28:37

Ajuda, porque a violência é falta de ajuda entre as pessoas e com a cooperação isso pode acabar ou diminuir.

Yuri e Bráulio 25 Nov 2004 08:26:11

A cooperação ajuda a diminuir a violência, pois a violência é simplesmente a falta de amigos, de pais bons que possam ajudar os filhos quando eles precisam de ajuda.

Rafael e Gabriel Veras 25 Nov 2004 09:22:50

Sim. Porque a ajuda nos ajuda a esquecer a violencia e a sermos menos violentos

Bruno e Guido 23 Nov 2004 08:26:42

Sim, pois podemos tirar as crianças da rua e dar uma chance a elas com projetos sociais e trabalhos voluntarios tirando elas do mundo do crime e das drogas

Artur e Rodrigo 25 Nov 2004 09:08:01






Achamos que ela diminui, porque se você ajuda uma pessoa que precisa, ela pode terminar deixando de lado a violência.

Carlos e Fernanda 2004 30 Nov 2004 16:38:23

A cooperação ajuda a diminuir a violência?

 **SIM** .  **Por que cooperando a Gente ajuda adiminuir**

a violência . 

Por exemplo : Ajudar a professora é cooperação .   **Não brigar com os alunos é um exemplo de não comtribuir com a violência** .   **OK!** 

Raquel e Josefa 30 Nov 2004 16:29:28

 **Sim**  porque a cooperação ajuda a diminuir a violência

Ajuda aos professores é uma cooperação

Talita e Jéssica 30 Nov 2004 17:19:33

Eu acho que sim e ao mesmo tempo que não porque mesmo que nós tentemos diminuir nunca vai acabar a violência. porque uns podem cooperar mas nunca todos ajudam, chances nós temos, mas não sabemos aproveitá-la.

Joalison e Erik 30 Nov 2004 17:01:08

sim, porque é um grupo de pessoas que não fazem as coisas para si mesma então isto prova que é um ato de ajuda as pessoas

Jonas e Ronisson 30 Nov 2004 16:00:14

sim, mas para diminuir a violência tem que cooperar uns com outros falando, conscientizando os colegas.

Maria e Paloma 30 Nov 2004 16:49:35

Sim, podemos cooperar ajudando as pessoas mais necessitadas. como não praticar a violência, e até mesmo falar com as outras pessoas para não praticar a violência. beijos de Paloma e Ana ok; Tchau

Ademir e Silvânio 30 Nov 2004 16:48:33

Sim, pois se cooperarmos diminuiremos muito a violência, ajudando aquelas pessoas que necessitam muito da nossa ajuda como : os drogados , os alcoólicos , os viciados e etc.

Amanda e Rayane 30 Nov 2004 16:47:38

sim nos ajudamos a cooperar ajudando uma pessoa que precisa ser ajudada como pessoas necessitadas pessoa drogadas pessoas viciadas .

Grasiele e Mariana 30 Nov 2004 15:28:02

Sim, porque com ela as pessoas se ajudam e ficam longe da violência

Kevelly e Samara 30 Nov 2004 16:27:32

sim. porque se ajudarmos a comunidade contra a violência ,se todos cooperar nós podemos acabar com a violência ,vamos sempre ajudar um ao outro.

Mateus e Felipe 30 Nov 2004 16:06:40

sim porque ajudando a tirar as pessoas carentes da rua os adolescentes não causaram violência.

Alexandro e Ítalo 30 Nov 2004 15:57:28

SIM PORQUE TIRANDO ÀS CRIANÇAS DAS RUAS E BOTANDO NA ESCOLA
PODE DIMINUIR A VIOLÊNCIA

Texto Avaliação do Projeto pelos alunos

Bom, eu achei muito interessante, pois aprendi um pouco como mexer no computador. Também gostei muito de me comunicar com outras pessoas que nem conhecia, debatendo os temas: violência e cooperação. Foram textos interessantes, difíceis e legais. Aprendi coisas diferentes, achei muito bom, porque usarei muito isso no futuro.

Ademir Almeida da C. Júnior – Albano Franco

O projeto comunicar é aprender foi muito interessante porque eu conheci a opinião dos outros e interagi com os medos, as felicidades dos alunos de outro colégio de uma classe baixa, mas que também são pessoas que tem sentimentos e que sofrem pelo medo das coisas que pode acontecer com elas. Elas convivem com drogados e pessoas que são violentas.

Gabriel Veras

***E**sse projeto foi legal, nós cooperamos e ajudamos, nós conhecemos a vida de outras pessoas, a violência com que elas lidam.*

Essas pessoas convivem muito mais do que nós com a violência, e a cooperação que nós vimos pode ajuda-los. Eles têm diferentes formas de viver da nossa, e temos que aceitar essa diferença para cooperar com eles.

Espero que eles também tenham gostado desse projeto, pois ajudou a todos verem que todos têm diferentes vidas.

Yuri, Bráulio e Heitor.

Nós gostamos do projeto porque ele nos ensinou várias coisas e também fez com que a gente pensasse em várias coisas como o respeito, a cooperação, etc...

Acho que aprendemos com as mensagens lidas sobre o projeto e as mensagens enviadas pelos alunos do colégio Albano Franco. Aprendemos muito sobre respeitar os outros e o próximo.

Artur e Rodrigo 5ª A

Nós gostamos desse projeto porque nós pudemos nos comunicar com outras pessoas. Nós achamos que discutimos tudo que precisava, como a violência e a cooperação. Lemos vários textos e aprendemos a nos comunicar com as pessoas. Gostamos também de mandar e-mail para eles.

MARCELO E PIERO.5^aA

Eu achei esse projeto bem legal. Eu aprendi várias coisas como cooperar, como diminuir com a violência através da cooperação e fiz mais amigos e etc.

BRUNO

Projeto comunicar é aprender

Avaliação
Avaliação

pontos =(
pontos =(

Eu acho que no aspecto de pontos negativos só nos aprofundar mais no mundo da violência que não nos atinge mas, e fluente no mundo dos nossos amigos virtuais que em breve conheceremos.

pontos =)
pontos =)

Nos comunicamos, conhecemos os nossos parceiros virtuais aprendemos cooperar um com o outro acabar com as diferenças sociais, de moradia, classe de dinheiro e etc..

NOS
COMUNICAMOS E

APRENDEMOS

GUIDO 5A

RELATÓRIO DA PROFESSORA SUZI GARÇAO

Esse projeto foi desenvolvido entre uma escola pública: Colégio Estadual Gov. Albano Franco e uma escola particular: Nossa Escola, que teve como objetivo principal despertar a utilização do computador como uma nova ferramenta de comunicação entre as pessoas.

Ao mesmo tempo lecionava na escola particular e na escola pública, onde acompanhei o desenvolvimento dos alunos das duas escolas. Na escola particular percebi durante a aplicação do projeto vários fatores como:

- **Todos os alunos já conheciam o computador, já sabiam manuseá-lo;**
- **Os alunos cumpriam com as etapas do projeto com maior rapidez e facilidade;**
- **Os alunos mostraram interesse e curiosidade pelas amizades virtuais que estavam fazendo;**
- **Alguns mostraram pouco interesse pelo projeto, não levando a sério as atividades que eram propostas;**

Já na escola pública os fatores que mais se destacaram foram:

- **A falta de conhecimento sobre o computador;**
- **A maioria dos alunos nunca tinham visto um computador;**
- **Os alunos cumpriam as etapas do projeto como maior duração de tempo e com muita dificuldade;**
- **Os alunos ficavam maravilhados em se comunicar com pessoas que eles não conheciam pessoalmente;**
- **Todos mostraram muito interesse e ansiedade para o cumprimento das atividades propostas;**

No final do projeto, os alunos da escola pública foram conhecer os alunos da escola particular através de uma visita na Nossa Escola, onde os alunos do Albano foram recebidos e apresentados a escola em que estudavam seus amigos virtuais. Infelizmente não conseguimos levar os alunos da Nossa Escola ao Bairro Santa Maria, devido a alguns obstáculos impostos pela sociedade dita desigualmente civilizada.

Portanto, foi um projeto muito bem sucedido que geraram frutos principalmente na escola pública que infelizmente não podemos dar continuidade no ano posterior devido ao roubo dos computadores que sucedeu no colégio Albano Franco. Mas até hoje, os alunos que fizeram parte desse projeto lembram da experiência e do conhecimento que aprenderam no projeto Comunicar é Aprender.

PROF^a.: ELVIRA SUZI DOS S. B. GARÇÃO

RELATÓRIO DA PROFESSORA SOLANGE VILLAS BOAS

O projeto foi uma ótima ação desenvolvida com os alunos da 5ª série A do Albano Franco, tenha certeza disso.

Como pontos positivos é possível relacionar:

o intercâmbio entre pessoas de realidades sociais diferentes;
o conhecimento das realidades de ambas as turmas a partir de uma conversa internauta;
a utilização da tecnologia numa ação pedagógica de forma interativa;
a aquisição de conhecimentos de determinados temas a partir das idéias e experiências trocadas entre os alunos da Nossa Escola e do Albano Franco;
O encontro entre ambas as turmas depois de um período de comunicação via internet, na Nossa Escola;
a experimentação da informatização por parte dos alunos do Albano Franco.

Pontos negativos:

- a falta de experiência dos alunos do Albano em usar o computador, o que dificultou a produção dos e-mails;
- o tempo reduzido para cada aluno utilizar o computador;
- a impossibilidade dos alunos da Nossa Escola em vim visitar os alunos do Albano no Santa Maria.
- a não continuidade da ação.

A utilização da informática nesta ação interacional, foi de suma importância. Pois, possibilitou uma inovação para aquisição de conhecimentos e produção de textos por parte dos alunos, principalmente os do Santa Maria. Isso provou que a tecnologia pede novos paradigmas em relação à educação desenvolvida com os alunos de hoje. Desta forma, é importante possibilitar aos alunos não somente a utilização do computador no processo de ensino, como também a utilização de qualquer mídia existente no contexto escolar

Portanto, sugiro que projetos como este seja cada vez mais desenvolvido nos âmbitos escolares, fazendo a ponte entre alunos de realidades e culturas que se diferem. É a própria participação dos alunos que vai melhorar e sugerir incrementos a este e a qualquer outro projeto, visto que, são cheios de criatividade.

Solange Villas Boas

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)